

**ELEVADO TAGUATINGA CULTURAL**  
memórias em suspensão

# ELEVADO TAGUATINGA CULTURAL

## memórias em suspensão

Trabalho final de graduação em Arquitetura e Urbanismo  
Caderno final

Autora  
Bárbara Helena Cunha de Sousa Barbosa  
18/0116967

Orientador  
Ricardo Trevisan

Banca  
Elane Ribeiro Peixoto  
Camilla Sant'anna

Brasília  
2/2021

BARBOSA, Bárbara Helena Cunha de Sousa.  
Elevado Taguatinga Cultural: memórias em suspensão

Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo  
(Departamento de Projetos, Expressão e Representação)  
Universidade de Brasília

Orientador: Ricardo Trevisan

Palavras-chave:

1. Arquitetura 2. Urbanismo 3. Equipamento urbano  
4. Brasília 5. Candangos 6. Taguatinga



# RESUMO

O projeto de diplomação propõe um resgate histórico de eventos que ocorreram em Brasília antes mesmo de sua inauguração, buscando representar os operários e trabalhadores que contribuíram na construção da capital e lutaram por moradia no território. Propõe, então, além de um projeto como forma simbólica e de representação, o debate sobre tempo, memória e cidade.

Palavras-chave: 1. Arquitetura 2. Urbanismo 3. Equipamento urbano 4. Brasília 5. Candangos 6. Taguatinga

Primordialmente, às mulheres da minha família, minhas duas mães, Emeri Cunha de Sousa e Francisca Cunha de Sousa, por sempre encorajarem minhas decisões e por possibilitarem o sonho de ser universitária na Universidade de Brasília, por todas as ajudas financeiras e emocionais, vocês sempre foram meu exemplo. Também a minha avó, Maria Cunha, matriarca da família, uma mulher nordestina que encarou de frente todos os desafios da vida para vir a Brasília na tentativa de ter uma vida melhor e mais confortável, e minha tia, Márcia Cunha de Sousa, que sempre me apoiou e nunca me negou ajuda. Nenhuma pessoa dessas gerações pode ingressar em um ensino superior público, é de grande impacto ser a filha, a sobrinha e a neta que foi a primeira a superar essa barreira dentro da universidade.

À minha filha, Laura Sousa, que nunca compreendeu muito bem sobre eu ser mãe solo, as minhas rotinas exaustivas dentro da universidade e todas as escolhas que eu tive que fazer para nunca abdicar dos meus estudos. Eu faço parte da estatística brasileira de ter sido mãe na adolescência, e apesar de todas as dificuldades, consegui ir adiante e concluir uma graduação, onde muitas se perdem no caminho por falta de oportunidade e apoio familiar e emocional.

Aos meus amigos que estiveram comigo e que sempre me apoiaram, me fizeram feliz e foram meus pontos de força em momentos difíceis. Primeiramente, Isabella Bottino e Matheus Bastos, que me acompanham desde o ensino fundamental e me ampararam no momento mais difícil da minha vida. Aos amigos do curso de História, Mateus Siqueira, meu anjo da guarda e confidente, e Pedro Moraes. Aos meus amigos da Arquitetura, Pedro Antunes, meu irmão de outras vidas, Manuela Machado, à todas as mulheres que participaram comigo do Coletivo Feminista Mayumi Lima, em especial, Letícia Maria e Amanda Carvalho, ter participado de um coletivo feminista na minha faculdade foi engrandecedor para mim, sou muito grata por tido essa experiência ao lado de mulheres tão incríveis. Às minhas “amigas-primas”, Bruna Sousa, Maria Fernanda Cunha e Geovana Lara, ter vocês como minha família e como minhas amigas é muito maravilhoso para mim.

Ao meu namorado, Rodolfo Sprenger, por ter me apoiado, escutado, encorajado e ajudado nos momentos felizes e difíceis.

Obrigada por reconhecer o melhor em mim e me acompanhar em todos os meus sonhos, por mais complicados que eles sejam.

Aos professores excelentes que essa universidade possui, principalmente aos que cruzaram e marcaram minha trajetória. À Patrícia Silva Gomes, minha primeira orientadora de Pesquisa de Iniciação Científica, por ter ensinado tudo o que eu sei sobre a vida e pesquisa acadêmica. Ao meu orientador, Ricardo Trevisan, que conheci no terceiro semestre da faculdade e me encantei à primeira vista, que além de ser um professor excelente, é um ser humano incrível, obrigada por ter me guiado e me apoiado no momento mais feliz e importante da minha vida.

À Universidade de Brasília, lugar que me moldou como um ser humano melhor, propiciou inúmeros debates e que me fez ficar atenta a várias causas sociais. Foram aulas, atividades de extensão, palestras, ocupações estudantis, semanas universitárias, happy hours, entre-aulas no ceubinho, pesquisas de iniciação científica, enfim, muitas oportunidades de engrandecimento que só a UnB pode proporcionar. Desde que a conheci, em um passeio de ensino médio, sonhei em estudar aqui, a universidade pública tem uma potência indescritível que só quem vivencia pode conseguir ter noção da sua magnitude. Sem a UnB eu nada seria, serei eternamente grata por tudo que vivi e o ensino que tive, tenho muito orgulho de fazer parte e ser uma das filhas dessa instituição.

## ~~Tudo aqui é sobre nossas histórias.~~

Ao longo da minha trajetória na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, além da curiosidade em estudar o Plano Piloto, suas concepções e conceitos, também me foi despertado a história do outro lado, da conformação da Brasília “não-planejada”, o território dos enxotados pelo Estado.

Não só não resido na Brasília de Lucio Costa, como também sou filha e neta de migrantes nordestinos, que vieram até aqui na esperança da construção de um futuro melhor, minha família é a representação do Candango que viu em Brasília uma nova oportunidade, e que de fato, conseguiu construir tudo isso sob muito suor e esforço, assim como todos os outros também o fizeram.

Por conta desses fatores e motivações pessoais, sempre tive muita certeza de que não iria elaborar um projeto de diplomação dentro da área do Plano Piloto, não só por achar que a Região Administrativa e o Conjunto Urbanístico de Brasília já usufrui de muitos privilégios porque é a parte no território em que mais se destinam bons projetos arquitetônicos e urbanísticos, como também decidi, enquanto **quase** arquiteta e urbanista, que não iria reforçar a centralidade dessa área, creio que já fazem isso demais. Também não tenho nada contra e não julgo quem o faz, no fim, nossas escolhas e vontades partem de um lugar que é nosso, um lugar íntimo e pessoal, uma construção diária do nosso ser e da vida que construímos.

Nasci e cresci parte da minha vida em Ceilândia, minha família é “ceilandense”, e até o momento presente resido em Taguatinga. Para mim, essas duas cidades possuem centralidades muito próprias, lugares com muita força, seja econômica ou no campo simbólico, porque possuem em sua história as marcas de decisões estatais de despejo de um povo que quis ser negado pelo Estado, que não deveria habitar o Plano Piloto tão preservado e valorizado. Por conta desse outro motivo, isso foi parte do meu processo de escolha sobre o lugar do meu projeto.

Acabei optando por Taguatinga, primeiro por conta de ter descoberto um evento histórico interessantíssimo sob minha ótica enquanto mulher, que foi a revolta das lavadeiras, no ano de 1960, e porque apesar de ser um polo econômico e comercial muito forte, ainda é a Região Administrativa que mais se desloca para o Plano Piloto. O meu projeto surge com essa vontade de reforçar essa centralidade pré-existente da cidade, bem como a narrativa do passado esquecido nesse lugar.

No final, consegui juntar tudo o que mais queria: um projeto em uma área fora do centro privilegiado (Plano Piloto), tentar representar o povo candango que tanto lutou e construiu essa capital, também representar minha família e sua história, e reforçar outras centralidades necessárias nessa cidade (que também incentivo que sejam feitos em outros lugares). Creio que será um caminho prazeroso, tanto como arquiteta e urbanista, quanto para o meu eu pessoal.



# LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

<b>AMB</b>	Área Metropolitana de Brasília
<b>APA</b>	Área de Proteção Ambiental
<b>DF</b>	Distrito Federal
<b>EPTG</b>	Estrada Parque Taguatinga
<b>GDF</b>	Governo do Distrito Federal
<b>EPCL</b>	Estrada Parque Ceilândia
<b>EPCT</b>	Estrada Parque do Contorno
<b>EPIA</b>	Estrada Parque Indústria e Abastecimento
<b>EPNB</b>	Estrada Parque Núcleo Bandeirante
<b>EPTG</b>	Estrada Parque Taguatinga
<b>JK</b>	Juscelino Kubitschek
<b>LUOS</b>	Lei de Uso e Ocupação do Solo do Distrito Federal
<b>NOVACAP</b>	Companhia Urbanizadora da Nova Capital
<b>PDAD</b>	Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios
<b>PDTU</b>	Plano Diretor de Transporte Urbano e Mobilidade do Distrito Federal e Entorno
<b>RA</b>	Região Administrativa
<b>SEDUH</b>	Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação
<b>UH</b>	Unidade Hidrográfica

Figura 1: Mapa de evolução urbana da região central de Taguatinga

Figura 1.1: Mapa do setor central de Taguatinga

Figura 1.2: Mapa de espaços da memória candanga em Brasília.

Figura 2: Localização da RA Taguatinga no DF.

Figura 2.1: Conexão da RA Taguatinga com a Área Metropolitana de Brasília (AMB).

Figura 2.2: Conexões viárias em Taguatinga.

Figura 2.3: Localização do projeto de diplomação.

Figura 2.4: Distribuição da população por sexo em Taguatinga.

Figura 2.5: População por faixa etária e sexo.

Figura 2.6 Raça/cor de pele.

Figura 2.7: Percentual de pessoas que nasceram no DF.

Figura 2.8: Distribuição segundo o estado de nascimento das pessoas que vieram de fora do DF.

Figura 2.9: Distribuição da Região Administrativa/Município onde a escola que estudam está situada.

Figura 2.10: Distribuição do principal meio de transporte da casa até a escola.

Figura 2.11: Meio de transporte utilizados para deslocamento até o trabalho principal.

Figura 2.12: Distribuição do rendimento bruto do trabalho principal por faixas de salário mínimo.

Figura 2.13: Distribuição da escolaridade da população com 25 anos ou mais.

Figura 2.14: Distribuição do local em que as pessoas exercem seu trabalho principal.

Figura 2.15: Distribuição do setor de atividade da empresa em que as pessoas exercem seu trabalho principal.

Figura 2.16: Mapa de legislação.

Figura 2.17: Mapa de cheios e vazios.

Figura 2.18: Mapa de uso do solo.

Figura 2.19: Mapa de lotes vazios.

Figura 2.20: Mapa de equipamentos urbanos.

Figura 2.21: Mapa de centralidades.

Figura 2.22: Mapa de gabaritos.

Figura 2.23: Mapa de topografia, condicionantes climáticos e corte urbano.

Figura 2.24: Mapa de hierarquia viária.

Figura 2.25: Mapa de mobilidade.

Figura 2.26: Mapa de fluxos.

Figura 2.27: Mapa de áreas verdes.

Figura 2.28: Mapa de hidrografia.

Figura 3: Nautilus - TEN + NGO City Creative Network.

Figura 3.1: Renovação no Distrito da Caverna de Tianbao - Jiakun Architects.

Figura 3.2: Huentitán Natural Park - Pavilion - Alejandro Guerrero e Andrea Soto.

Figura 3.3: Fast Horse - Salmela Architect.

Figura 3.4: Teatro Oficina - Lina Bo Bardi e Edson Elito.

Figura 3.5: D house - Kientruc O.

Figura 3.6: Screen House - Warc Studio Architects.

Figura 3.7: Nest We Grow - Faculdade de Projeto Ambiental UC Berkeley + Kengo Kuma & Associates.

Figura 3.8: Pavilhão Flutuante - Shen Ting Tseng architects.

Figura 3.9: Huda Restaurant - Beijing INX DESIGN Co.

Figura 3.10: Espaço Cultural de La Hague - Peripheriques Architectes + Marin + Trotti Architects.

Figura 3.11: "Playful Stairs" - Constant Nieuwenhuys.

Figura 3.12: SAI project - Moon Hoon.

Figura 3.14: Expo Milão 2015: Pavilhão do Brasil - Studio Arthur Casas + Atelier Marko Brajovic.

Figura 3.15: Serpentine Pavilion - Sou Fujimoto.

Figura 3.16: 'causes toujours! du hashtag à la rue' - studio 5-5.

Figura 3.17: Escola South Harbor - JJW Arkitekter.

Figura 3.18: Pavilhão Flutuante - Shen Ting Tseng architects.

Figura 3.19: Fellini of Fashion - Alexandre de Betak.

Figura 3.20: Venice Fog - Larry Bell.

Figura 3.21: W3-Dimensional Solo Show - Felipe Pantoner.

Figura 3.22: Artificial Intelligence & You Exhibition - Some Place Studio.

Figura 3.23: Hub-1 e Hub-2 - Do Ho Suh.

Figura 3.24: Etherea - Edoardo Tresoldi.

Figura 3.25: 'causes toujours! du hashtag à la rue' - studio 5-5.

Figura 4: Tabela do programa de necessidades do projeto.

Figura 4.1: Croquis de elaboração de partido.

Figura 4.2: Zoneamento do projeto e corte esquemático.

# SUMÁRIO

<b>14</b>	Introdução
<b>15</b>	<b>PARTE I: TEMA E JUSTIFICATIVA</b>
<b>16</b>	Da invasão à grande cidade: Contexto histórico de Taguatinga
<b>24</b>	A memória e o tempo na cidade
<b>29</b>	Espaços da memória candanga em Brasília
<b>31</b>	<b>PARTE II: ÁREA DE INTERVENÇÃO</b>
<b>32</b>	Localização
<b>35</b>	Justificativa do lugar
<b>36</b>	Caracterização
<b>53</b>	<b>PARTE III: REFERÊNCIAS</b>
<b>54</b>	Referências projetuais
<b>64</b>	Estudo de caso: High Line de Nova Iorque
<b>69</b>	<b>PARTE IV: CONCEPÇÃO</b>
<b>70</b>	Conceito
<b>71</b>	Diretrizes projetuais
<b>72</b>	Programas de necessidades
<b>73</b>	Fluxograma
<b>74</b>	Partido
<b>75</b>	Zoneamento
<b>76</b>	<b>PARTE V: PROJETO</b>
<b>78</b>	Urbanismo
<b>82</b>	Grande escala
<b>110</b>	Pequena escala
<b>122</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>

Brasília é resultado das decisões tomadas sobre o espaço abstrato, o que pode ser observado tanto no plano varguista, de marcha para o oeste, quanto juscelinista, do sonho do Brasil grande, que queimaria etapas e se modernizaria 50 anos em cinco, quanto ainda pelo seu desenho de poder, expresso pelo seu criador, Lúcio Costa, já no ato inaugural - “nasce do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz” (CODEPLAN, 1991).

As primeiras iniciativas de planejamento de Brasília determinaram que, por premissas de proteção dos mananciais, do Lago Paranoá e do conjunto monumental, a capital deveria crescer por cidades-satélites implantadas a distâncias não inferiores a 15 km do Plano Piloto, e a ele conectadas por Estadas-Parques (PAVIANI, 2010); esses tecidos seriam separados por um cinturão sanitário-bucólico, conformando um verde estrutural.

Taguatinga (RA III) foi a primeira cidade fundada fora do Plano Piloto, em 05 de junho de 1958, com 25 Km de distância do centro planejado. Foi criada com o intuito de descongestionar o centro e abrigar a população proveniente dos aglomerados humanos, na época denominados de invasores, que vinham se formando em 1959/1960 na área urbana de Brasília. A cidade acolheu a população que se retirava da Vila Amaury, núcleo operário localizado na área ocupada pelas águas do lago Paranoá, e da população que ocupava um assentamento informal próximo ao Núcleo Bandeirante, a Vila Sarah Kubitschek (ARQUIVO PÚBLICO, 1976; BANDUCCI, 2021). A RA não foi a primeira região a se formar no território brasiliense, porém, foi a primeira a ser regularizada como tal.

A cidade reproduz uma representação do que foi a ocupação de Brasília, povoada por trabalhadores da construção civil (apelidados de Candangos), em sua maioria vindos do interior

do Nordeste do país (BANDUCCI, 2021), que lutaram por moradia no território, uma vez que foram expulsos do centro projetado - o Plano Piloto. Além disso, é uma cidade permeada de eventos históricos.

A partir disso, o projeto de diplomação propõe um resgate histórico de eventos que ocorreram em Brasília antes mesmo de sua inauguração, buscando representar os operários e trabalhadores que contribuíram na construção da capital e lutaram por moradia no território.

**PARTE I**  
tema e justificativa

## CONTEXTO HISTÓRICO DE TAGUATINGA

Brasília é resultado das decisões tomadas sobre o espaço abstrato, o que pode ser observado tanto no plano varguista, de marcha para o oeste, quanto juscelinista, do sonho do Brasil grande, que queimaria etapas e se modernizaria 50 anos em cinco, quanto ainda pelo seu desenho de poder, expresso pelo seu criador, Lúcio Costa, já no ato inaugural - “nasce do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz” (CODEPLAN, 1991).

Contudo, a cidade desenhada para as representações do poder e para a programação da sociedade, vai ser habitada por pessoas comuns, oriundas de diversas partes do país, que migrariam para a “capital esperança”. Essa multidão metropolitana de anônimos, corpos errantes, forja, em sua práxis cotidiana no espaço, formas de uso, apropriação e vinculação afetiva à cidade, que podem confirmar o desenho moderno, ou desenvolver-se contra ele ou apesar dele.

Com efeito, as primeiras iniciativas de planejamento de Brasília determinaram que, por premissas de proteção dos mananciais, do Lago Paranoá e do conjunto monumental, a capital deveria crescer por cidades-satélites<sup>1</sup> implantadas a distâncias não inferiores a 15 km do Plano Piloto, e a ele conectadas por Estadas-Parques (PAVIANI, 2010); esses tecidos seriam separados por um cinturão sanitário-bucólico, conformando um verde estrutural.

Segundo Paviani (2011), as regiões administrativas foram se constituindo com usos residenciais e comerciais, porém com dependência do Plano Piloto quanto à procura de empregos e serviços. Sendo assim, o cotidiano da periferia ainda se resume em constantes deslocamentos pendulares casa-trabalho.

As primeiras cidades-satélites seriam inauguradas antes mesmo do Plano, apesar de Lúcio Costa prever a sua criação somente depois que o Plano

Piloto atingisse cerca de 500 mil habitantes, fazendo com que a utopia social de integração de classes no Plano não se confirmasse. Adicionalmente, frente ao problema de abastecimento dos acampamentos de obras, ou mesmo da necessidade de fixação dos migrantes ao território, desde 1957, o Governo Federal promoveu a concessão de lotes rurais, por longo prazo, para a formação de colônias agrícolas (DERNTL, 2019).

Derntl (2019) assinala que, na medida em que as novas urbanizações foram sendo criadas, adotava-se o desenho do moderno periférico (HOLANDA, 2003), que reproduz o zoneamento funcionalista, mas longe da monumentalidade do conjunto do poder. Enquanto isso, havia a extensão periférica das cidades-satélites, em desenhos populares ou assentamentos precários, e a proliferação de condomínios fechados, como alternativa de moradia da população de média renda, que não queria morar nas cidades-satélites, mas não conseguia acessar o Plano; além da dispersão da mancha urbana pelo entorno goiano, onde a atuação do solo privado representaria a possibilidade de acesso ao pedaço de chão na metrópole brasileira pelos segmentos populares - todo esse conjunto conforma hoje a denominada Área Metropolitana de Brasília (AMB).

Desse modo, a pretensão inicial de formação de uma rede urbana policêntrica, que pudesse contrabalançar o Plano Piloto é contrastada pela formação de núcleos urbanos dormitórios, carentes de uma base econômica diversificada e de equipamentos coletivos mais qualificados, passando a depender, cotidianamente, de grandes deslocamentos para acessar alternativas de emprego, saúde, educação e lazer melhor estruturados, enfim, o “direito à cidade”, negado em seus territórios (PAVIANI, 2010). Assim, a cidade concebida para a manifestação do poder político ao se transmutar em metrópole dispersa, segregada e fragmentada, expõe os limites do desenho como

<sup>1</sup> Considerando que as antigas cidades-satélites, atualmente denominadas de cidades ou regiões administrativas, constituem uma rede policêntrica e dispersa, que conforma a metropolização do território mais ampla, forjando um emaranhado de fluxos cotidianos por esses espaços, embora com a primazia do Plano Piloto. Derntl (2019) observa que o termo cidade-satélite foi institucionalmente banido em razão da conotação negativa, reveladora de uma desigualdade socioespacial, bem como pela tentativa de fazer destas cidades dinamicamente independentes, como no congêneres inglês da cidade-jardim.



manifestação da técnica, enquanto gera o cidadão metropolitano.

Taguatinga (RA III) foi a primeira cidade fundada fora do Plano Piloto, em 05 de junho de 1958, com 25 Km de distância do centro planejado. Foi criada com o intuito de descongestionar o centro e abrigar a população proveniente dos aglomerados humanos, na época denominados de invasores, que vinham se formando em 1959/1960 na área urbana de Brasília. A cidade acolheu a população que se retirava da Vila Amaury, núcleo operário localizado na área ocupada pelas águas do lago Paranoá, e da população que ocupava um assentamento informal próximo ao Núcleo Bandeirante, a Vila Sarah Kubitschek (ARQUIVO PÚBLICO, 1976; BANDUCCI, 2021). A RA não foi a primeira região a se formar no território brasileiro, porém, foi a primeira a ser regularizada como tal.

De acordo com Banducci (2021), a implantação se deu por conta do processo de remoção e realocação das populações dos assentamentos informais e se situava às margens da estrada que liga Brasília à Anápolis - GO (atualmente EPNB). Segundo a autora, esse local de implantação se deu por conta da proximidade com Anápolis e a Cidade Livre, locais que recebiam diariamente novos migrantes e bens materiais para construção e consumo. Segundo Juscelino Kubitschek, presidente do Brasil na época, a cidade representava a primeira favela de Brasília, onde os habitantes moravam de maneira precária, em barracões de madeira, lata, folhas de zinco e saco de cimento (BANDUCCI, 2021; KUBITSCHKEK, 1974).

A cidade reproduz uma representação do que foi a ocupação de Brasília, povoada por trabalhadores da construção civil (apelidados de Candangos), em sua maioria vindos do interior do Nordeste do país (BANDUCCI, 2021), que lutaram por moradia no território, uma vez que foram expulsos do centro projetado - o Plano Piloto.

A criação de Taguatinga é

permeada de eventos históricos. Em 1958, Ernesto Silva, diretor da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP) narra uma ocasião em que moradores da Vila Sarah Kubitschek reuniram-se com Juscelino para reivindicar pela fixação de suas moradias no assentamento, com faixas e palavras de protesto. O presidente da NOVACAP, por conta disso, teria falado aos moradores que seria determinado a criação de uma cidade-satélite para que fossem transferidos. Tal evento, seria o marco histórico inicial da criação de Taguatinga. Segundo o Arquivo Público do Distrito Federal, nesse ano surgiram os primeiros loteamentos ocupados (setores QNA, QNB, QNC, parte do setor central, QSA, QSB, QSC) (ARQUIVO PÚBLICO, 1976).

Em 1960, a cidade foi cenário de um outro evento, “A revolta das lavadeiras” ocorreu no acampamento da Novacap, onde mulheres organizaram um motim, após a ameaça de retirada da bomba d’água que abastecia todos os

barracos que se instalavam no local para abastecer a residência do prefeito Israel Pinheiro. A revolta, de iniciativa feminina, expulsou a polícia e funcionários da Novacap que foram ao local retirar a bomba ou conter a confusão, e conseguiu tanto holofote, que chamou atenção de um senador, e logo depois, de Sarah Kubitschek, esposa do Presidente da República à época, Juscelino Kubitschek. Por fim, a revolta foi efetiva e lhes foi garantido o direito de posse da bomba d’água.

Figura 1: Mapa de evolução urbana da região central de Taguatinga.

Fonte: Geoportal Segeth, adaptado pela autora (2021).

■ 1960  
■ 1964  
■ 1975  
■ 2009



Também durante esse período, surgiram duas ocupações na cidade não previstas pelo governo, a Vila Matias e Vila Dimas, ambas localizadas em Taguatinga Sul. A primeira ocupação surgiu no final de 1959, liderada por Raimundo Matias, e a segunda, em 1962, liderada por Dimas Leopoldino da Silva (BANDUCCI, 2021). Essas ocupações foram e ainda são partes do passado histórico da cidade, e essas vilas ainda são referenciadas pela população local com esses nomes, atestando uma narrativa não esquecida do lugar que foi constituído posteriormente.

Por conta de todos esses eventos, nota-se que a cidade fora ocupada por meio de demandas e reivindicações sociais, sendo a população o principal protagonista nesse processo.

### O termo “Candango” e sua ligação histórica

Os movimentos migratórios facilitam uma convergência de culturas e estilos de vida, dando lugar a novos perfis identitários (Béu, 2007). Em Brasília, a migração de outros Estados criou um novo sentido de identidade no território, além de desde o início, ser muito influenciada por uma lógica de identidade nacional promovida por JK.

Segundo Béu (2007), a categoria “candango” dá nome aos “operários da construção civil, “peões” de obra, trabalhadores braçais, em sua maioria de pouca escolaridade, ocasionalmente, analfabetos, que chegaram a Brasília na segunda metade da década de 1950 para a construção da capital. Por consequência de decisões estatais que reproduzem uma lógica de poder dominante, tal população foi deslocada para núcleos periféricos. O Estado, então, demarcada desde o início de Brasília uma gestão de política urbana que privilegia as classes sociais mais favorecidas em detrimento do social.

A palavra candango é uma variação de candongo, da língua quimbundo, vinda da região do sudoeste da Angola, e que à época, também era utilizada de maneira depreciativa contra os colonizadores do continente. Ao serem traficados para o Brasil, os africanos mantiveram o sentido pejorativo da palavra para se referir aos senhores portugueses, e futuramente aos brasileiros. Com o tempo, a palavra foi se adaptando, virou sinônimo de cafuso, mestiço, mameluco e negro; depois passou a abranger de maneira genérica das populações pobres do interior do país, que futuramente povoariam Brasília e seriam denominadas com esse nome (HOLSTON, 1993; BÉU, 2007).

Holston (1993), discorre sobre o uso da denominação “bandeirantes do Século XX” ao estudar sobre os termos de identidade utilizados com os Candangos. Segundo o autor, existiriam duas categorias entre os anos de 1956-1960: os “pioneiros” e os “candangos”. O primeiro termo, se referia aos primeiros que chegaram no Planalto Central e seriam os funcionários, técnicos, comerciantes, agricultores, com a exclusão dos “peões” de obra na construção. O segundo, então, corresponderia a essas pessoas, e possuía sentido depreciativo.

Posteriormente, o termo Candango seria enaltecido por JK, por fins políticos e de poder coercitivo, para incentivar os trabalhadores que eram explorados na construção e se submetiam a rotinas abusivas de trabalho. Segundo Béu (2007), era corriqueiro que o presidente fosse aos canteiros de obras e proferisse palavras de incentivo aos trabalhadores, isso não só acobertava essas situações de exploração, como também exercia um papel de controle nos trabalhadores, incentivando-os a se submeterem a isso em prol de um bem maior para a nação.

Holston (1993) ainda cita um outro termo identitário, “piotário”. Inicialmente, seria criado para representar os “novos burocratas” que chegavam na cidade. Posteriormente, foi utilizado

por ex-operários da época da construção, uma vez que se utilizavam da palavra para ilustrar uma crítica a um Estado que os esquecera, a palavra seria uma junção de pioneiro e otário.

### A exploração do Candango em Brasília

Como forma de memória histórica e social, serão apresentados trechos encontrados na dissertação de mestrado de Edson Béu Luiz, “Os filhos dos Candangos: exclusão e identidades”, bem como na obra do livro “A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia”, de James Holston, a fim de montar um relato direto de eventos que aconteceram em Brasília.

Os operários adotavam o conhecido “ritmo de Brasília”, que significava trabalhar trinta e seis horas por dia, isto é, doze horas durante o dia, doze à noite e outras doze correspondentes ao entusiasmo dos peões de obra (Holston, 1993; Béu, 2007).

.....

Depoimentos de candangos obtidos por Ribeiro (1980), Sousa (1983) e Beú (2006) testemunham o nível de sujeira e desconforto reinantes nos alojamentos de operários. A mesma condição de insalubridade se verificava nas cantinas, onde era servida a boia. O ex-operário Edgard de Paula Viana relata que havia todo tipo de “porcaria” nas panelas. Por isso, as diarreias eram constantes. O candango ainda se lembra de um surto de infecção intestinal que ganhou contornos de verdadeira epidemia. Com medo de o mal se alastrar pelos demais acampamentos e comprometer o andamento das obras, as autoridades ordenaram a distribuição de um medicamento aos operários, que deveriam ingeri-lo diariamente, antes das principais refeições: “Era um líquido amarelo, embalado em um tubinho de vidro. Acho que se chamava Lactobiosine. Fazia dó ver, porque, da barriga dos peões só saía água e sangue”, afirma o depoente. (Béu, 2007, p.50).

.....

“Massacre policial: sangue de operários jorrou em Brasília” – estampou em primeira mão O Popular, referindo-se à ação dos gebianos. Segundo o jornal goiano, dezenas de policiais armados de metralhadoras invadiram o acampamento por volta das onze e meia da noite. “No mesmo ritmo em que desciam do seu veículo<sup>31</sup>, os milicianos, sem ao menos tomar conhecimento do que sucedia, foram disparando suas armas contra a multidão de operários”, dizia a reportagem publicada na edição de terça-feira, 10 de fevereiro. Vários jornais, inclusive os da chamada grande imprensa, noticiaram o fato com alguns dias de atraso devido à precariedade dos meios de comunicação. (Béu, 2007, p.51-52).

.....

Eu vi um caminhão saindo cheio de gente morta. Ia para mais de oitenta pessoas. Foram jogados uns por cima dos outros. Dizem que um trator cavou uma vala e jogou o pessoal lá dentro. Ninguém sabe onde, mas acho que naquela época só tinha cemitério em Planaltina. Tudo começou por causa de um bandeirão de comida. Teve a maior confusão. Mas quando eu saí pra Cidade Livre, à tarde, já estava tudo calmo. Parecia que não tinha mais nada. Quem ficou sem comida, foi comer marta-rocha<sup>35</sup>, porque quem não era muito comedor e comia uma marta-rocha daquela, estava jantado. A maior covardia que achei e que muita gente também achou é que a GEB já pegou o pessoal todo dormindo (Damião, apud BEÚ, 2006, p. 78, 79 e 80).

A maioria dos acidentes acontecia na hora da concretagem. A correria era maior, porque o cimento não podia passar do ponto. A empreiteira chamava todos quebra-galhos, gente que nunca tinha visto um martelo. Quando o bico da laje quebrava, saía derrubando operário de andar em andar até chegar lá embaixo. Mais do que depressa, o encarregado, sujeito responsável pela obra, jogava um pedaço de lona em cima para ninguém identificar o corpo. E a mulher, coitada, ficava lá no Norte com os filhos, pensando que tinha sido abandonada pelo marido (Cosme, apud BEÚ, 2006, p. 51).

.....

Do jeito que eles construíram aquele 'Vinte e Oito', principalmente a estrutura, foi um troço criminoso. Porque ali teria que fazer um abajur (...) Abajur é uma cerca que você faz por fora (...) E ali não tinha nada. Então, era soltinho. Inclusive o teste que fazia ali era o sujeito andar em cima de uma viga de 15 centímetrozinho (...) com uns dez metros de altura. Se o sujeito passasse nela, passava no teste. Podia ser ele analfabeto. (Béu, 2007, p.57).

.....

Foi a gente que fez a fundação do Congresso Nacional. O que eu conheço por Congresso Nacional é aquele prédio que parece um cuscuz, todo redondinho. Nosso alojamento ficava no lugar onde hoje é a rampa. Primeiro, a máquina cavava o buraco. Depois, a gente descia agarrado num cabo de aço, junto com um balde, pra tirar o resto de terra que tinha ficado lá embaixo. A fundura variava, era quinze, vinte, trinta metros... O "Vinte e Oito" foi bem uns quarenta metros de chão adentro. Quando eu terminava de encher o balde, dava um sinal para o peão lá em cima puxar. Era um sobe-desce danado. Depois de tudo limpo, eu subia de volta, agarrado no balde. Na subida, eu ia rodando igual um parafuso, porque o corpo ia batendo de lado no buraco. Saía todo sujo de lama, igualzinho um tatu. De lá, fui trabalhar na Rodoviária, na construção dos ministérios, na Torre de Televisão e em muitos outros lugares. Se morria gente? Vixe! Só no Hospital Distrital (Hospital de Base), vi morrer treze pessoas de uma vez (Otacílio) (Béu, 2007, p. 57-58).

Algo bem mais grave do que extrapolar jornadas de trabalho, porém, acontecia fora dos limites dos canteiros de obra: trata-se do tráfico de mão-de-obra escrava. A mando de fazendeiros da chamada Região do Entorno, aliciadores saíam de caminhão até o interior do Nordeste, oferecendo salários generosos àqueles que se dispusessem a trabalhar na construção da nova capital. Para estimulá-los, custeavam-lhes as despesas de uma viagem geralmente sem volta. Porque, antes de chegar a Brasília, o motorista mudava sorrateiramente o itinerário e se embrenhava pelo interior do vasto e ainda não dividido Goiás e, em alguns casos, pelo Mato Grosso, onde entregavam a “encomenda” aos patrões. Reféns de dívidas extorsivas, que lhes eram imputadas na chegada, os retirantes eram submetidos a um regime de trabalho escravo, sem possibilidade de fuga, isolados que estavam na imensidão dos latifúndios e, ainda, vigiados por capangas. “Quando alguém tentava reagir, o fazendeiro chamava logo o quebrador de milho e dava um fim no sujeito” (...) O aliciamento de trabalhadores nordestinos para a região Centro-Oeste foi denunciado pela imprensa, segundo registra Ribeiro (1980), que reproduz notícias publicadas em jornais da época. A Tribuna da Imprensa, do Rio de Janeiro, edição de 05.01.1960, relatava que o tráfico de trabalhadores já se tornara rotina nas cidades vizinhas a Brasília. O preço de cada um variava de acordo com o estado físico. Os alfabetizados, coisa rara, valiam mais. Os aliciadores usavam até “modernos ônibus Mercedes Benz” para seduzir os sertanejos, segundo notícia publicada na mesma data pelo Correio da Manhã, também do Rio de Janeiro (Ribeiro, 1980) (Béu, 2007, p.59-60).

## O projeto e setor central de Taguatinga

Taguatinga é organizada em setores em relação às subdivisões intraurbanas e os quarteirões da cidade funcionam como quadras para os moradores (BANDUCCI, 2021). Os setores são formados por letras, tal como o Plano Piloto, e a referência à parte norte ou sul da cidade é identificado na segunda letra de composição do setor. Por exemplo, o setor CSA, se localiza na parte sul da cidade.

Como discorre Banducci (2021) e Holanda (2016), a cidade possui morfologia semelhante ao modernismo do Plano Piloto, caracterizando-a como “modernista periférica”. Nota-se isso no setor central por conta de desenhos de quadras abertas que possibilitam o caminho dos pedestres, com setorizações funcionais e áreas públicas residuais.

O setor central é composto

pelo setor C e sua ocupação se deu a partir da década de 1958 (ARQUIVO PÚBLICO, 1976), sua morfologia é composta por quadras abertas e fechadas ortogonais, com forma de lote ortogonal. A avenida é a de maior dimensão da RA, com cerca de 75 metros, os lotes da proximidade possuem grandes recuos com largas calçadas, com aproximadamente 30 metros. A avenida também possui um canteiro central arborizado, com vias secundárias que coletam o fluxo de veículos e fazem a distribuição para os demais setores (BANDUCCI, 2021).



Figura 1.1: Mapa do setor central de Taguatinga.

Fonte: Geoportal Segeth, adaptado pela autora (2021).

A memória, além de estar intrinsecamente conectada às nossas atividades biológicas, diz respeito às nossas construções individuais ou coletivas, por muitas vezes, também se relaciona diretamente com a História, uma vez que o seu estudo se comporta como fonte historiográfica e como forma de justiça histórica e social. Inclusive, se molda enquanto algo tão poderoso que é utilizada como instrumento de oposição à movimentos negacionistas<sup>2</sup>.

Segundo Pollak (1992), a memória sofre mudanças constantes e possui conexão com o sentimento de identidade, justamente por conta de ser produzida socialmente e individualmente. De acordo com o autor, a memória individual e coletiva é constituída por três elementos: acontecimentos, pessoas ou personagens, e lugares. Os acontecimentos podem ser experimentados individualmente, de maneira direta ou indireta, e se vivenciados de acordo com o grupo social na qual pertencemos, conseguem produzir um imaginário forte, possibilitando até a sensação de participação daqueles que de fato não vivenciaram (a pessoa sente que vivenciou porque participa do grupo social que vivenciou). As pessoas ou personagens podem ser também conhecidas diretamente ou indiretamente, e ainda existem os fenômenos de projeção e transferência, em que ocorrem a formatação da memória individual ou coletiva. Já os lugares, exercem papel considerável na construção da memória, pois são capazes de “servir de base a uma lembrança de um período ou fato que a pessoa viveu pessoalmente” (MORAES, 2008; POLLAK, 1992).

Halbwachs (2004) evidencia a memória como um meio disseminador de cultura e elemento formador de identidades, também diferencia a memória pessoal ou autobiográfica da social ou história. Segundo o autor, a nossa memória pessoal se fundamenta na social ou histórica porque a nossa história pessoal faz parte da história

geral, a nossa individualidade é construída por contextos históricos e as lembranças coletivas dão mais certeza às lembranças individuais (HALBWACHS, 2004; LUIZ, 2007).

O passado e o presente são transformados pela memória. Magalhães (2001) discorre sobre o passado ser transformado para não desaparecer no esquecimento, e o presente, para revelar “a possível realização de apelos negligenciados pelo passado”. Além disso, existe a capacidade de projeção e transferência, uma vez que uma geração perdura sobre a geração posterior o legado memorial de algo, formando um processo de construção de identidades (LUIZ, 2007; MAGALHÃES, 2004; THOMPSON, 1993).

A propósito, os conceitos que envolvem a definição e significado do que compõe a nossa identidade são múltiplos, uma vez que ela não é algo concreto, consensual e muito menos imutável. Não segue uma lógica racionalista instrumental porque é construída na subjetividade, por meio das diferenças, podendo elas serem feitas por sistemas simbólicos de representação ou pela exclusão social (BAUMAN, 2005; LUIZ, 2007; WOODWARD, 2000). “Identidade é aquilo que se é ou não em relação ao outro”, um fenômeno de inclusão ou exclusão, que envolve a ideia de pertencimento ou não pertencimento, podendo ele estar atrelado a uma noção territorial, fronteiras sociais e culturais (LUIZ, 2007; SILVA, 2000).

Apesar das fronteiras geográficas se comportarem como definidoras ou barreiras de um encontro de diferentes identidades, Silva (2000) salienta que os movimentos migratórios facilitaram a convergência de culturas e estilos de vida no mundo, causando novos perfis identitários, ora reivindicados, ora contestados. A globalização da economia intensificou esses fluxos migratórios, formando identidades subordinadas e hegemônicas. Apesar de também proporcionar pluralidade, também acabou caracterizando grandes

<sup>2</sup> O movimento negacionista se iniciou no pós-Segunda Guerra Mundial (MORAES, 2008) e deslegitima a existência de eventos históricos reais, exemplo disso, são os movimentos negacionistas do Holocausto, que ocorrem até hoje, tentando negar a existência dos crimes nazistas. Por conta disso, uma série de obras historiográficas biográficas de pessoas que vivenciaram o período histórico foram produzidas (Anne Frank, Pierre Seel, entre outras), a fim de utilizar a memória individual e coletiva (dos judeus) como justiça histórica.



“Não há ninguém no mundo, em nenhuma cultura, que não esteja conectado com a arquitetura e sua cidade, seu povoado, seu pequeno caminho por meio de sua memória. A memória é a grande incubadora das emoções e requer apenas um encontro repentino com um casal de pedras na rua, ou olhar para uma nuvem passando por um telhado, ou uma sombra lançada em seu caminho. De repente, você perceberá algo óbvio: tudo isso é o teatro do seu mundo, que lhe diz algo que se comunica por si próprio”

Daniel Libeskind Interview: The Voices of a Site, Louisiana Channel, tradução realizada pela autora).

desigualdades na sociedade. Segundo Woodward (2000), até as décadas de 1970 e 1980, os conflitos políticos se davam na esfera ideológica, atualmente, se dão por fins identitários. Em síntese, a significação da identidade para os seres humanos é cada vez mais importante e relevante no debate na sociedade, pois, não só é o catalisador de grandes conflitos, como também de grandes questões sociais (inclusive de como iremos nos comportar socialmente).

Com a transferência da capital para o interior do Brasil, Brasília sintetizou esse rompimento de barreiras geográficas entre Estados e regiões por conta do fluxo migratório que recebeu, e por consequência, aglutinou uma série de identificações em uma nova identidade. Isso, de fato, era justamente a intenção política dos dirigentes à época, porém, como todo processo identitário, esse não deixa de levar em conta as realidades de classe e raça, o que acabou por moldar os grupos sociais hegemônicos e subordinados, os pioneiros e os candangos, respectivamente. Para Holston (1993), o primeiro se referia aos funcionários, técnicos, comerciantes, agricultores, entre outros, com exceção dos pedreiros da construção civil, enquanto o pioneiro possuía sentido de honra, o termo candango tinha sentido depreciativo.

Posteriormente, o governo passaria a exaltar o papel dos operários, criando uma modificação semântica proposital do termo. Como estratégia de incentivo aos trabalhadores que estavam sendo explorados nos canteiros de obras, os candangos foram exaltados como heróis nacionais, sendo um símbolo da “capacidade de realização de um sonho”. Quando a transferência da capital foi oficialmente feita, as autoridades adotaram o termo brasiliense como oficial, e o termo candango, voltou a ser utilizado em sentido depreciativo para se referir aos moradores das cidades-satélites, e os brasilienses, os que ocupavam o perímetro urbano



“Worker from Nordeste shows his family the new city on inauguration day. In the background: the National Congress building by Oscar Niemeyer”, Brasília, Brasil, 1960, Rene Burri.



"Building Site", Brasília, Brasil, 1960, Rene Burri.



Barracões de trabalhadores durante a construção de Brasília. Arquivo Público do Distrito Federal ARPDF

projeto por Lucio Costa (HOLSTON, 1993; LUIZ, 2007).

Observa-se, então, a dissimulação de uma identidade de um povo em razão de motivos políticos e de classe, a transição figurativa dos candangos de Brasília se inicia em tom pejorativo e sofre ascensão por interesses políticos e econômicos, para que posteriormente volte a mesma representação depreciativa. Afinal, a população que habitou as cidades-satélites são pertencentes da mesma classe social dos pedreiros e operários. Ou seja, houve um movimento cíclico de um discurso de exclusão. Ao mesmo tempo, ao adotar a nomenclatura brasiliense, existe um silenciamento da identidade dos grupos sociais marginalizados, por mais que o termo candango se manifeste pejorativamente, a utilização do primeiro silencia o passado histórico desse discurso de exclusão, pois retira do seu rastro o início dessa diferença identitária entre grupos que se iniciou entre pioneiros e candangos.

Lidar com tais conflitos identitários é algo complexo, porém, que nos possibilita inúmeras discussões sobre as identificações de grupos sociais existentes na história, além disso, também permeia as noções de representação sobre eles. Etimologicamente, a representação "é um instrumento de conhecimento pelo qual um objeto ausente é visto e representado por meio de uma imagem" (LUIZ, 2007). Segundo Rajagopalan (2002), possui papel importante na construção de identidades, pois é por meio dela que novas identidades são afirmadas e reivindicadas. Além disso, as noções de identidade e representação tem ligações próximas com as relações de poder, as lutas de representação são tão importantes quanto as econômicas, pois nos possibilitam "a compreensão dos mecanismos utilizados por um grupo para impor sua concepção do mundo social, seus valores e seu domínio" (CHARTIER, 2002; LUIZ, 2007).

Uma vez que a representação se define como a imagem de algo (obje-

to ou ideia), impondo uma concepção de mundo perante a uma determinada ótica e por a identidade ser parte embrionária do que é o nosso ser e o grupo social na qual pertencemos, a arquitetura seria uma forma de representação dessas identidades, representando em formas urbanas determinadas lógicas de poder.

A cidade é o produto do simbolismo de identidades de uma classe predominante, por ser planejada por governantes e técnicos do conhecimento.

Lefebvre (1993) organiza o espaço social como o espaço da sociedade e da vida social, onde seus sujeitos devem se reconhecer ou se perder em um lugar que possam desfrutar e modificar. Esse espaço se organiza em uma relação dialética de tríade entre o percebido (práticas espaciais), o concebido (conceituado pelos técnicos do espaço) e o vivido (espaço de representação). O espaço concebido, denominado como abstrato, é o espaço da lógica dominante do poder.

Ao negarmos ou silenciarmos as vivências espaciais ocorridas em determinado território, estamos assinando uma omissão histórica de identidades e representações que ocorreram nele. Por conta disso, a arquitetura e a produção de cidades, necessitam ao máximo buscar locais de representação que vão além do espaço abstrato, fazendo com que os espaços vividos, de representação, contenham uma narrativa histórica do passado que não se deve esquecer.



Brasília, Brasil, 1960, Rene Burri.

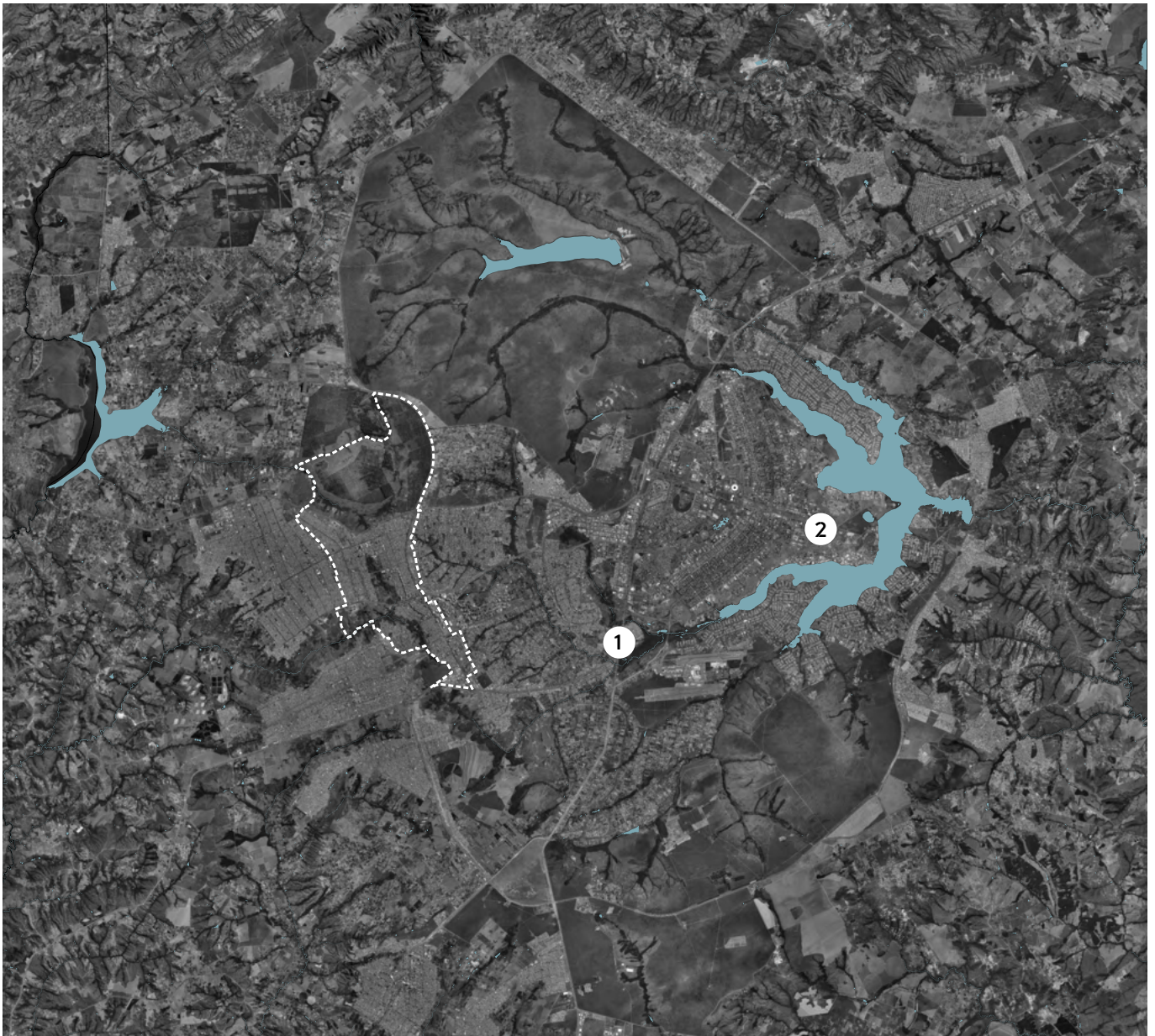
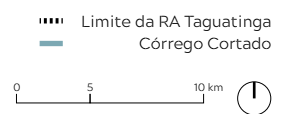
# ESPAÇOS DA MEMÓRIA CANDANGA EM BRASÍLIA

Em Brasília, só existem dois lugares que preservam a memória ou homenageiam a história “candanga”:

- 1 O Museu Vivo da Memória Candanga, no Guará;
- 2 A escultura “Os Candangos”, localizada na Praça dos Três Poderes.

Figura 1.2: Mapa de espaços da memória candanga em Brasília.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).



"Que os homens de amanhã que aqui  
vierem tenham compaixão dos  
nossos filhos e que a lei se cumpra"  
José Silva Guerra 22/4/59

Frase do cadango José Silva Guerra,  
deixada nas lajes do prédio do  
Congresso Nacional.

**PARTE II**  
área de intervenção

A área escolhida para intervenção é o eixo de via central de Taguatinga Centro, este foi escolhido por conta de ser uma via transversal de porte arterial, que além de ser um elemento conector entre bairros e com outras cidades do Distrito Federal (DF), caracterizando-a como um nó urbano, também é um local de concentração de grande fluxo de mobilidade (veicular e pedonal), além de abrigar marcos visuais importantes em Taguatinga, como a Praça do Relógio. De acordo com o Plano Diretor de Transporte Urbano e Mobilidade do Distrito Federal e Entorno (PDTU/DF), existem duas áreas polarizadoras no Distrito Federal, a área central de Brasília e a área central de Taguatinga (PDTU, 2010), atestando essa centralidade existente da área em todo o DF.

O eixo central de Taguatinga Centro se caracteriza como um eixo transversal conector e um nó urbano com outros eixos longitudinais, é um ponto de confluência de mobilidade e se conecta com outros eixos importantes na própria cidade e fora dela, como:

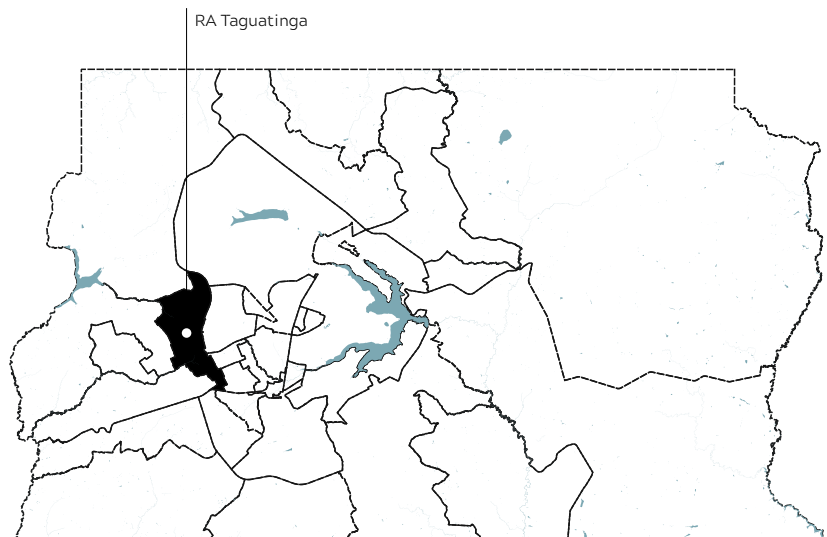
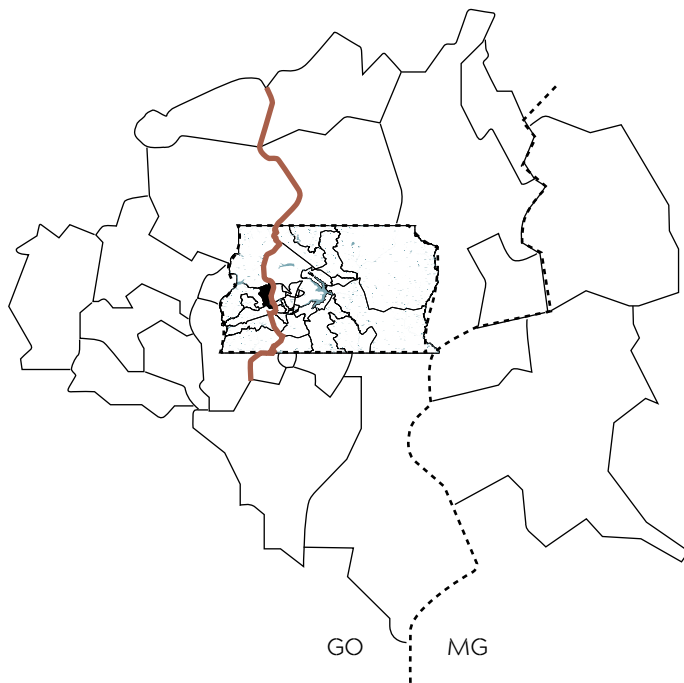


Figura 2: Localização da RA Taguatinga no DF. Fonte: Elaborado pela autora (2021).





- Ligação com a EPCT (Pistão).
- Ligação com a EPCT (Pistão).

Figura 2.1: Conexão da RA Taguatinga com a Área Metropolitana de Brasília (AMB).  
Fonte: Elaborado pela autora (2021).



- Limite da RA Taguatinga
- EPCL
- EPIA
- EPCT
- EPNB
- EPTG
- Avenida Elmo Serejo
- Avenida Hélio Prates
- Via de ligação QNL/QNF

Figura 2.2: Conexões viárias em Taguatinga.  
Fonte: Elaborado pela autora (2021).

1. Os eixos longitudinais Avenida Comercial (Sul e Norte), Avenida Samdu (Sul e Norte), EPCT BR 251 (Pistão), sendo este último, uma via de ligação norte e sul do DF com o Goiás, tendo relevância na conexão regional da Área Metropolitana de Brasília (AMB).

2. Os eixos transversais dentro do bairro, como a Hélio Prates, Via de Ligação Qnf/Qnl, e os eixos transversais fora da cidade, como a Avenida Elmo Serejo, que faz conexão com Ceilândia e a Estrada Parque Taguatinga (EPTG), EPIA, EPCL e EPNB, que conectam Taguatinga com outras cidades do DF.

Como escolha projetual, a diplomação propõe à área um eixo linear pedonal suspenso, que funcionará como um elemento de passagem como também um eixo cultural, com pontos de lazer, equipamentos urbanos e lugares de memória em relação a luta candanga de Taguatinga. O início do eixo se dará no início do projeto do túnel de taguatinga (sentido plano piloto - ceilândia) e seu final às margens da Avenida Samdu,.

O eixo terá vários pontos de nós urbanos, como a ligação com a EPCT, a Praça do Relógio e com as Avenidas Comercial e Samdu.



..... Limite da RA Taguatinga  
 — Córrego Cortado  
 - - - - - Demarcação do projeto

Figura 2.3: Localização do projeto de diplomação.  
 Fonte: Elaborado pela autora (2021).

<sup>2</sup> Segundo o informativo sobre a cidade satélite de Taguatinga, documento de outubro de 1976, arquivado no Arquivo Público do Distrito Federal.

Tempo, memória e cidade. O projeto de diplomação propõe um resgate histórico de eventos que ocorreram em Brasília antes mesmo de sua inauguração, buscando representar os operários e trabalhadores que contribuíram na construção da capital e lutaram por moradia no território. Taguatinga (RA III) foi a primeira cidade fundada fora do Plano Piloto, em 05 de junho de 1958, com 25 Km de distância do centro planejado<sup>2</sup>. Foi criada com o intuito de descongestionar o centro e abrigar a população proveniente dos aglomerados humanos, na época denominados de invasores, que vinham se formando em 1959/1960 na área urbana de Brasília. A cidade acolheu a população que se retirava da Vila Amaury, núcleo operário localizado na área ocupada pelas águas do lago Paranoá, e da população que ocupava um assentamento informal próximo ao Núcleo Bandeirante, a Vila Sarah Kubitschek (ARQUIVO PÚBLICO, 1976; BANDUCCI, 2021).

Além disso, em 1960, Taguatinga foi palco de um outro evento histórico. “A revolta das lavadeiras” ocorreu no acampamento da Novacap, onde mulheres organizaram um motim após a ameaça de retirada da bomba d’água que abastecia todos os barracos que se instalavam no local para abastecer a residência do prefeito Israel Pinheiro. A revolta, de iniciativa feminina, expulsou a polícia e funcionários da Novacap que foram ao local retirar a bomba ou conter a confusão, e conseguiu tanto holofote, que chamou atenção de um senador, e logo depois, de Sarah Kubitschek, esposa do Presidente da República a época, Juscelino Kubitschek. Por fim, a revolta foi efetiva e lhes foi garantido o direito de posse da bomba d’água.

Também durante esse período, surgiram duas ocupações na cidade não previstas pelo governo, a Vila Matias e Vila Dimas, ambas localizadas em Taguatinga Sul. A primeira ocupação surgiu no final de 1959, liderada por Raimundo Matias, e a segunda, em 1962, liderada

por Dimas Leopoldino da Silva (BANDUCCI, 2021). Essas ocupações foram e ainda são partes do passado histórico da cidade, e essas vilas ainda são referenciadas pela população local com esses nomes, atestando uma narrativa não esquecida do lugar que foi constituído posteriormente.

Em Brasília, só existem dois lugares que preservam a memória ou homenageiam a história candanga: O Museu Vivo da Memória Candanga, no Guarã e a escultura “Os Candangos”, localizada na Praça dos Três Poderes. Por conta da relevância de todo esse passado histórico de luta candanga e de uma centralidade pré-existente da cidade, o objetivo do projeto também é de reforçar essa área, bem como construir essa narrativa do passado esquecido no lugar.

#### OBRAS DO TÚNEL DE TAGUATINGA

Em janeiro de 2020, foi autorizada a ordem de serviço para a construção da obra do Túnel de Taguatinga, o projeto implantará um túnel subterrâneo na avenida central da cidade, mudando o fluxo de trânsito de Ceilândia, Samambaia e Sol Nascente. A obra faz parte do Corredor Eixo Oeste, um projeto viário para a região sul do Distrito Federal, que inclui o alargamento do viaduto da EPCT com a EPTG, a revitalização da avenida Hélio Prates e a construção do Viaduto da Estrada Parque Indústria Gráficas (EPIG).

O túnel terá 1 km de extensão e terá duas vias paralelas, com cada via com três pistas de rolagem, uma via que fará ligação subterrânea para quem segue para Ceilândia, pela via Elmo Serejo, e outra no sentido contrário, para quem trafegar no sentido Plano Piloto. Seu início se dá no viaduto que faz a saída de Taguatinga Centro para a EPTG, e seu fim, após o viaduto da Avenida Samdu, o tráfego para quem transitar em Taguatinga será pelas vias no nível térreo, e o projeto conta com um boulevard na Avenida Central.

## DADOS DA POPULAÇÃO<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Segundo a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD) do Distrito Federal em 2018, em Taguatinga.

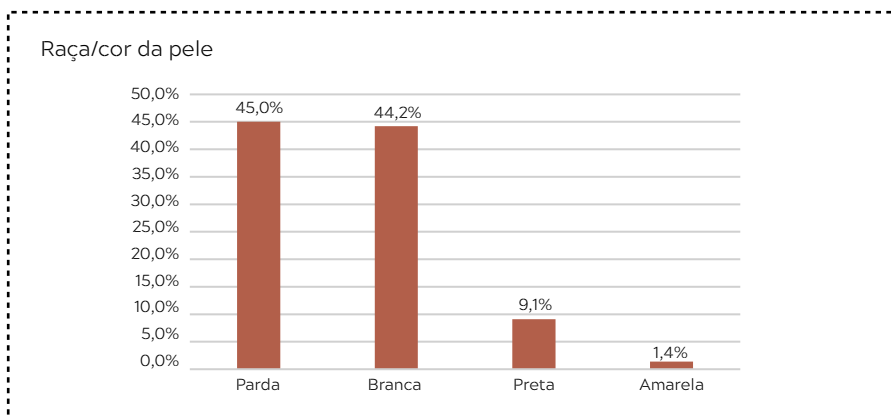
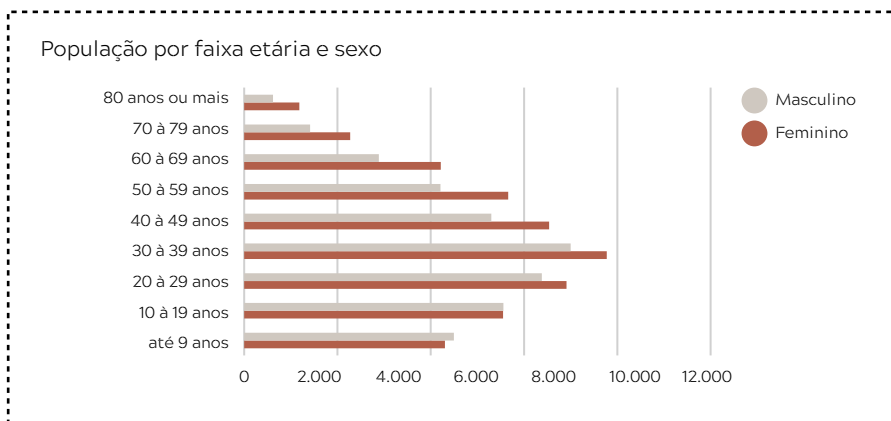
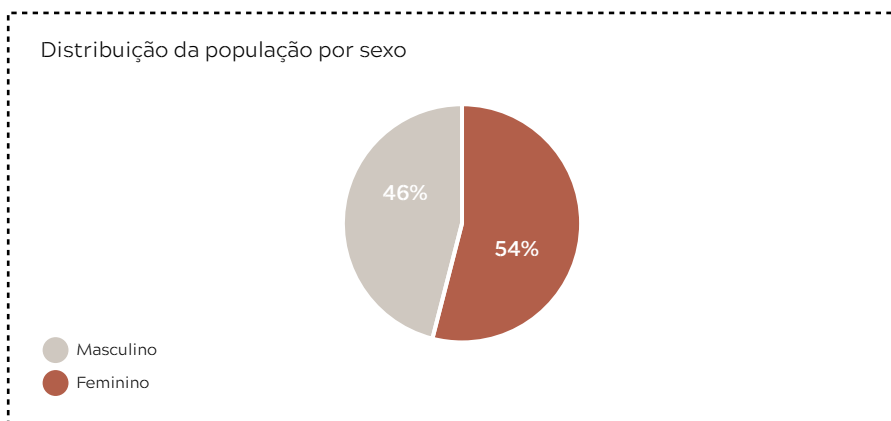


Figura 2.4: Distribuição da população por sexo em Taguatinga.

Figura 2.5: População por faixa etária e sexo.

Figura 2.6 Raça/cor de pele.

Fonte: PDAD 2018, adaptado pela autora (2021).

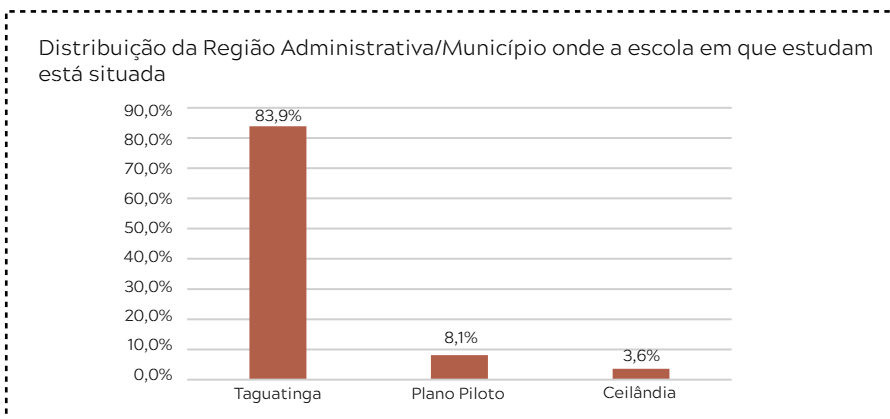
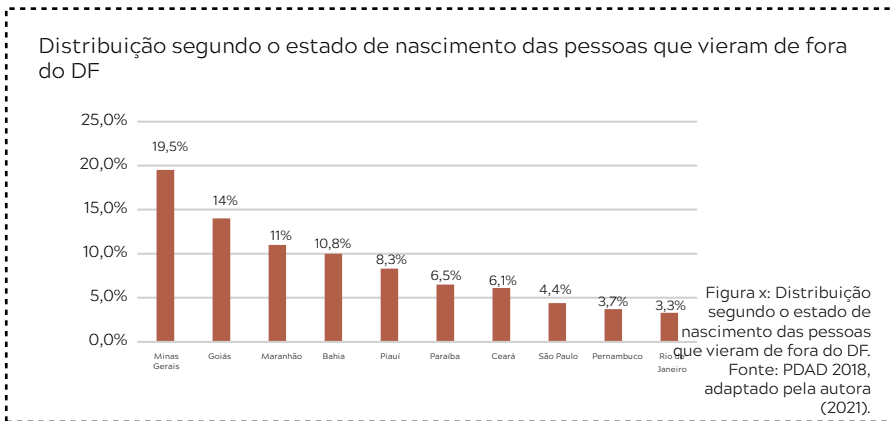
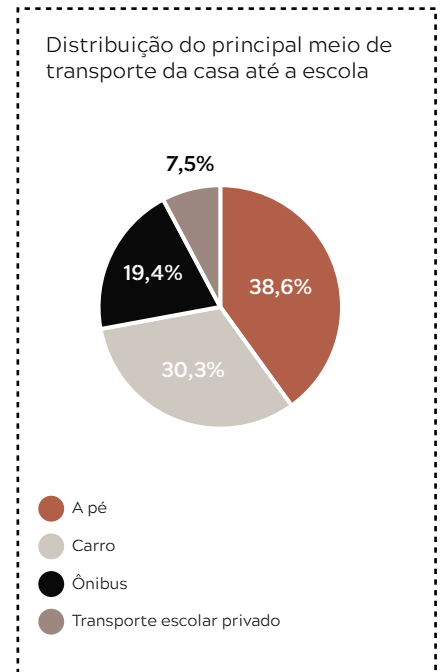
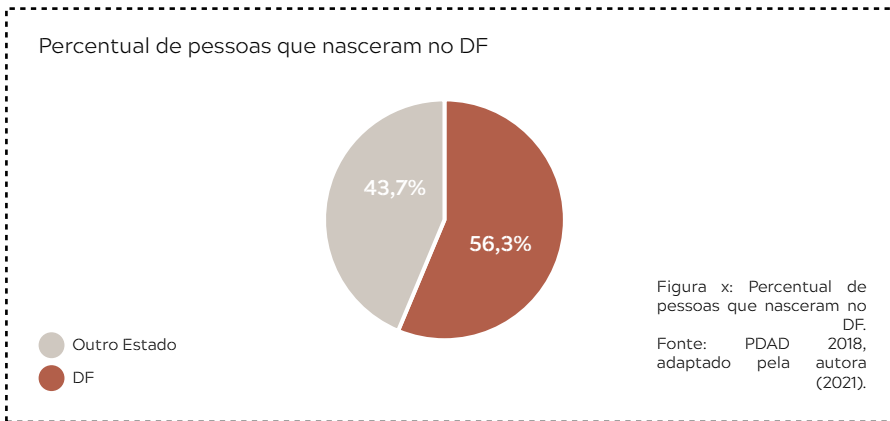
Figura 2.7: Percentual de pessoas que nasceram no DF.

Figura 2.8: Distribuição segundo o estado de nascimento das pessoas que vieram de fora do DF.

Figura 2.9: Distribuição da Região Administrativa/Município onde a escola que estudam está situada.

Figura 2.10: Distribuição do principal meio de transporte da casa até a escola.

Fonte: PDAD 2018, adaptado pela autora (2021).



De acordo com a PDAD de Taguatinga, em 2018, a cidade possuía o total de 205.670 habitantes, sendo eles em sua maioria mulheres.

A cidade possui predominância de população jovem e adulta, sendo que esses últimos optam pela mobilidade automotiva (carro e ônibus) e a população mais jovem pela mobilidade pedonal.

É importante notar que a cidade ainda recebe fluxo migratório de outros Estados do Brasil, e que até hoje, esse fluxo em sua maioria vem da região nordestina do país (correspondendo a 46,4% do total).

Figura 2.11: Meio de transporte utilizados para deslocamento até o trabalho principal.

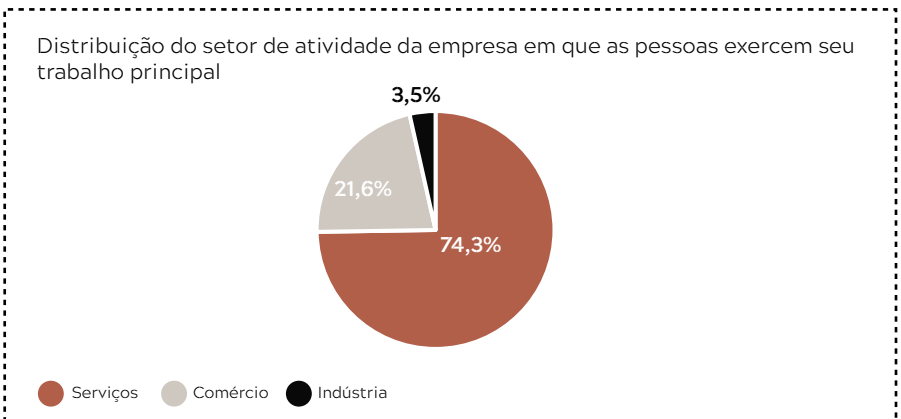
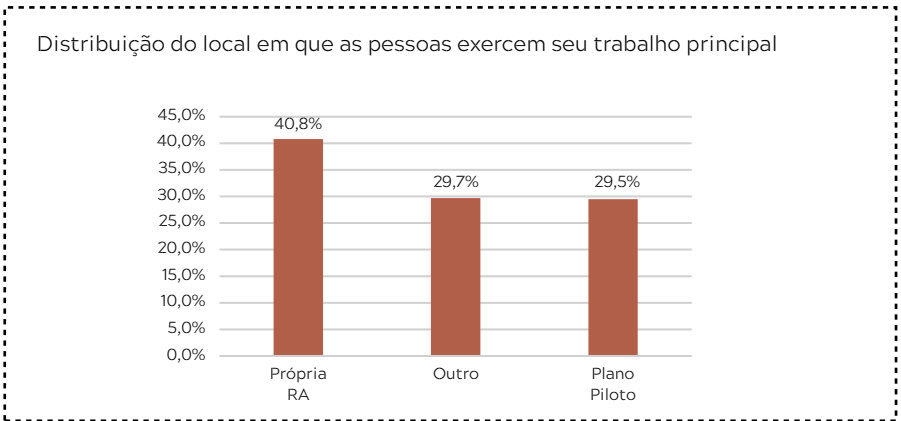
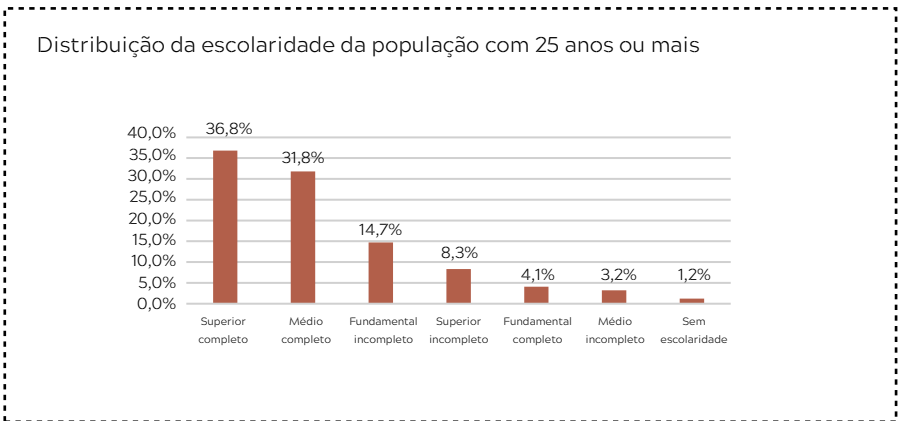
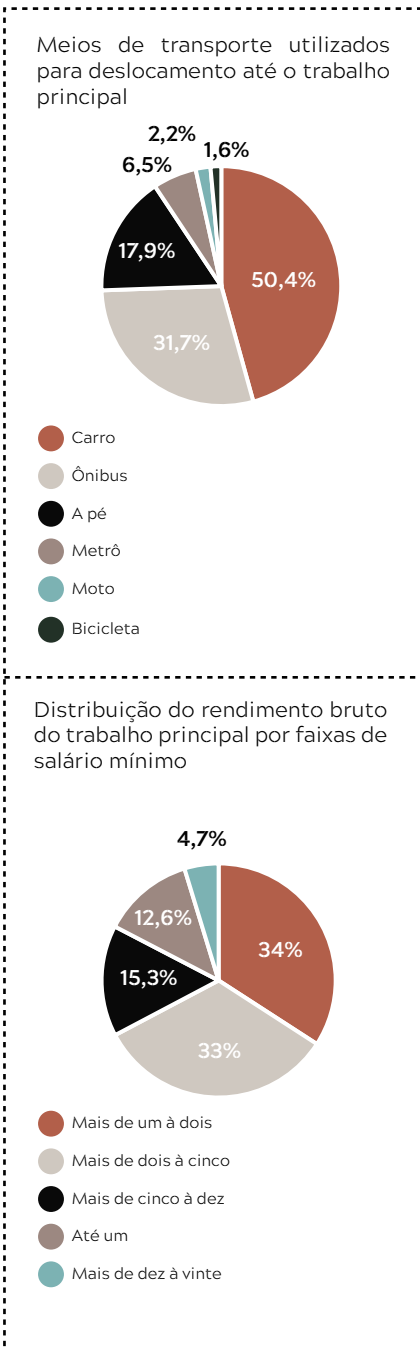
Figura 2.12: Distribuição do rendimento bruto do trabalho principal por faixas de salário mínimo.

Figura 2.13: Distribuição da escolaridade da população com 25 anos ou mais.

Figura 2.14: Distribuição do local em que as pessoas exercem seu trabalho principal.

Figura 2.15: Distribuição do setor de atividade da empresa em que as pessoas exercem seu trabalho principal.

Fonte: PDAD 2018, adaptado pela autora (2021).



## LEGISLAÇÃO

Por conta do terreno do projeto de diplomação não estar dentro dos limites de um lote, o projeto não precisará atender a nenhum critério da legislação de uso e ocupação do solo (LUOS) do Distrito Federal.

Entretanto, outros parâmetros serão levados em consideração, como as tipologias e gabarito dos lotes das proximidades, buscando propor uma harmonia nas escalas e paisagem.



Figura 2.16: Mapa de legislação.

Fonte: Geoportal Segeth, adaptado pela autora (2021).

## CHEIOS E VAZIOS

O mapa de cheios e vazios demonstra a ortogonalidade da malha urbana da cidade. No setor central, área do projeto, há a presença de quarteirões fechados e abertos, de formas retangulares e quadradas (bem como a forma dos lotes).

Como discorre Banducci (2021) e Holanda (2016), a cidade possui morfologia semelhante ao modernismo do Plano Piloto, caracterizando-a como “modernista periférica”. Nota-se isso no setor central por conta de desenhos de quadras abertas que possibilitam o caminho dos pedestres, com setorizações funcionais e áreas públicas residuais.

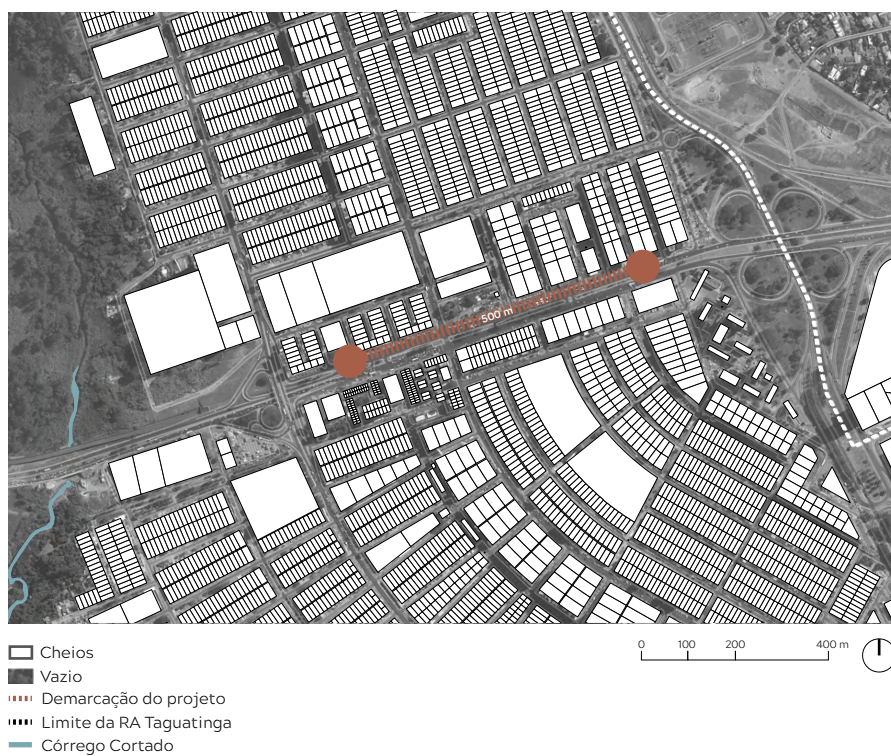


Figura 2.17: Mapa de cheios e vazios.

Fonte: Geoportal Segeth, adaptado pela autora (2021).



## USO DO SOLO

Nas proximidades do terreno, de acordo com a LUOS do DF, os lotes possuem predominância de uso comercial e institucional (Inst EP, CSIIR 2, CSII 2 e PAC 1). Nos lotes de uso CSIIR 2, em alguns tipos, o uso de marquise é obrigatório, sendo isso um ponto a ser observado e levado em consideração na elaboração do projeto.

Também de acordo com a legislação, os tipos de usos comerciais e institucionais possuem exigências mínimas de vagas para veículos e bicicletas. Por mais que o projeto proponha um eixo cultural pedonal, a criação de bicicletário será uma diretriz projetual para que possa atender a esses critérios, bem como incentivar esse tipo de mobilidade na cidade.

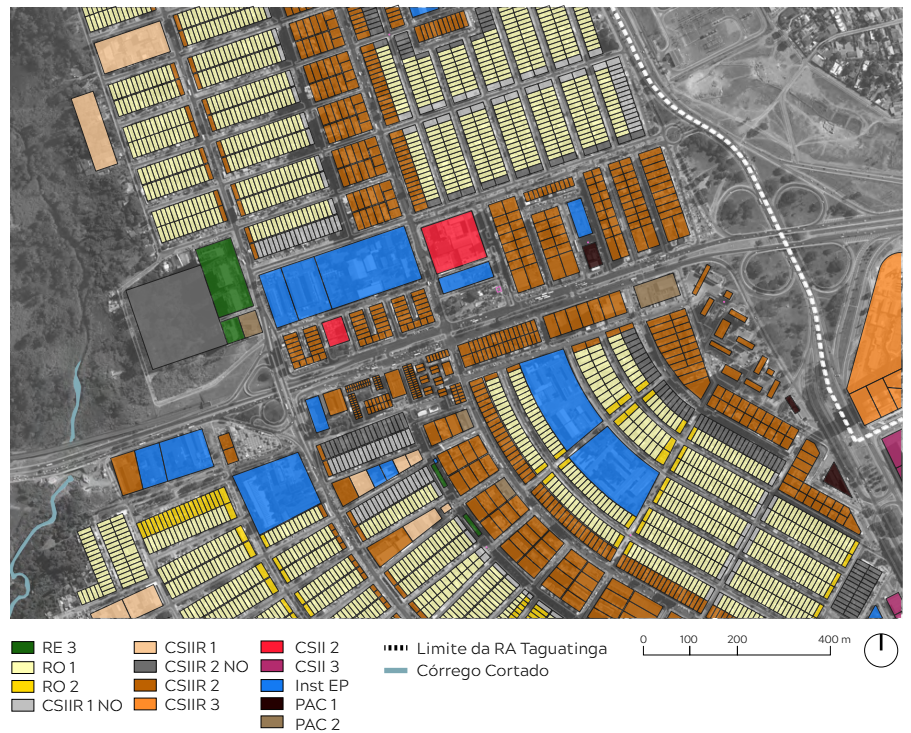


Figura 2.18: Mapa de uso do solo.

Fonte: Geoportal Segeth, adaptado pela autora (2021).

## LOTES VAZIOS

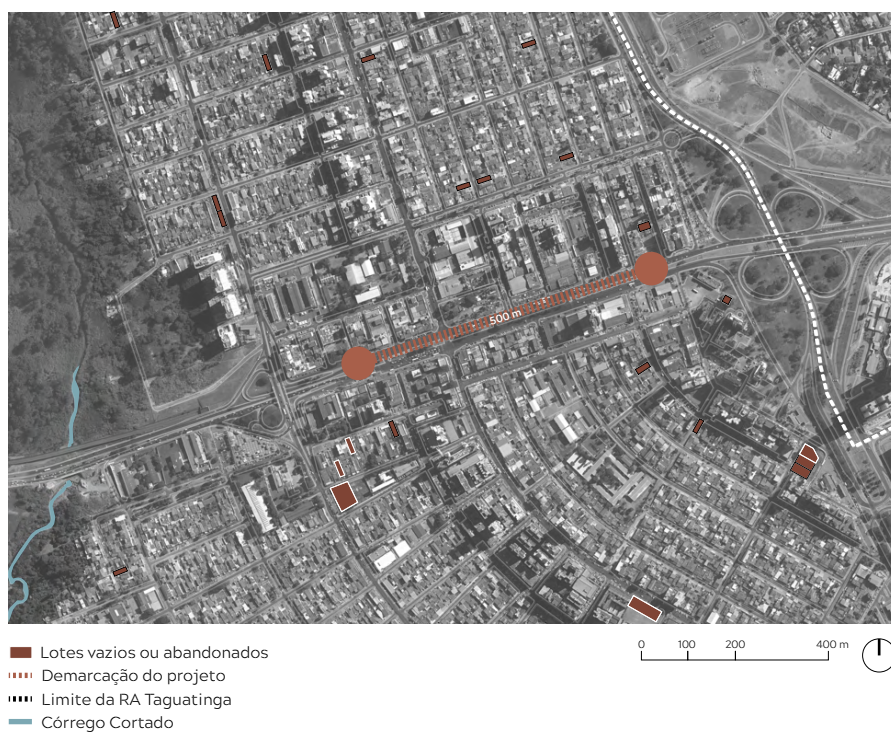


Figura 2.19: Mapa de lotes vazios.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

## EQUIPAMENTOS URBANOS

O mapa de equipamentos do setor central mostra uma grande quantidade de equipamentos de esporte e lazer e escolas. Em relação à equipamentos culturais próximos, quatro lugares foram demarcados: a Praça do Relógio, a biblioteca pública Machado de Assis e o espaço cultural Teatro da Praça, a praça do DI e o Taguaparque. Por conta disso, percebe-se uma predominância de equipamentos públicos de lazer e cultura em parques ou praças, carecendo de equipamentos urbanos que não sejam também associados a áreas verdes públicas.



Figura 2.20: Mapa de equipamentos urbanos.

Fonte: Geoportal Segeth, adaptado pela autora (2021).

**CENTRALIDADES**

No mapa de centralidades, foram pontuadas as Avenidas Samdu, Comercial e EPCT como pontos econômicos e de mobilidade, por conta de seus usos e grande fluxo de pedestres. Já as demais, se referem aos equipamentos públicos de lazer e cultura, além das áreas verdes públicas. Importante notar que esses últimos também se apresentam como centralidades múltiplas, se caracterizando como pontos de culturais, econômicos e de mobilidade.



- a** Culturais
- b** Econômicas
- c** De mobilidade
- Demarcação do projeto
- Limite da RA Taguatinga
- Córrego Cortado



Figura 2.21: Mapa de centralidades.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

## GABARITOS

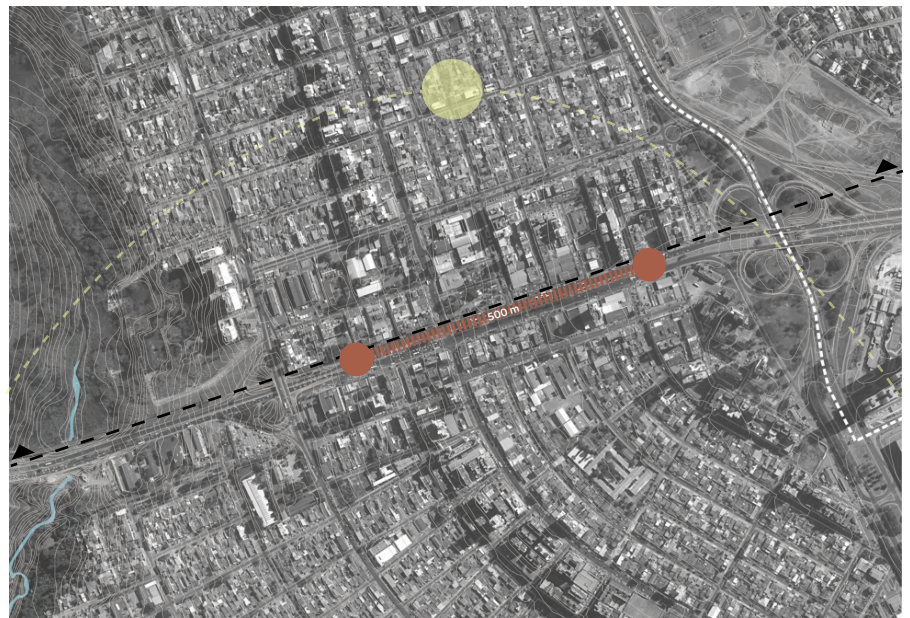
Taguatinga possui predominância de gabarito em até dois pavimentos na sua escala residencial. Gabaritos maiores, tendem a ser próximos de vias com maior hierarquia, como a Avenida Central, Comercial, Samdu e EPCT.



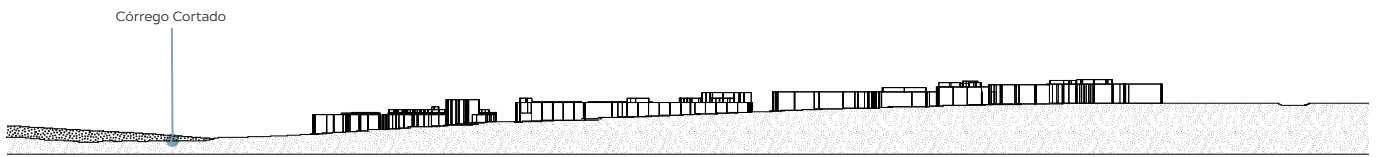
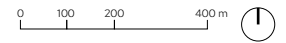
Figura 2.22: Mapa de gabaritos.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

## TOPOGRAFIA E CONDICIONANTES CLIMÁTICOS



- Curvas de nível 1m
- Deslocamento do sol
- Demarcação do projeto
- Limite da RA Taguatinga
- Córrego Cortado



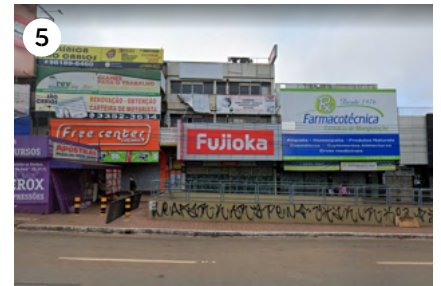
Corte urbano



Figura 2.23: Mapa de topografia, condicionantes climáticos e corte urbano.

Fonte: Geoportal Segeth, adaptado pela autora (2021).

TIPOLOGIAS



## HIERARQUIA VIÁRIA



Figura 2.24: Mapa de hierarquia viária.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).



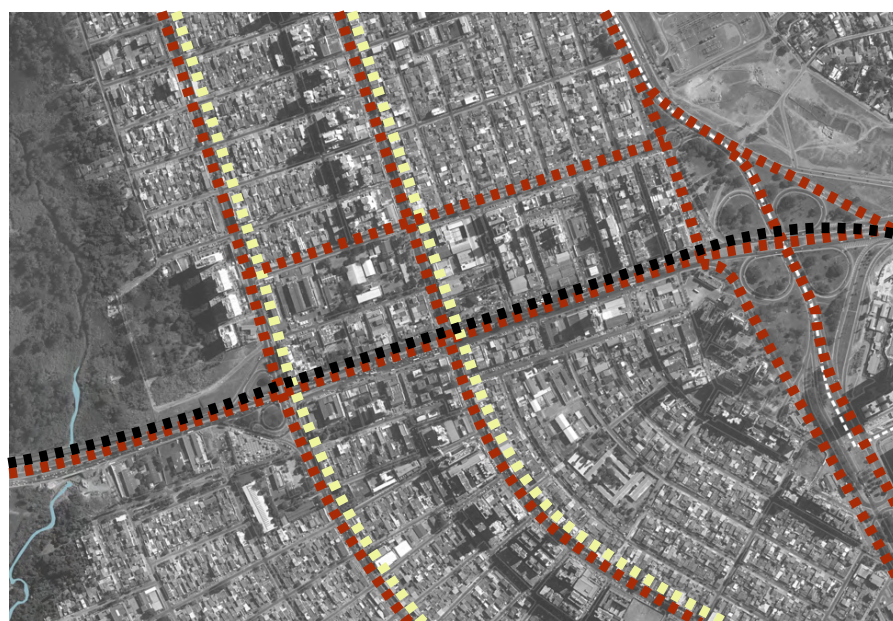
## MOBILIDADE URBANA



Figura 2.25: Mapa de mobilidade.

Fonte: Geoportal Segeth, adaptado pela autora (2021).

## FLUXOS



- Principal fluxo de veículos
- Fluxo do metrô
- Principal fluxo de pedestres
- Córrego Cortado

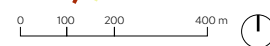


Figura 2.26: Mapa de fluxos.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

## ÁREAS VERDES

A região próxima ao Córrego Cortado é caracterizada para uso sustentável, e é uma unidade de conservação e área de interesse ambiental. Além disso, a RA Taguatinga faz parte da Área de Proteção Ambiental (APA) do Planalto Central.



- Praças e/ou áreas livres públicas
- ▨ Parques
- Vegetação
- ⋯ Área de preservação permanente
- - - Demarcação do projeto
- ⋯ Limite da RA Taguatinga
- Córrego Cortado

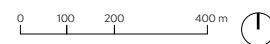


Figura 2.27: Mapa de áreas verdes.

Fonte: Geoportal Segeth, adaptado pela autora (2021).

## HIDROGRAFIA

Taguatinga faz parte da Unidade Hidrográfica (UH) do Rio Melchior e da Bacia Corumbá. Em relação a hidrografia, o Córrego Cortado faz parte da Área de Preservação Permanente.



- Área de preservação permanente
- - - - - Demarcação do projeto
- Limite da RA Taguatinga
- Córrego Cortado

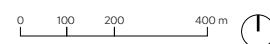


Figura 2.28: Mapa de hidrografia.

Fonte: Geoportal Segeth, adaptado pela autora (2021).

**PARTE III**  
referências

# REFERÊNCIAS PROJETUAIS

Figura 3: Nautilus - TEN + NGO City Creative Network

Figura 3.1: Renovação no Distrito da Caverna de Tianbao - Jiakun Architects

Fonte: Archdaily

## ESTRUTURA



### 1 Nautilus - TEN + NGO City Creative Network

O espaço para eventos foi concebido e realizado por um grupo de arquitetos da associação TEN e uma ONG local, a City Creative Network (CCN). A intervenção se situa na margem de um rio, perto do centro da cidade de Skopje, na Macedônia. Foi escolhido como referência projetual por conta de ser um elemento linear e por sua estrutura ser de aço, trazendo uma leveza estrutural e na paisagem.

### 2 Renovação no Distrito da Caverna de Tianbao - Jiakun Architects

O projeto encontra-se localizado no pequeno povoado de Erlang, no sul da província chinesa de Sichuan. Possui 60 metros de comprimento e é construído em bambu e aço, também marcando uma passagem linear. Foi escolhido como referência projetual por conta de ser um projeto que lida com a topografia, edifícios e paisagem do local, além de possuir um caráter contemplativo por conta de suas esquadrias em vidro voltadas à paisagem. A cor da estrutura também chamou atenção, pois se sobressai, mas ao mesmo tempo não interfere tanto na paisagem.





Figura 3.2: Huentitán Natural Park - Pavilion - Alejandro Guerrero e Andrea Soto

Figura 3.3: Fast Horse - Salmela Architect

Figura 3.4: Teatro Oficina - Lina Bo Bardi e Edson Elito

Fonte: Archdaily

### 3 Huentitán Natural Park - Pavilion - Alejandro Guerrero e Andrea Soto

O projeto se localiza em Guadalajara, no México. Consiste em uma estrutura metálica criada para sombrear o espaço público. Foi escolhido como referência pela forma dos pilares metálicos e também pela leveza e transparência na paisagem que proporciona.

### 4 Fast Horse - Salmela Architect

Localizado em Mineápolis, nos Estados Unidos. Projetado com uma saída de incêndio "aberta aos elementos", a mesma atua como o principal marcador visual do edifício, criando vários espaços de tamanhos e exposições variados. Este espaço arquitetônico de "transição" entre a rua e o prédio permite vários níveis de privacidade. O projeto foi escolhido como referência por conta desse jogo de volumes ortogonais e o elemento vertical (saída de incêndio) que se sobressai na fachada. Além da utilização de estruturas metálicas e uma fachada com elementos vazados.

### 5 Teatro Oficina - Lina Bo Bardi e Edson Elito

Localizado no bairro da Bela Vista, em São Paulo, o projeto situa o público em galerias laterais instaladas sobre estruturas desmontáveis com perfis tubulares de aço, propiciando uma plateia com até 350 lugares, distribuídos em quatro diferentes níveis. Foi utilizado como referência por causa das estruturas modulares e a escolha da cor como forma de diferenciar o público dos atores.

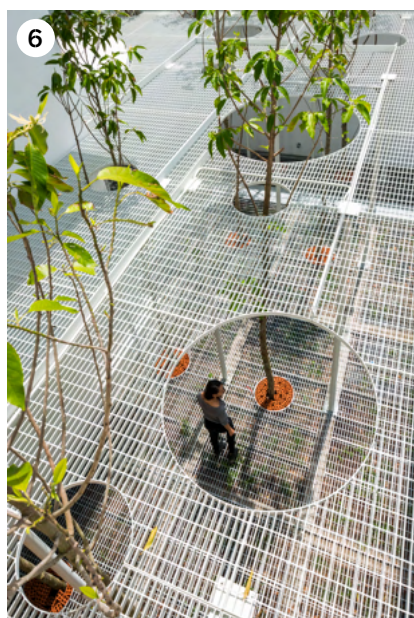


Figura 3.5: D house - Kientruc O

Figura 3.6: Screen House - Warc Studio Architects

Fonte: Archdaily

## VEDAÇÕES



### 6 D house - Kientruc O

Localizado no Vietnã, essa casa foi utilizada como referência por conta da escolha de laje vazada, permitindo a conexão com o pavimento inferior, além da estratégia de recorte circulares que funcionam como claraboias.

### 7 Screen House - Warc Studio Architects

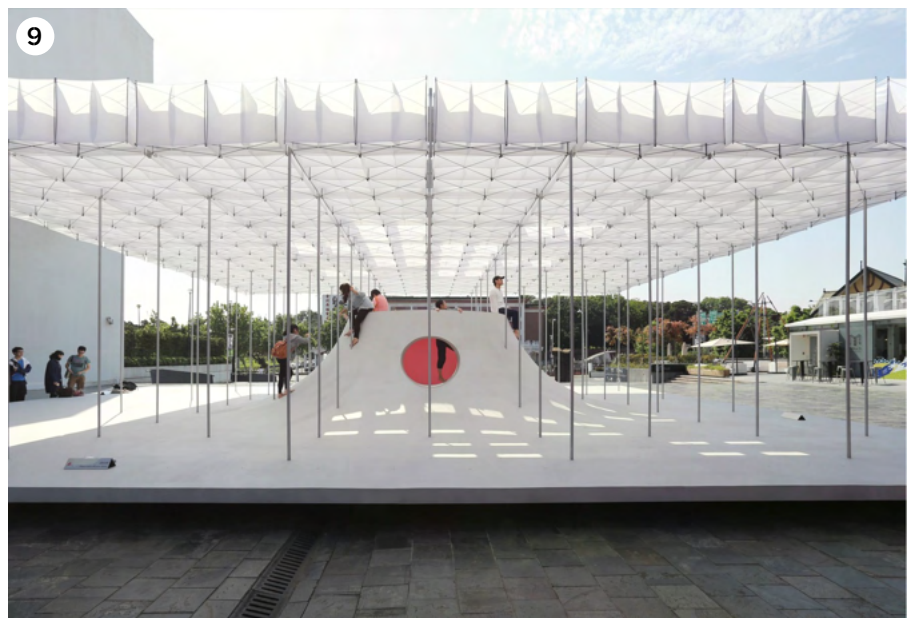
Localizada em Camberwell, Austrália, o projeto chamou atenção pela escolha de grelhas metálicas de madeira que permitem a entrada e controle da luz do sol, além de facilitar a manutenção



Figura 3.7: Nest We Grow - Faculdade de Projeto Ambiental UC Berkeley + Kengo Kuma & Associates

Figura 3.8: Pavilhão Flutuante - Shen Ting Tseng architects

Fonte: Archdaily



### 8 Nest We Grow - Faculdade de Projeto Ambiental UC Berkeley + Kengo Kuma & Associates

Localizado em Takinoue, no Japão, o projeto foi escolhido por conta de sua estrutura aberta, suas conexões estruturais, e principalmente, seu material de fachada translúcido.

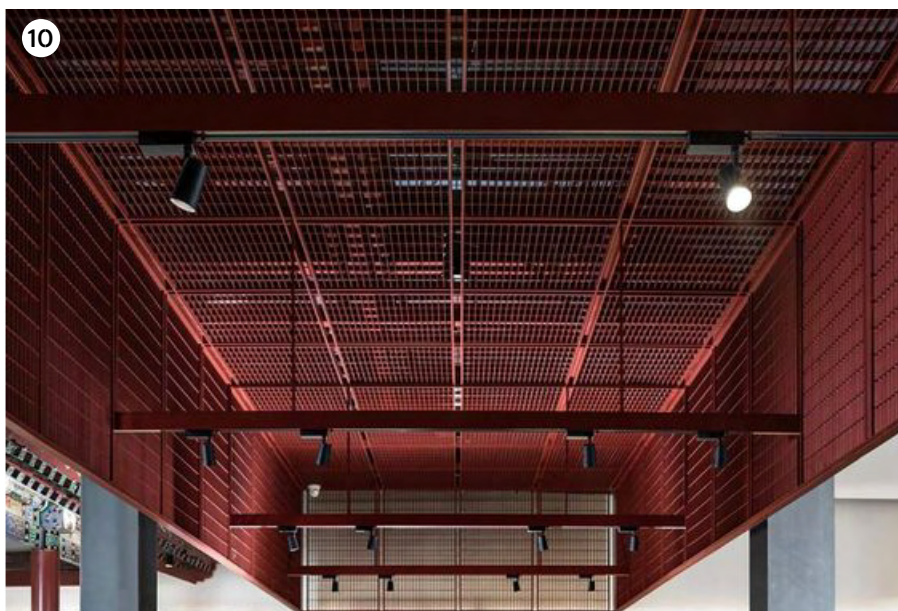
### 9 Pavilhão Flutuante - Shen Ting Tseng architects

O Pavilhão Flutuante foi uma obra temporária exposta em uma praça e foi escolhido por conta da escolha de materialidade da cobertura, composta por 320 "pipas". Os movimentos que as balançam se dão pelo vento e a luz solar penetra através das pipas de acordo com as horas do dia, apresentando uma intensa variedade de luzes e sombras.

Figura 3.9: Huda Restaurant  
- Beijing INX DESIGN Co.

Figura 3.10: Espaço Cultural  
de La Hague - Peripheriques  
Architectes + Marin + Trotti  
Architects

Fonte: Metalocus e  
Archdaily



**10** Huda Restaurant - Beijing INX  
DESIGN Co.

O projeto de restaurante localiza-se em Siheyuan, Pequim, foi escolhido como referência pela escolha de cor e tipo de forro utilizado.

**11** Espaço Cultural de La Hague -  
Peripheriques Architectes + Marin +  
Trotti Architects

Localizado em Beaumont-Hague, na França, o projeto foi escolhido por conta do dinamismo das formas dos elementos de forro e parede, sendo formados por aço perfurado. E também pela escolha utilizada, criando um elemento que se sobressai no projeto.



Figura 3.11: "Playful Stairs" - Constant Nieuwenhuys

Figura 3.12: SAI project - Moon Hoon

Figura 3.14: Expo Milão 2015: Pavilhão do Brasil - Studio Arthur Casas + Atelier Marko Brajovic

Fonte: The New York Times, Design Boom e Archdaily.

## ELEMENTOS DE CIRCULAÇÃO E PERMANÊNCIA



### 12 "Playful Stairs" - Constant Nieuwenhuys

Obra da artista plástica Constant Nieuwenhuys, a instalação chama atenção pela leveza e forma lúdica de passagem.

### 13 SAI project - Moon Hoon

Localizado em Seul, na Coreia do Sul, o projeto foi escolhido como referência por conta do dinamismo proposto, em que elementos são sustentados por cabos de aço, trazendo leveza. Além disso, as cores utilizadas no projeto também fazem parte como referência.

### 14 Expo Milão 2015: Pavilhão do Brasil - Studio Arthur Casas + Atelier Marko Brajovic

O projeto foi um edifício temporário, e foi escolhido por conta da imersão sensorial que integra momentos lúdicos, por conta da escolha dos tons terrosos da estrutura que fazem uma transição gradual entre o interior e o exterior e uma rede de estrutura tensionada que cria inusitados locais de descanso e lazer.

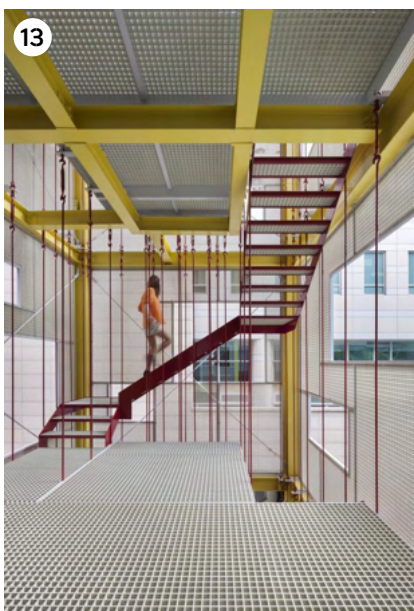


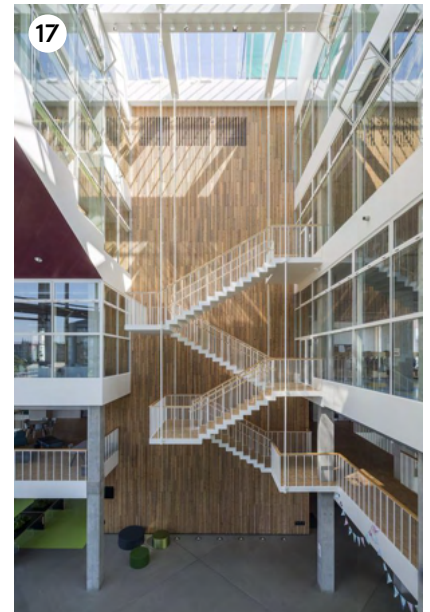
Figura 3.15: Serpentine Pavilion  
- Sou Fujimoto

Figura 3.16: 'causes toujours! du hashtag à la rue' - studio 5-5

Figura 3.17: Escola South Harbor - JJW Arkitekter

Figura 3.18: Pavilhão Flutuante - Shen Ting Tseng architects

Fonte: 5-5 Paris e Archdaily.



**15 Serpentine Pavilion - Sou Fujimoto**

O Pavilhão Serpentine 2013 é uma estrutura treliçada e tridimensional onde cada unidade é composta por finas barras de aço. O projeto foi escolhido por conta da modulação e possibilidade de estrutura e mobiliário urbano.

**16 'causes toujours! du hashtag à la rue' - studio 5-5**

Realizado pelo Studio 5-5, a exposição de arte conta com o desenho de grades de exibição que podem ser utilizadas como mobiliário urbano

**17 Escola South Harbor - JJW Arkitekter**

Localizado em Kobenhavn, Dinamarca, o projeto foi escolhido como referência por conta de sua escada suspensa por cordas de aço, trazendo leveza ao projeto.

**18 Pavilhão Flutuante - Shen Ting Tseng architects**

Já citado anteriormente, os equipamentos urbanos lúdicos do projeto são utilizados como referência.



Figura 3.19: Fellini of Fashion - Alexandre de Betak

Figura 3.20: Venice Fog - Larry Bell

Figura 3.21: W3-Dimensional Solo Show - Felipe Pantoner

Fonte: 032c, Deezen e Artsy.

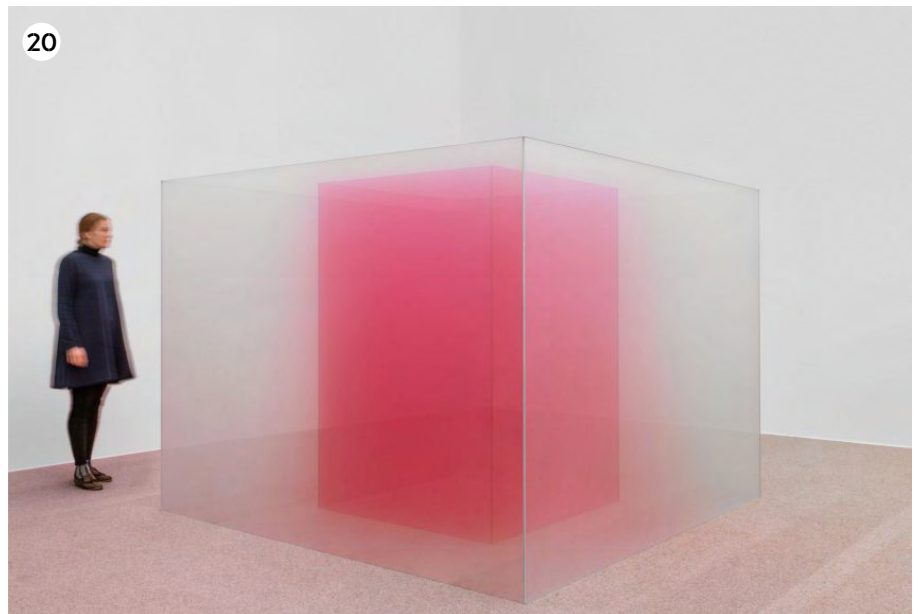
História dos candangos -> invisibilidade -> brincar com invisibilidade, transparência, esmaecimento, borramento.

## CENOGRAFIA



**19** Fellini of Fashion - Alexandre de Betak

Desfile de moda em Nova Iorque, me chamou atenção por conta das estruturas de aço em tramas que podem ser utilizadas para instalações artísticas, não impactando na paisagem e de fácil locomoção.

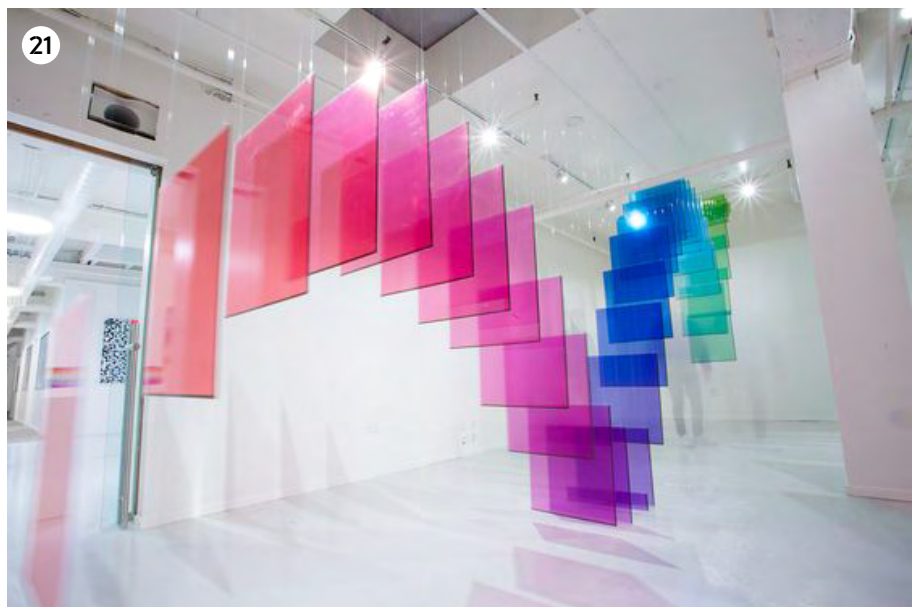


**20** Venice Fog - Larry Bell

A obra artística de Larry Bell foi utilizada como referência por conta do seu aspecto borrado e translúcido, como se quisesse ocultar algo que não deveria ser oculto.

**21** W3-Dimensional Solo Show - Felipe Pantoner

Obra do artista Felipe Pantoner, essa exposição traz placas translúcidas coloridas que propõem um movimento dinâmico interessante.

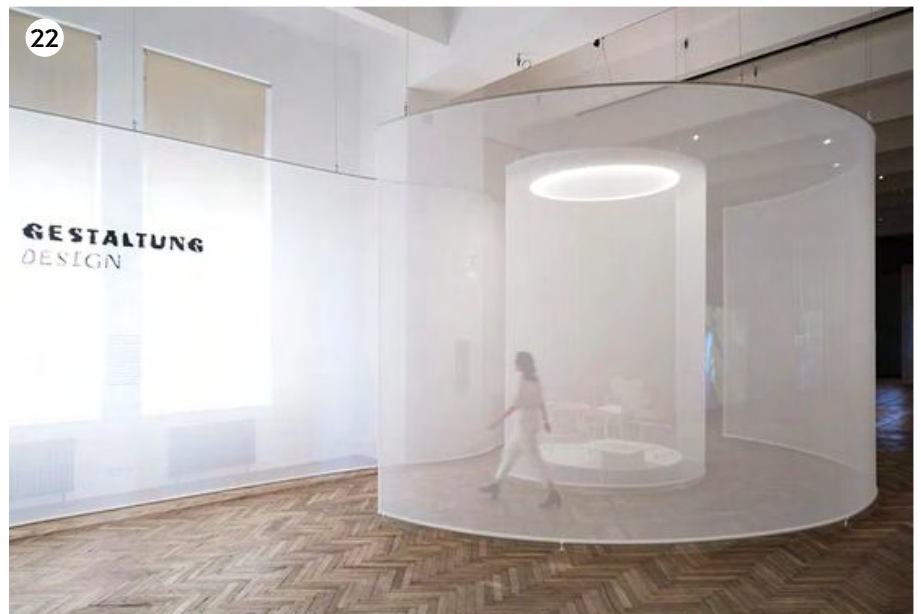


História dos candangos -> invisibilidade -> brincar com invisibilidade, transparência, esmaecimento, borramento.

Figura 3.22: Artificial Intelligence & You Exhibition - Some Place Studio

Figura 3.23: Hub-1 e Hub-2 - Do Ho Suh

Fonte: Archdaily e Design Boom.



### 22 Artificial Intelligence & You Exhibition - Some Place Studio

Localizada em Viena, na Austria, a exposição de arte é utilizada como referência por conta de painéis em tecido circulares, elementos que marcam percurso e também servem para exposição.

### 23 Hub-1 e Hub-2 - Do Ho Suh

Pelos mesmos motivos da instalação acima, essa conta com conceitos de translucidez, além de criar ambientações e espaços sem grandes intervenções.



História dos candangos -> invisibilidade -> brincar com invisibilidade, transparência, esmaecimento, borramento.

Figura 3.24: Ethera - Edoardo Tresoldi

Figura 3.25: 'causes toujours! du hashtag à la rue' - studio 5-5

Fonte: Archdaily e 5-5 Paris



24



25

#### 24 Ethera - Edoardo Tresoldi

Instalação de arame projetada por Edoardo Tresoldi para o Coachella 2018, a obra cria “a poética do diálogo entre o homem e a paisagem, utilizando a linguagem da arquitetura como ferramenta expressiva e de interpretação dos lugares”. Também é utilizada como referência para as instalações artísticas.

#### 25 'causes toujours! du hashtag à la rue' - studio 5-5

Já citada anteriormente, o desenho de grades de exibição coloridas que podem ser montadas e reconfiguradas sob demanda para outros locais e usos.

### HIGH LINE DE NOVA IORQUE<sup>3</sup>

O High Line é um projeto localizado em Nova Iorque, nos Estados Unidos, e consiste na transformação de uma linha férrea elevada abandonada que foi construída em 1930, no lado oeste de Manhattan. Possuía 21 quilômetros de linhas férreas, eliminando 105 cruzamentos ferroviários no nível da rua e acrescentando 32 acres de área ao Riverside Park, era reservada ao transporte de cargas que servia o distrito industrial de Chelsea, e foi edificada como parte de um projeto de melhoria da infraestrutura da região (West Side Improvement Project). Por conta dos inúmeros acidentes entre pedestres, automóveis e trens, o projeto tinha como objetivo elevar o tráfego rodoviário em aproximadamente 9 metros. Além disso, a construção visava minimizar os impactos negativos de viadutos na cidade, de acordo com o website Friends of the High Line:

Ela foi projetada para atravessar o centro dos bairros, em vez de se desenvolver por sobre a avenida, a fim de evitar o surgimento de condições associadas com linhas elevadas. Ela se conecta diretamente a fábricas e armazéns, permitindo que os trens passem por dentro dos edifícios. Leite, carne, produtos agrícolas, matérias-primas e produtos manufaturados vão e voltam sem causar tráfego no nível da rua.

Inaugurada em 1934, conectava a West 34th Street (entre a 10th Avenue e a 11th Avenue) ao St. John's Park Terminal, porém, a partir de 1950, há uma ascensão do transporte rodoviário pelo país, afetando o uso do transporte ferroviário. Em 1960, uma das seções localizada no extremo sul foi demolida, diminuindo a extensão do High Line para 2,4 quilômetros, estendendo-se da West 34th Street à Gansevoort Street, no Meatpacking District, onde permanece até hoje. Em 1980, a High Line foi desativada, fazendo com que os donos dos terrenos em sua parte inferior pressionassem o governo pela demolição da estrutura.

<sup>3</sup> Para a elaboração desse estudo de caso, o texto foi embasado nas fontes Revitalização de espaços urbanos ociosos como estratégia para a sustentabilidade ambiental: o caso do High Line Park no contexto do PLANYC, Maria Fernanda Rodrigues Campos Lemos, Rio de Janeiro, 2013, e Revitalização de espaços públicos: os casos do High Line Park em Nova York e do Minhocão em São Paulo, Fernando Rodrigo Silva Costa, João Pessoa, 2020.





"Death Avenue", uma das avenidas que causavam vários acidentes antes do projeto High Line. Fonte: The High line website.



High Line em construção. Fonte: The High line website.



High Line em construção. Fonte: The High line website.



Com o High Line em funcionamento, edifícios adaptaram suas estruturas para abrigar os trens ferroviários. Fonte: The High line website.

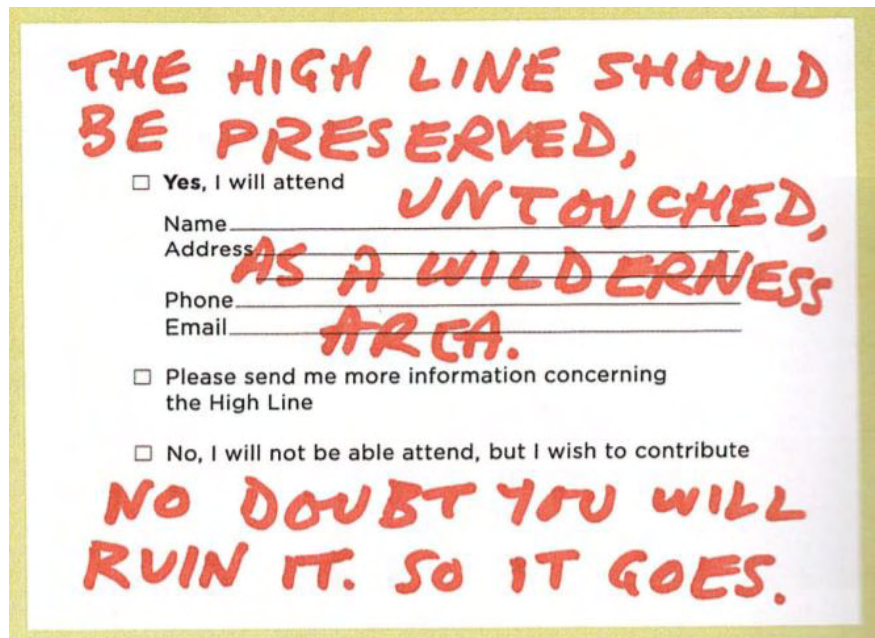
### O High Line Park

Em 1999, dois moradores da região, Joshua David e Robert Hammond, iniciaram um grupo de trabalho em defesa da preservação da estrutura histórica e reforma do High Line em um espaço público. Ambos criaram a associação sem fins lucrativos, Friends of the High Line. Inspirados na ideia do parque urbano elevado Promenade Plantée, em Paris, buscaram o apoio da comunidade. A associação promoveu uma campanha a favor da restauração do local por meio de reuniões e debates públicos, editoriais em jornais e revistas, entre outros meios.

Em 2002, a associação recebeu o primeiro apoio da prefeitura de Nova Iorque. Inicialmente, por uma resolução advogando o reuso da High Line, e posteriormente, um estudo demonstrando a viabilidade econômica do projeto. Em 2003, a associação Friends of the High Line promoveu um concurso de ideias para o reuso da via férrea, intitulado Designing the High Line. O concurso recebeu inscrições de 720 equipes de 36 países, sendo as propostas expostas na estação Grand Central Terminal, explicando a história da linha férrea e as etapas a serem executadas em sua transformação.

Os projetos selecionados pertencem ao escritório de arquitetura Diller Scofidio + Renfro juntamente com o escritório de paisagismo James Corner Field Operations, além de uma equipe com especialistas em engenharia, segurança, manutenção, horticultura, arte pública, dentre outros. Mais tarde, em 2005, a prefeitura de Nova Iorque adquiriu a propriedade do High Line perante a entidade que a detinha (CSX Corporation) e deu início à execução do projeto do High Line Park, no ano de 2006.

O projeto foi sendo inaugurado em seções, em 2009, o primeiro trecho (seção 1, que tem início na Gansevoort Street e termina na West 20th Street), em 2011, o segundo trecho (seção 2, que



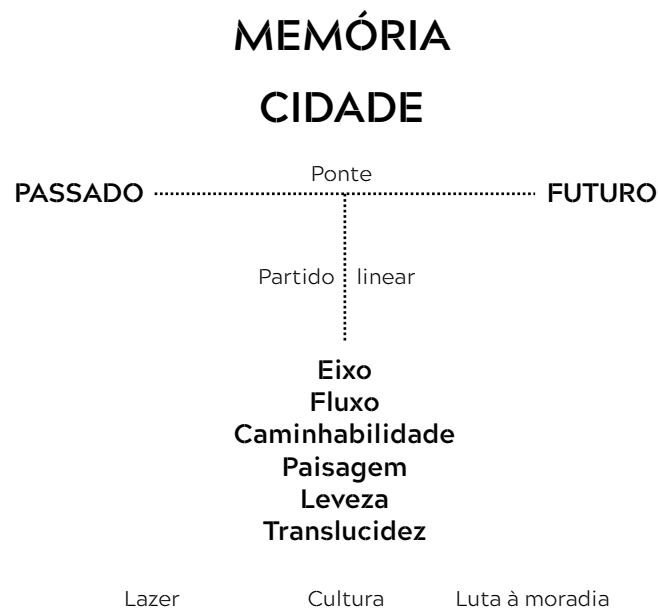
Uma das respostas a uma convocação da comunidade para um debate em 2003 acerca do futuro da high line  
Tradução livre da autora: A High Line deve ser preservada, intocada, como uma selva. Não há dúvida que vocês irão arruiná-la. E assim vai ser. DAVID, J.; HAMMOND, R. The Inside Story of New York City's Park in the Sky. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2011, p. 314.

se estende da West 20th Street até a West 30th Street), e atualmente, em 2021, o terceiro - e último - trecho (seção 3, que começa na West 30th Street e termina na West 34th Street, representando um terço dos 2,4 quilômetros da High Line) já possui propostas de projeto e aguarda execução e inauguração (ARCHDAILY, 2012). Em dezembro de 2011, foi realizado um convite no website do Friends of the High Line convidando a participação do público em um encontro comunitário para promover a discussão do que seria a seção final do parque, envolvendo a comunidade no processo participativo por meio de encontros e opiniões emitidas em um endereço eletrônico disponibilizado.

High Line Park após projeto e construção. Photo by Iwan Baan, fonte: The High line website.



**PARTE IV**  
concepção



O espaço da memória consiste em um eixo memorial e cultural de percurso suspenso, localizado na via central do setor central de Taguatinga, de acordo com a análise do terreno e seu entorno e as referências escolhidas, as diretrizes projetuais são:

1. Criar um **eixo pedonal suspenso** que funcione como um **museu a céu aberto** (no caso, trazendo a história da luta dos candangos em Taguatinga) e um local cultural para a população, com equipamentos urbanos de lazer e cultura;
2. Fazer um projeto que represente uma **arquitetura de memória**, trazendo representações sobre invisibilidade e segregação populacional;
3. Criar **camadas simbólicas de projeto**, em que o nível térreo de Taguatinga se mantenha preservado (representando o presente), o nível superior (eixo pedonal suspenso) represente o passado e o nível subterrâneo (o projeto do túnel de Taguatinga) represente o futuro;
4. Criar **usos comerciais** no eixo, a fim de incentivar o fluxo no local;
5. **Integrar o projeto com as centralidades existentes** da cidade que sejam próximas a ele;
6. Criar um **projeto que trabalhe com a topografia**, ajustando suas alturas quando for necessário;
7. Criar um **projeto com acessibilidade**, a fim da máxima inclusão de todos que o frequentem;
8. **Marcar o horizonte**, para que o **eixo represente um elemento invasor** na cidade, tal como fora a nomenclatura dada aos candangos nas ocupações em Brasília;
9. **Não interferir e/ou fazer intervenções na vegetação e hidrografia local**, para que a área de preservação seja respeitada.

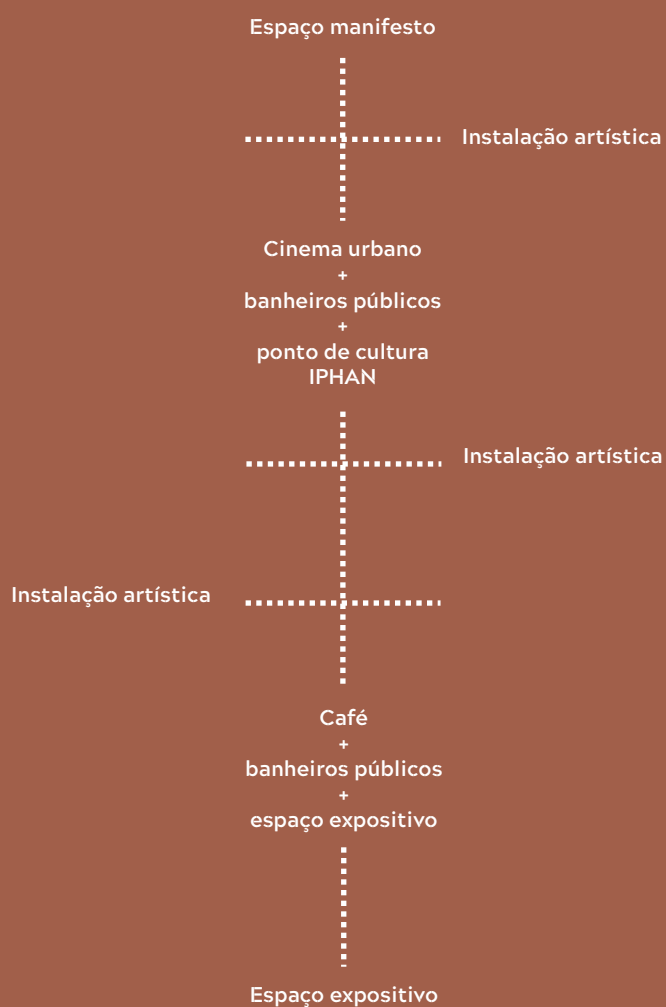
## PROGRAMA DE NECESSIDADES

AMBIENTE/ DESCRIÇÃO/ EQUIPAMENTO	QUANTIDADE	REQUISITOS
Espaço manifesto	1	1. Próximo a via EPCT
Ponto de cultura do IPHAN	1	1. Em contato direto com a Praça do Relógio e ponto de cultura do IPHAN
Cinema urbano	1	1. Deve ter sua orientação contra o sol do poente 2. Em contato direto com a Praça do Relógio e ponto de cultura do IPHAN
Comércios	8	1. Serão alocados ao longo do percurso térreo, em proximidade com as paradas de ônibus
Banheiros públicos	10	1. Devem estar próximos dos locais de grande fluxo
Paradas de ônibus	6	1. Serão realocadas para as vias exclusivas de ônibus centrais
Café	1	1. Devem estar próximos dos locais de grande fluxo
Espaços expositivos	2	1. Serão alocados ao longo do percurso elevado
Instalações artísticas	3	1. As instalações serão implantadas ao longo do percurso.

Figura 4: Tabela do programa de necessidades do projeto.

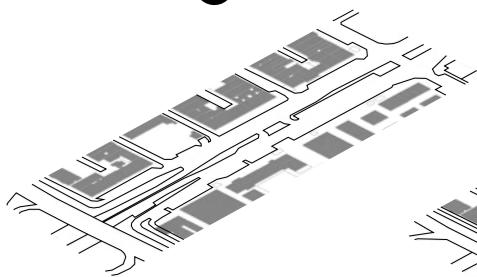
Fonte: Elaborado pela autora (2021).



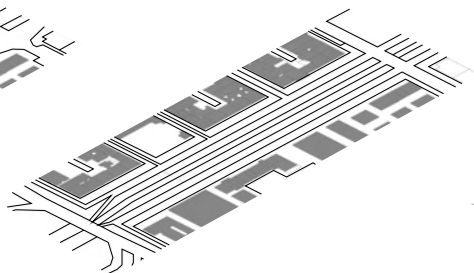


A criação de um partido linear surgiu por conta do local de implantação do projeto se dar na via central de Taguatinga. Foi proposto o redesenho urbano da rede viária, dando continuidade ao corredor central exclusivo de ônibus, a partir disso, criaram-se novos canteiros centrais de calçada. O percurso elevado foi criado com base nos desenhos desses canteiros centrais, permitindo uma conexão com a rede de mobilidade e criando pontos de permanência centrais e elevados.

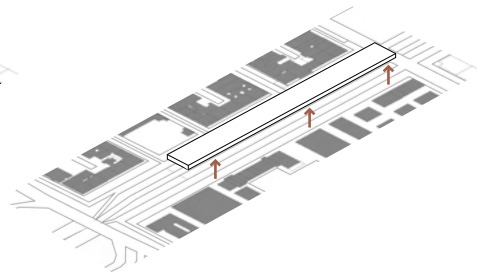
1 via central



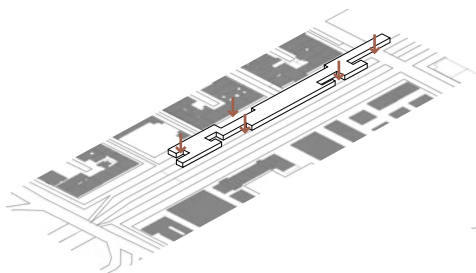
2 via central redesenhada



3 adição de plano elevado



4 subtração na forma (+luminosidade)



5 adição de volumes (pontos de permanência)

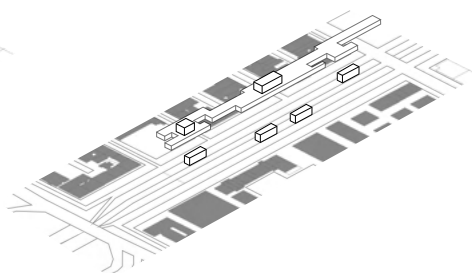


Figura 4.2: Zoneamento do projeto e corte urbano.

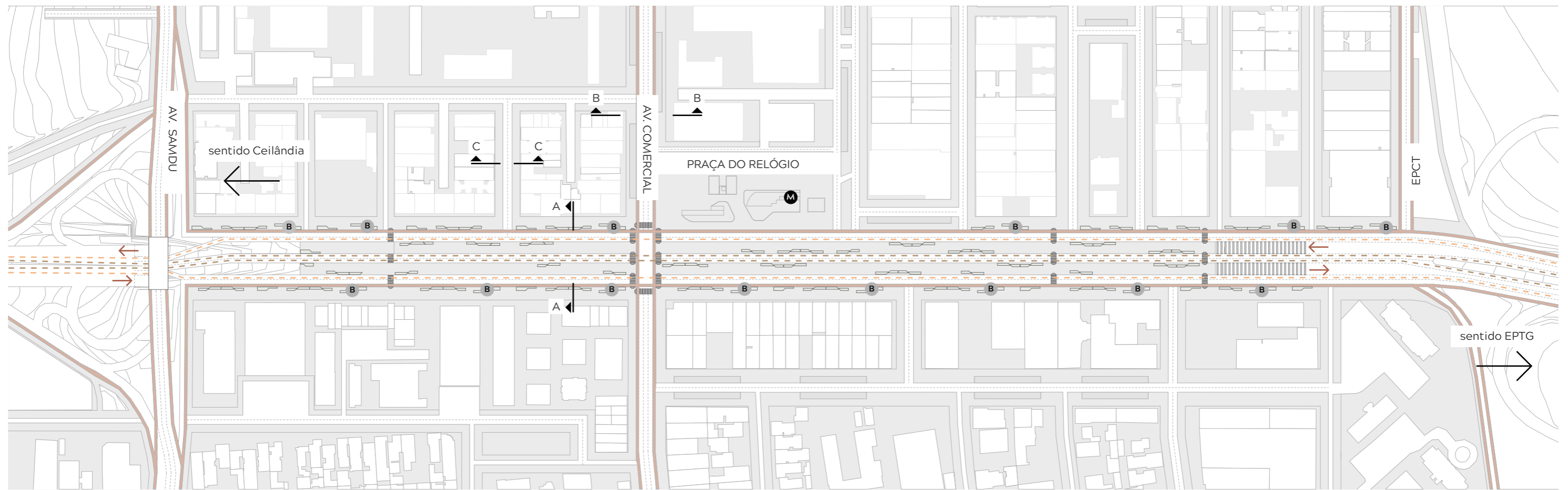
Fonte: Elaborado pela autora (2021).



- Pontos de permanência (equipamentos urbanos e instalações artísticas)
- Pontos de entrada/saída - elementos verticais
- Demarcação do projeto
- Limite da RA Taguatinga
- Córrego Cortado

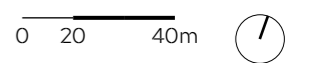
**PARTE V**  
projeto





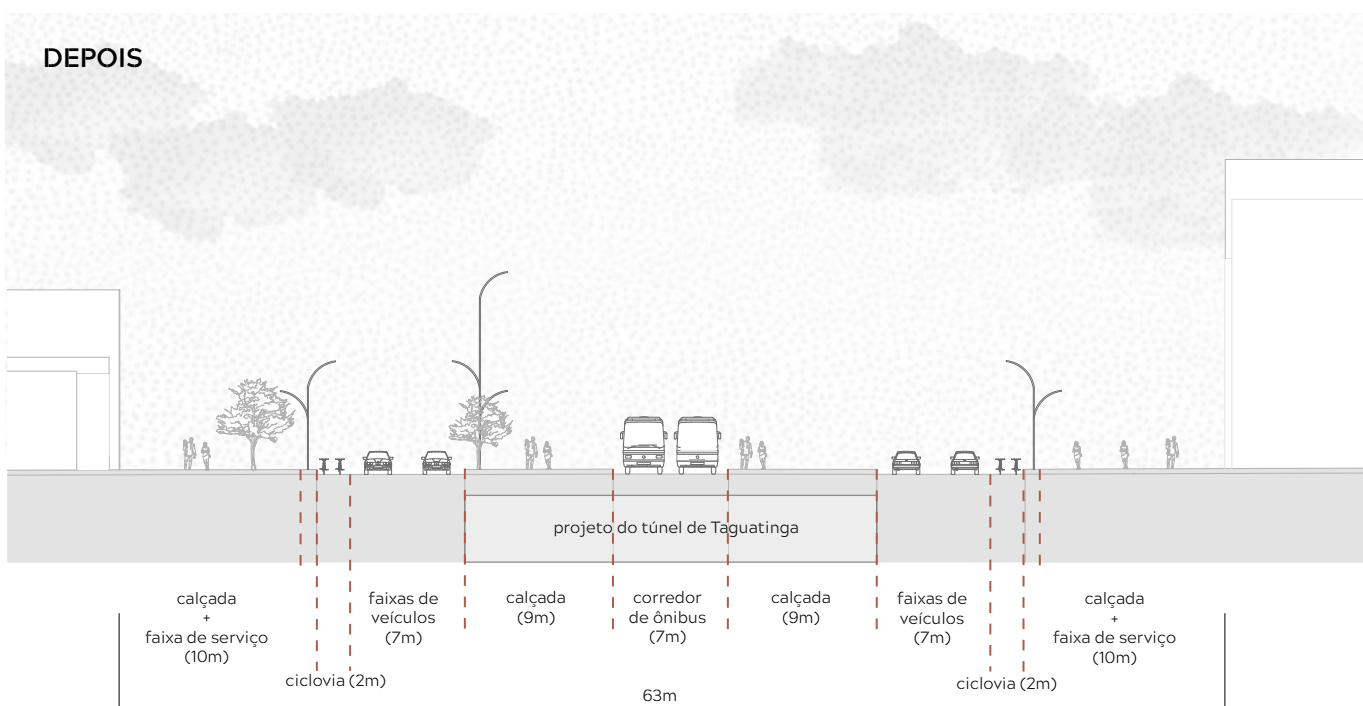
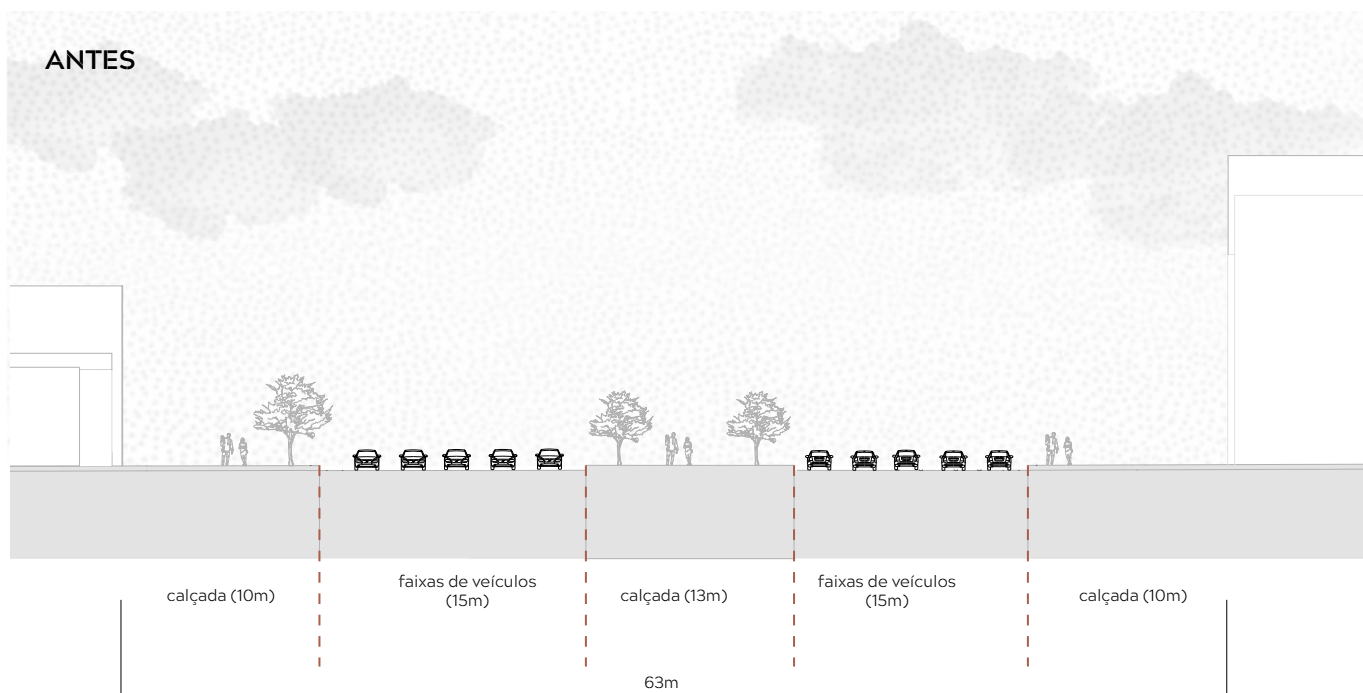
metrô   ciclovia   paisagismo   bicicletários

- entrada/saída do projeto do túnel de Taguatinga
- corredor exclusivo para ônibus
- demais veículos

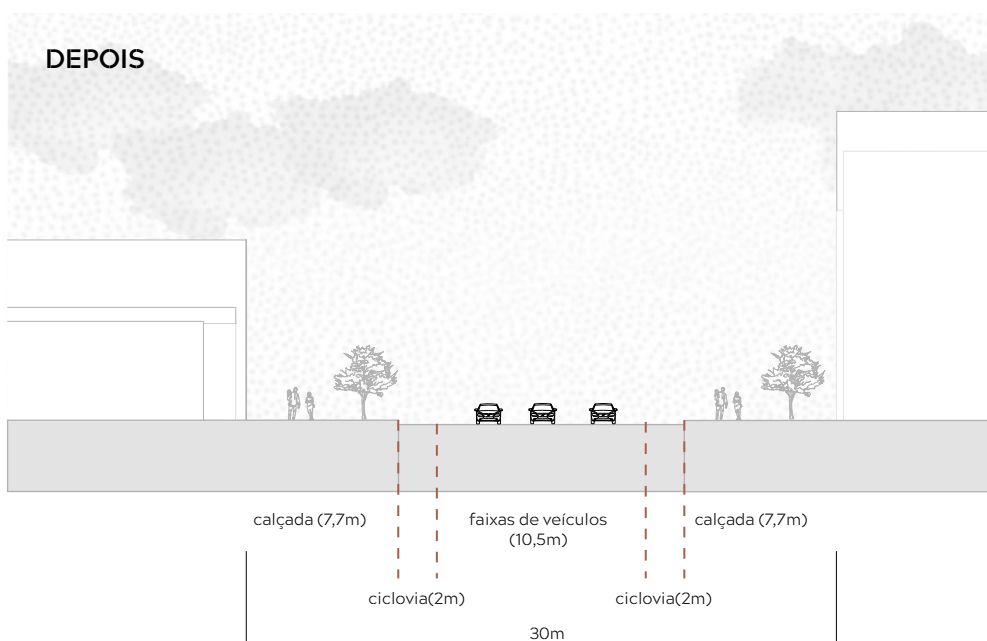
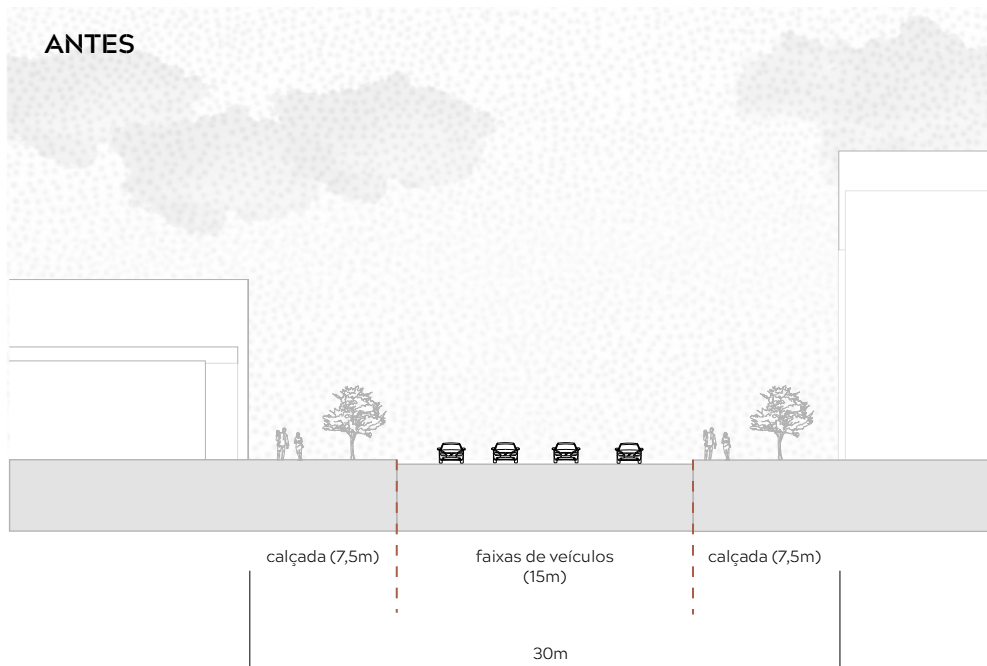


REDESENHO URBANO

CORTE AA - VIA CENTRAL (VIA ARTERIAL)

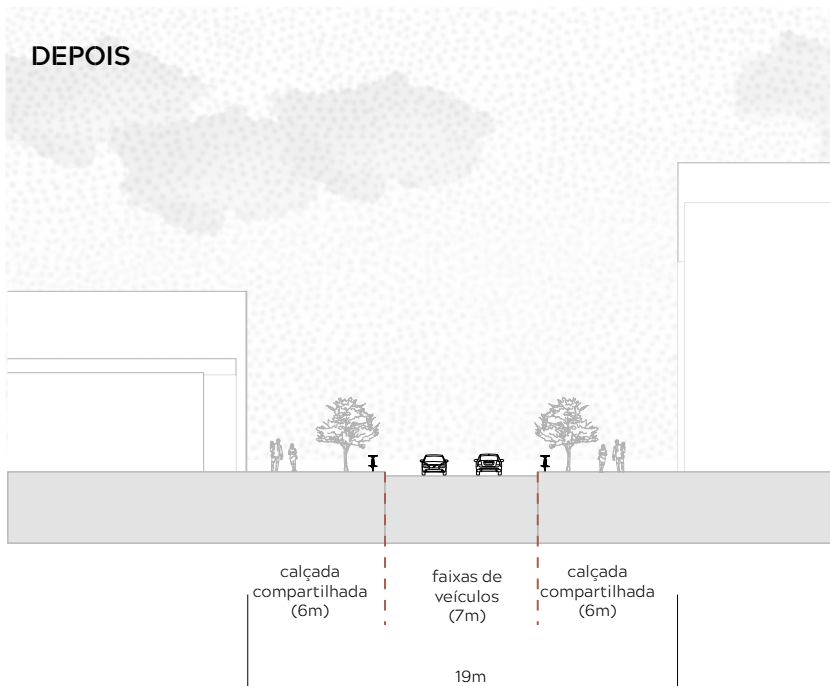
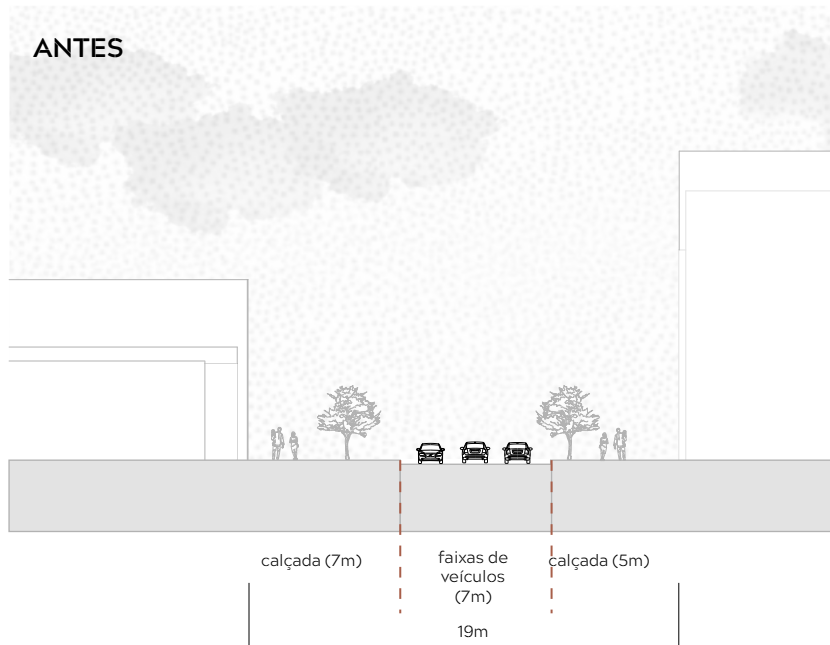


**CORTE BB - AV. COMERCIAL (VIA COLETORA)**



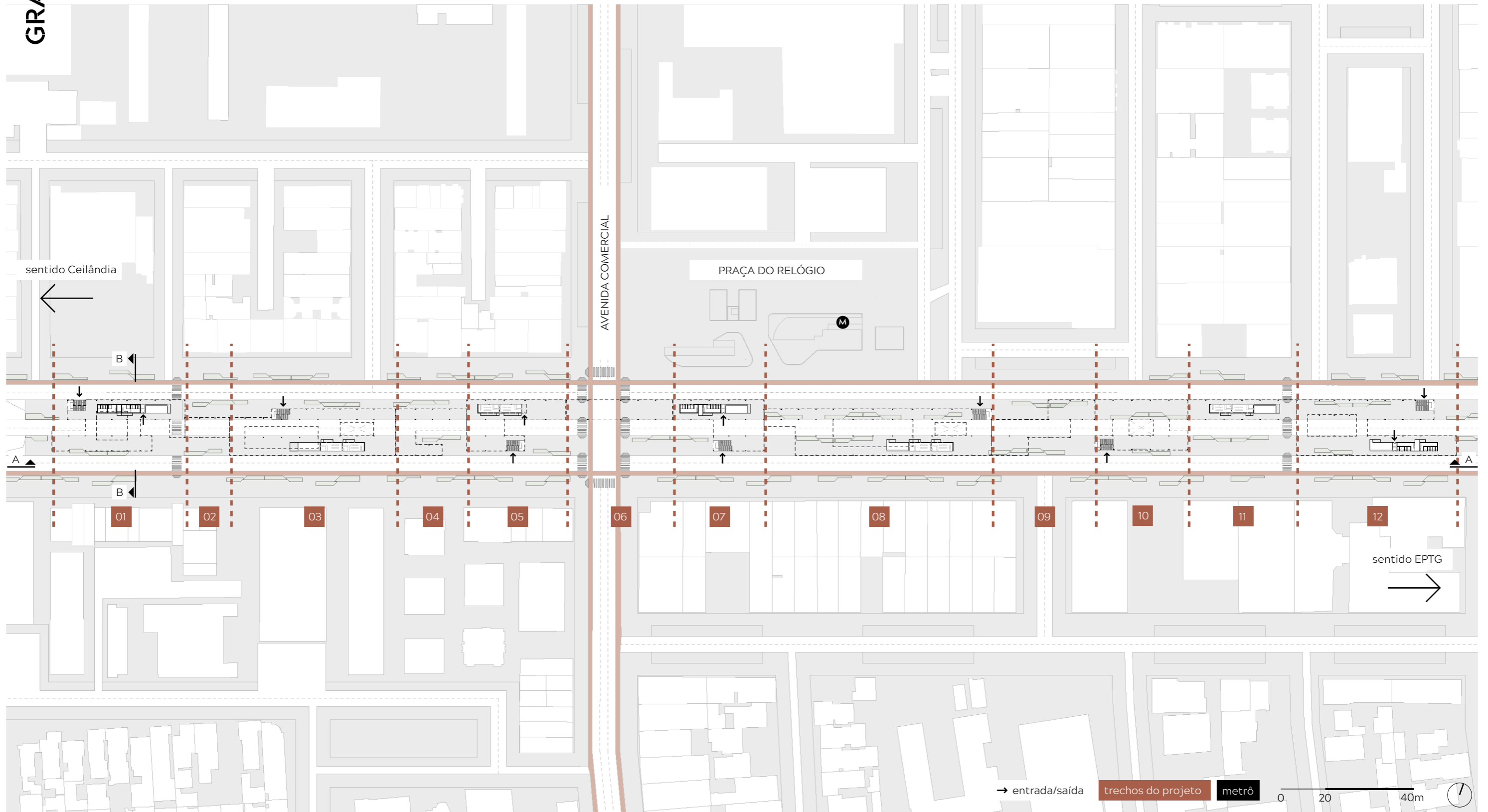


CORTE CC - VIA LOCAL

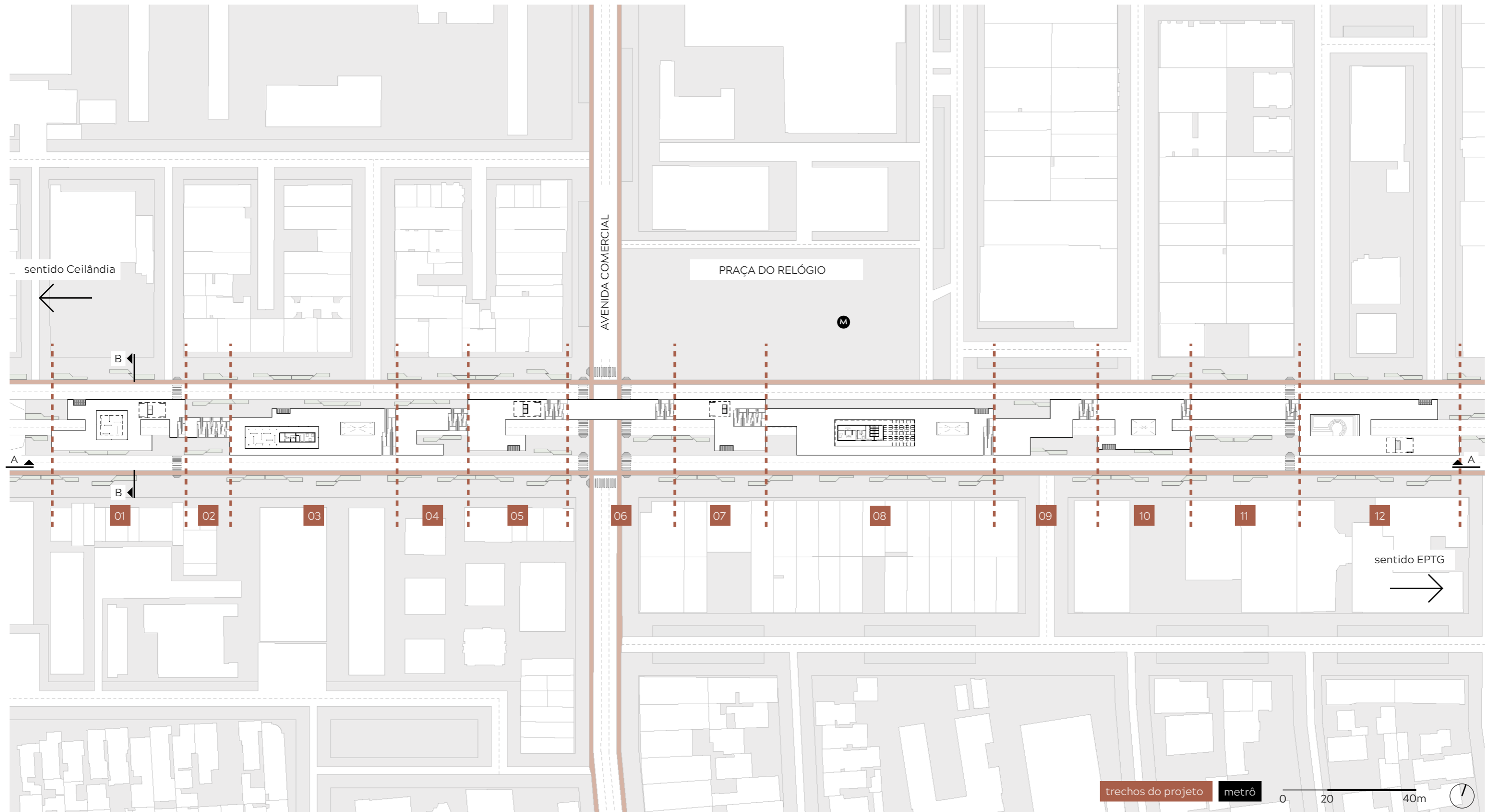


GRANDE ESCALA

PASSARELA - NÍVEL TÉRREO

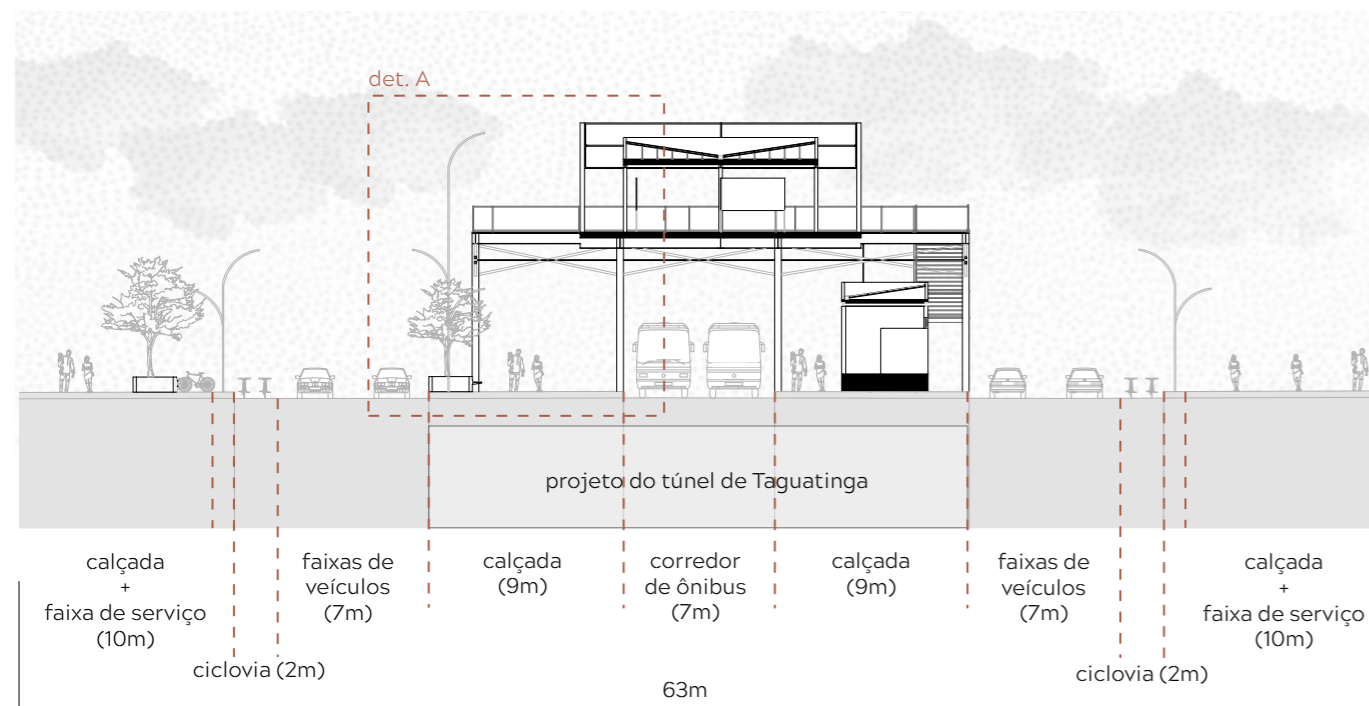


PASSARELA - 1 PAVIMENTO

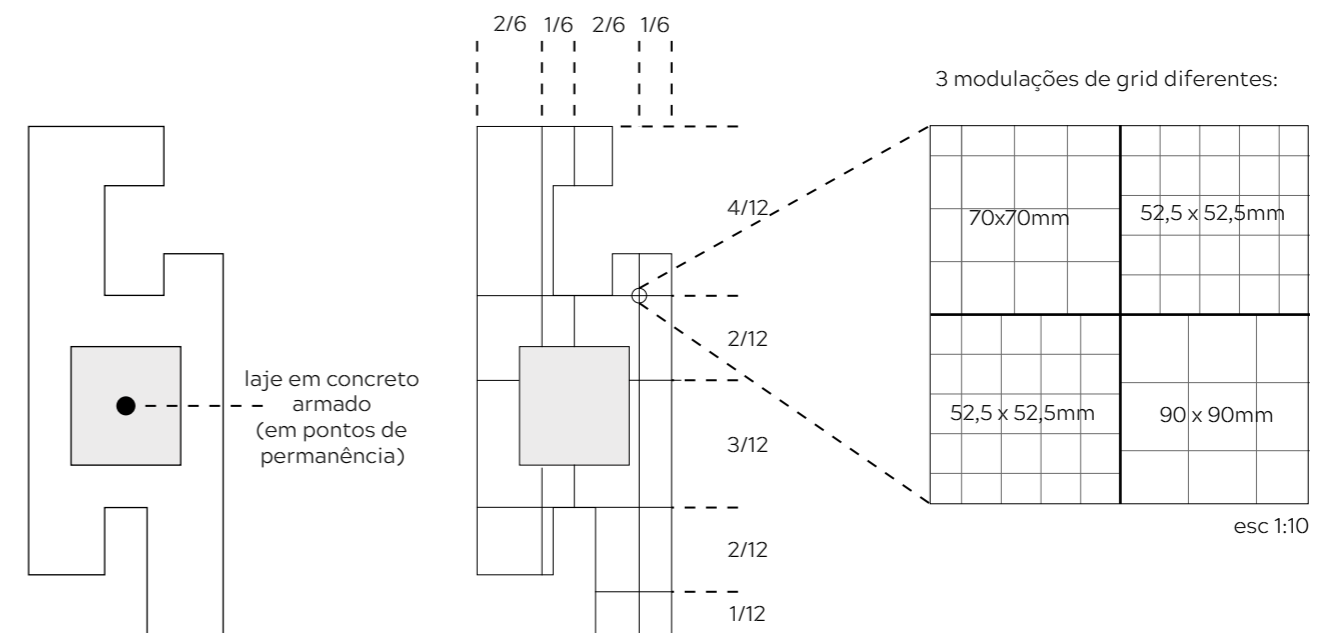


CORTES URBANOS

CORTE URBANO AA

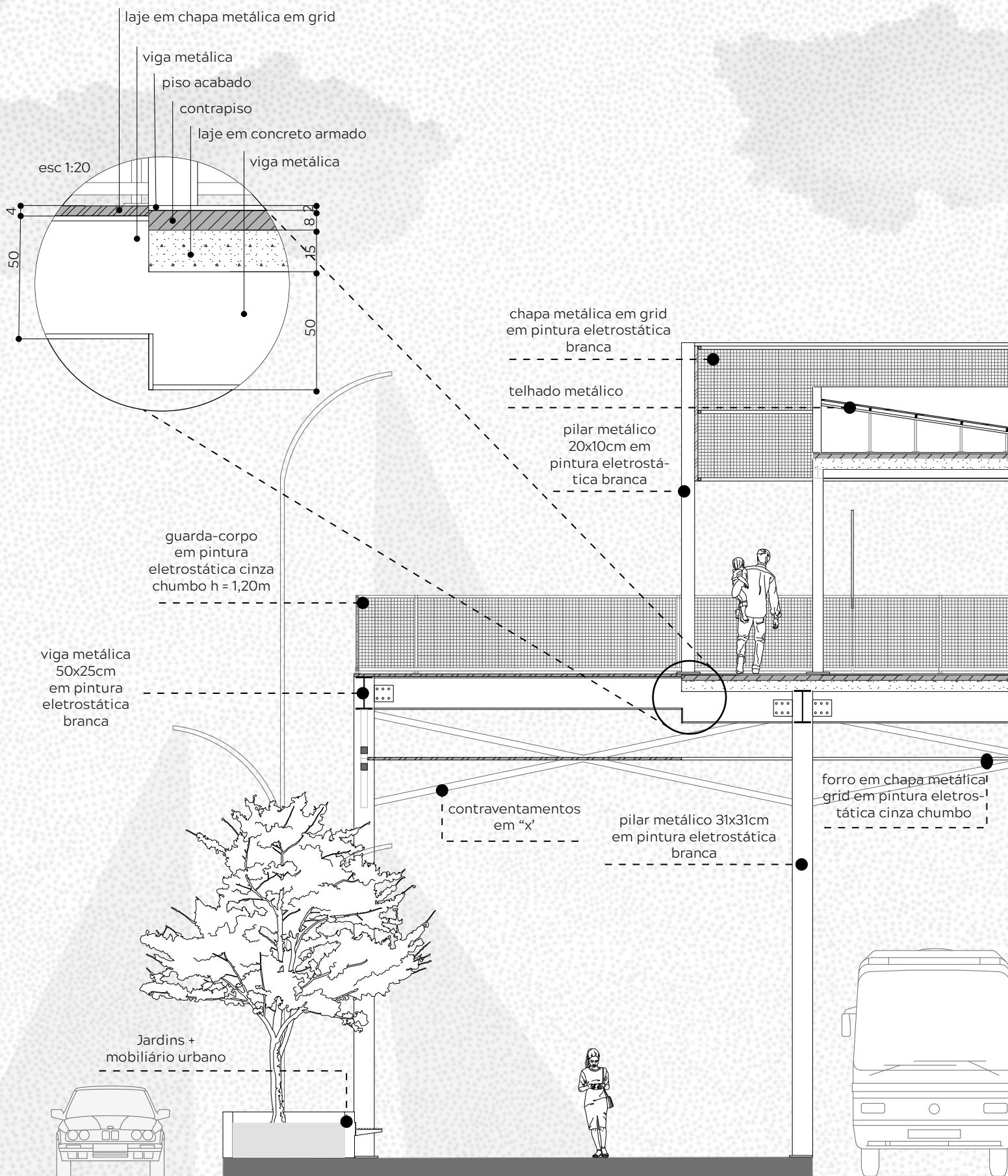


PAGINAÇÃO DE PISO EM GRID METÁLICO (1 PAVIMENTO)



CORTE URBANO BB

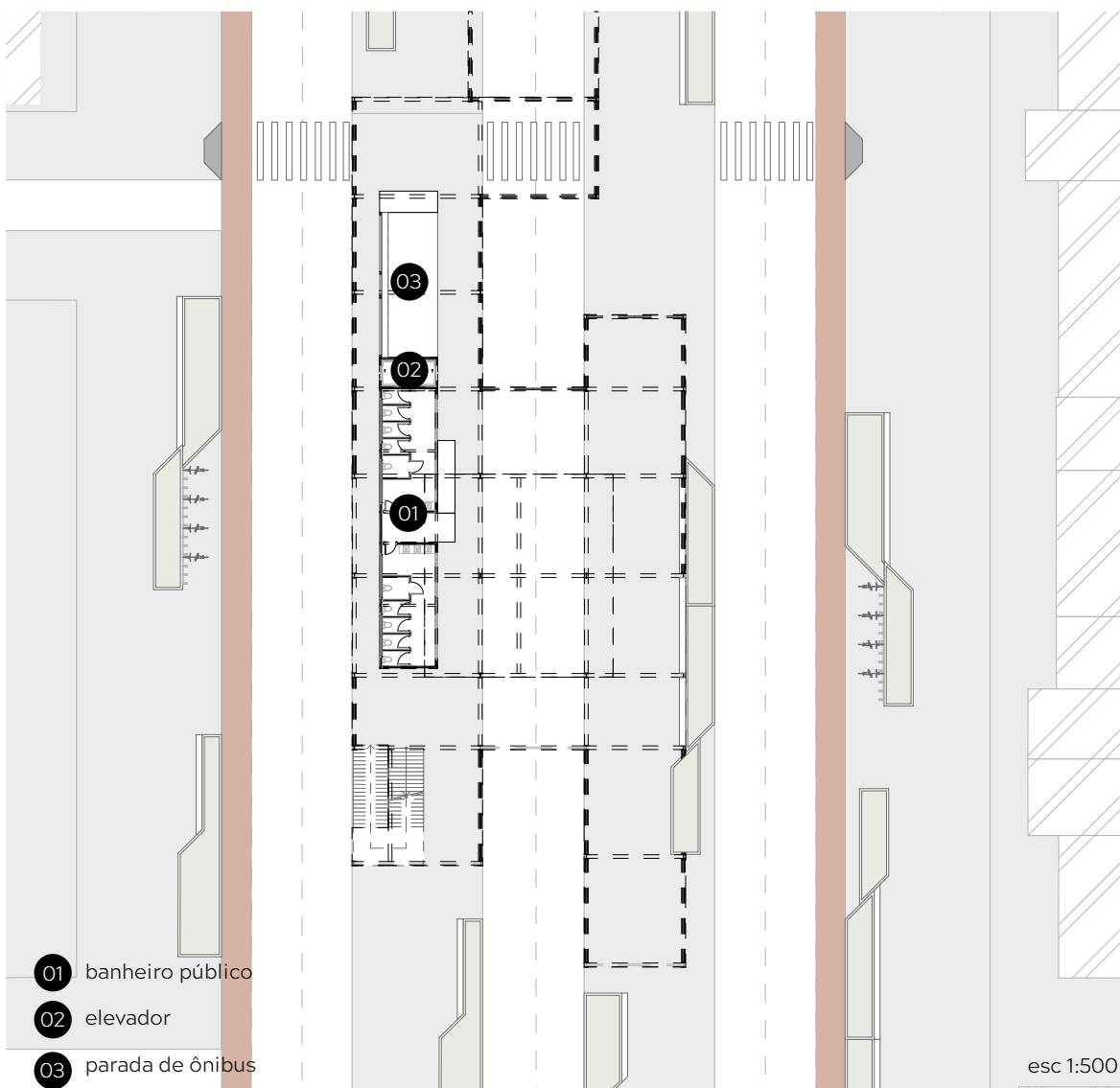




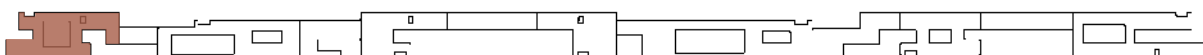
esc 1:75

0 20 40cm

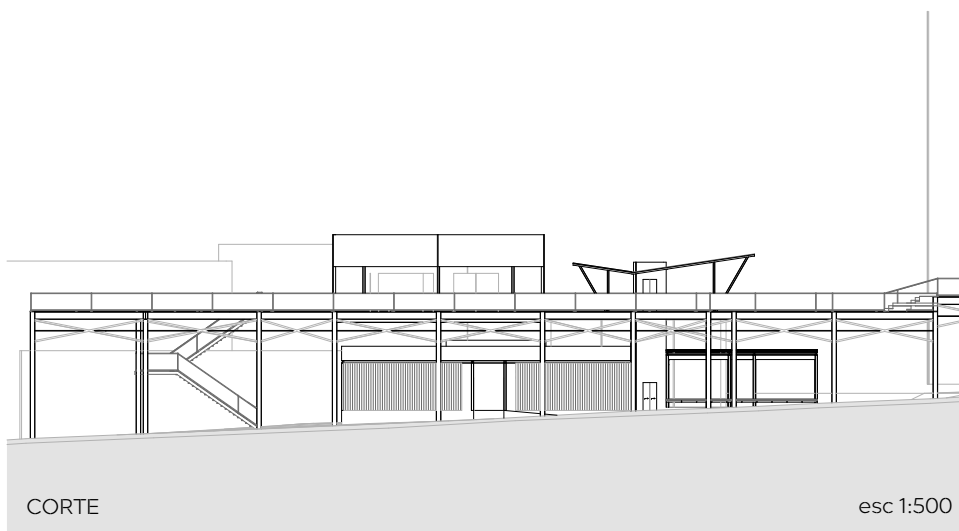
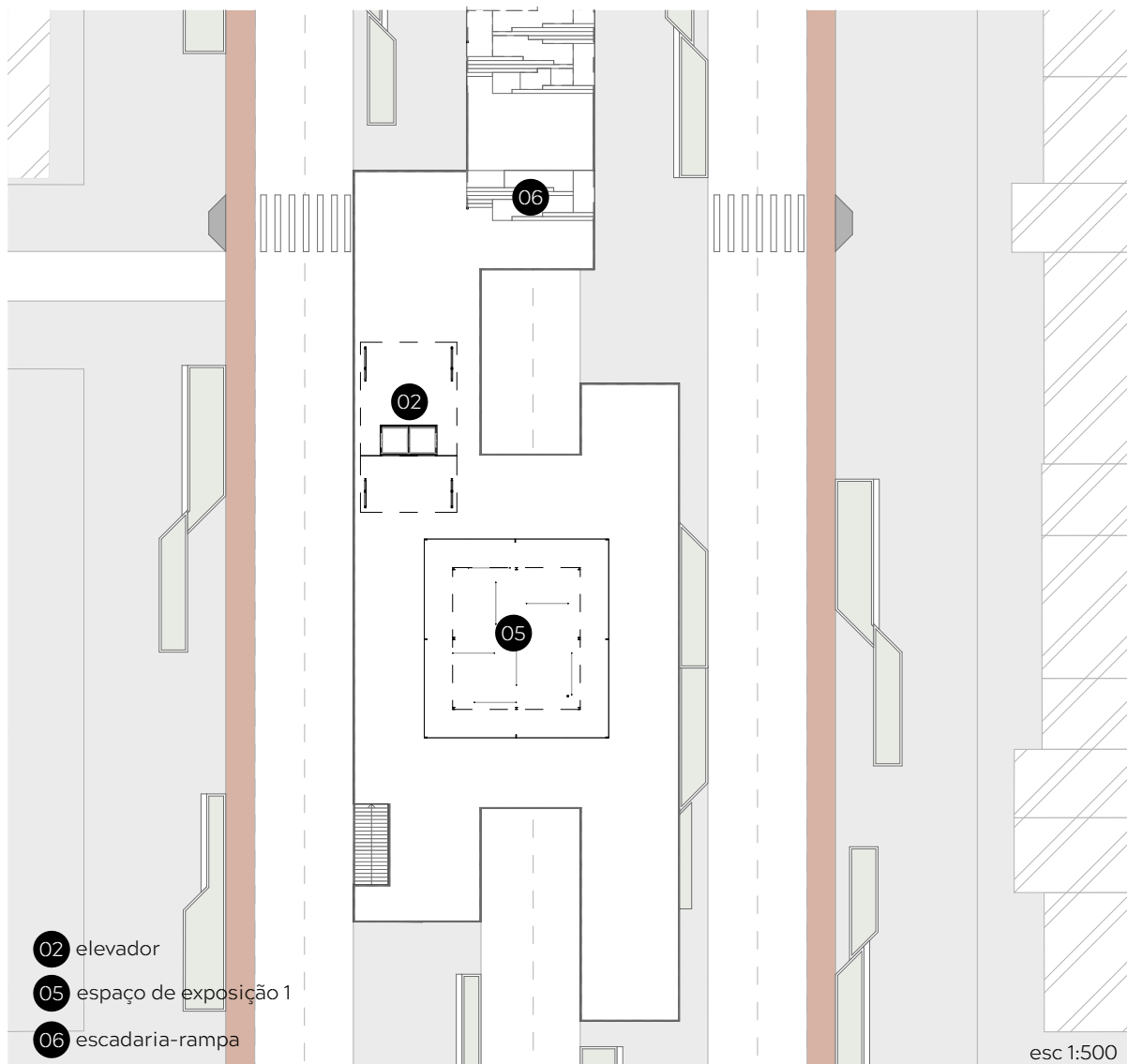
TRECHO 01 - NÍVEL TÉRREO



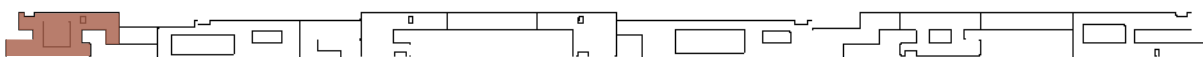
legenda de situação do trecho



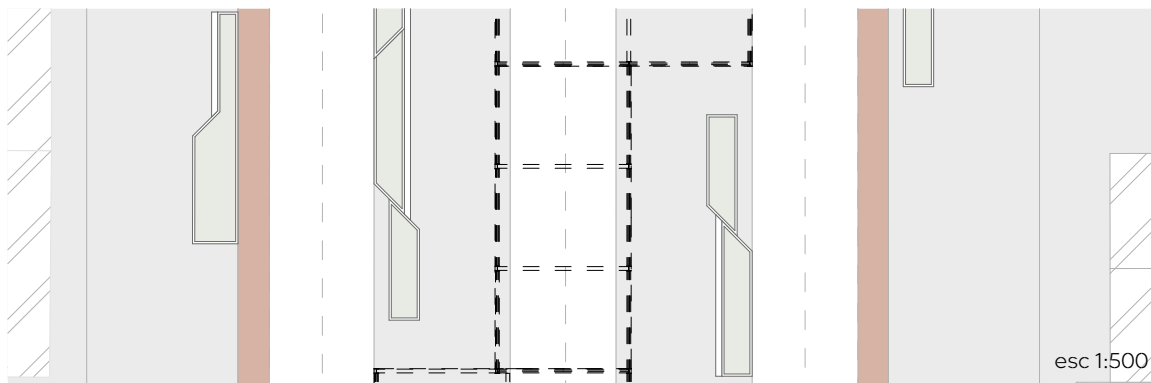
TRECHO 01 - 1 PAVIMENTO



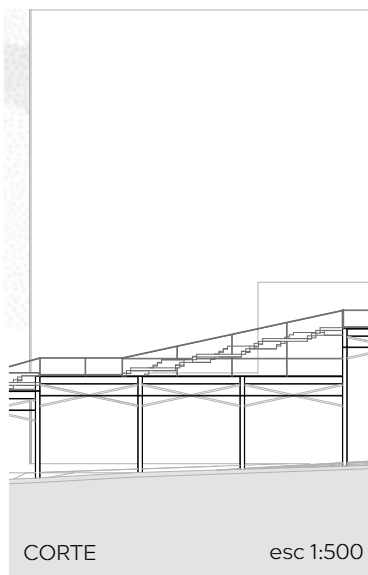
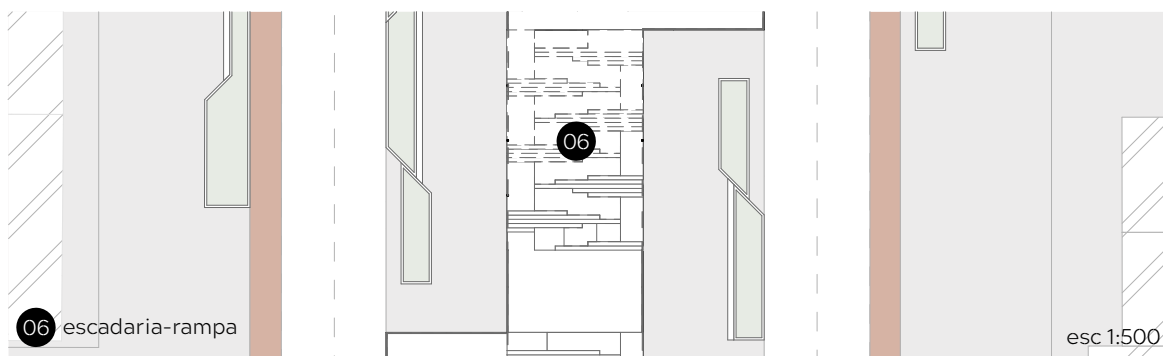
legenda de situação do trecho



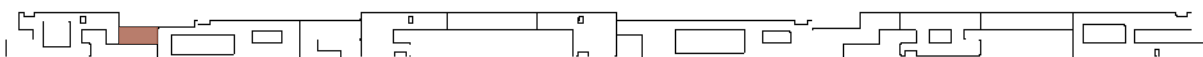
TRECHO 02 - NÍVEL TÉRREO



TRECHO 02 - 1 PAVIMENTO

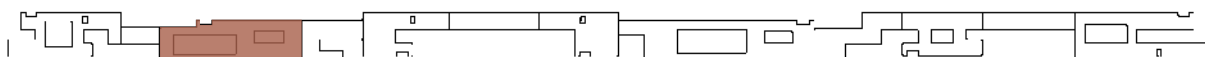
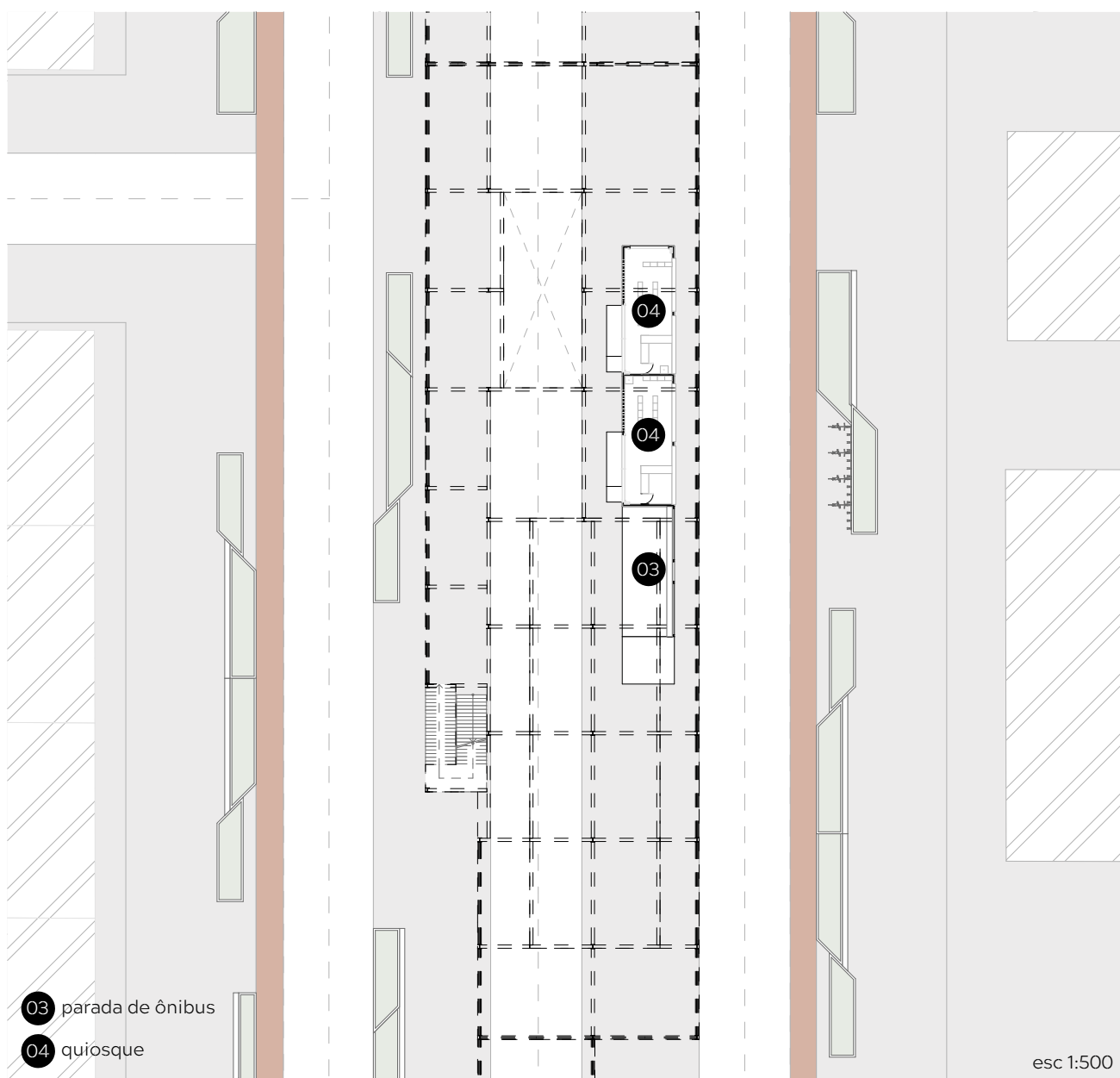


legenda de situação do trecho

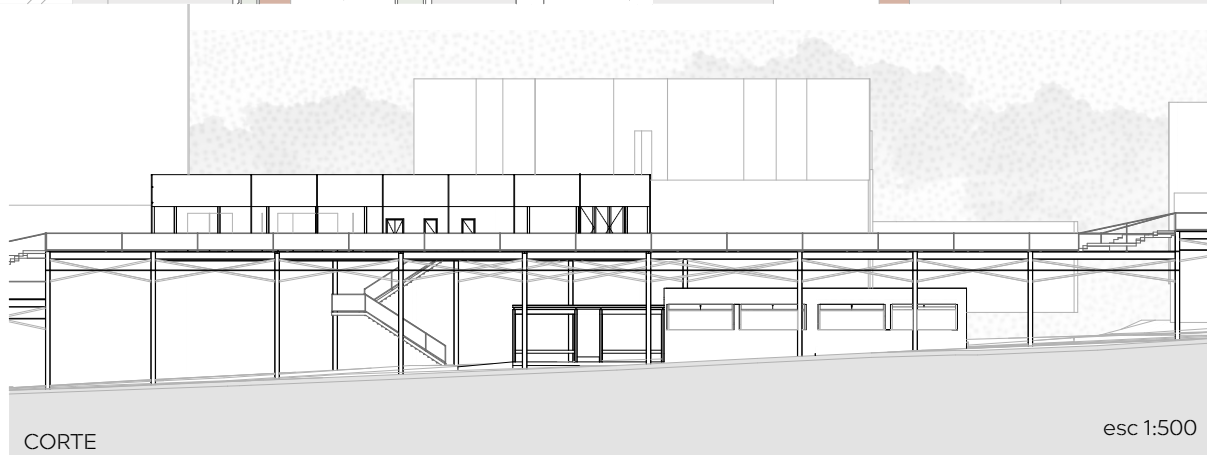
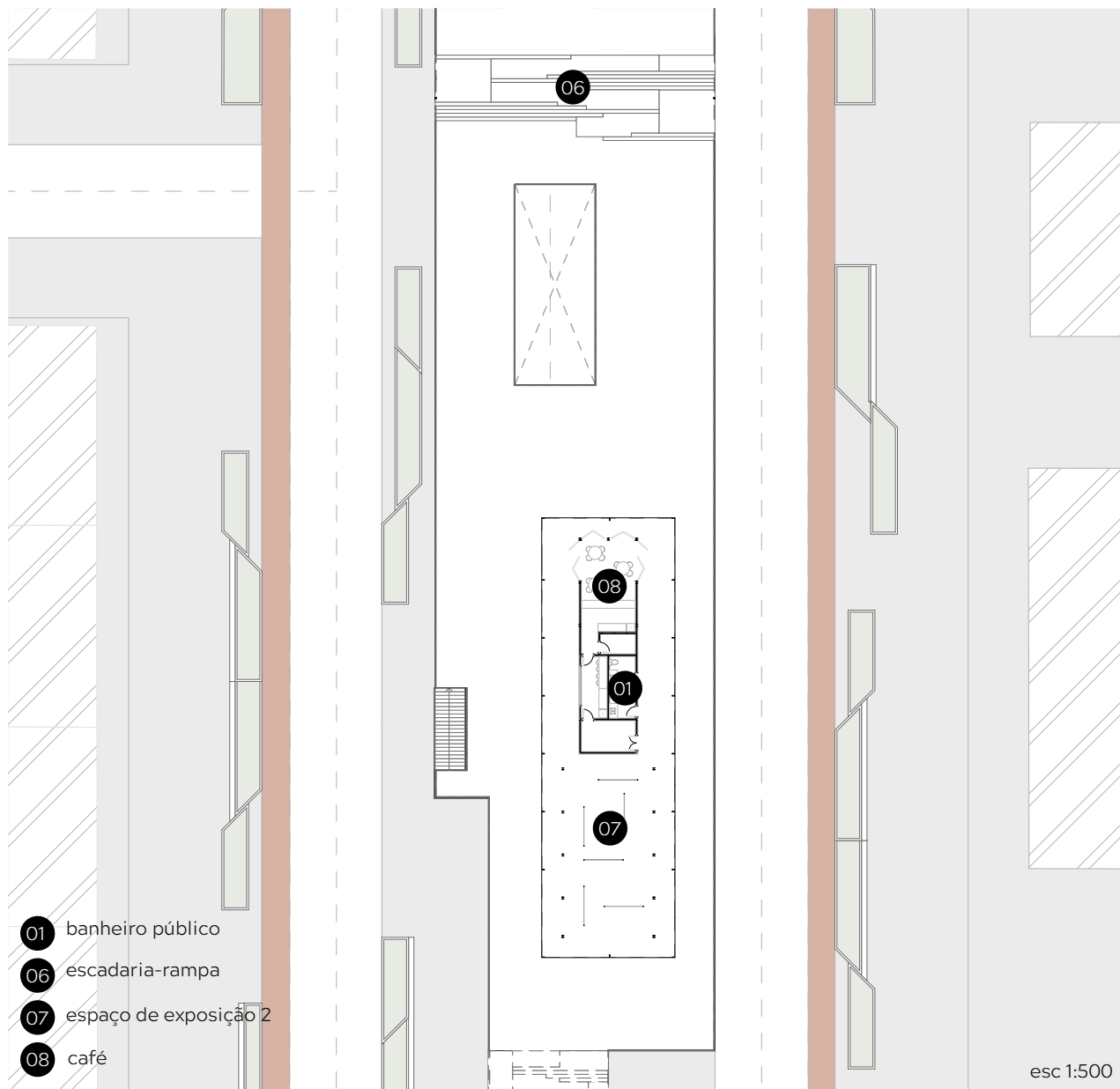




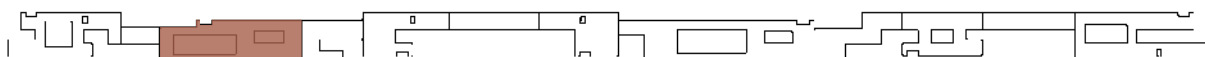
TRECHO 03 - NÍVEL TÉRREO



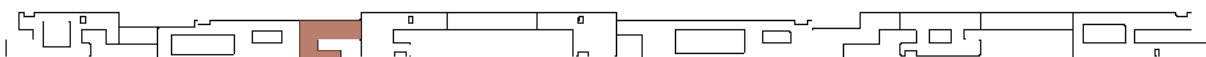
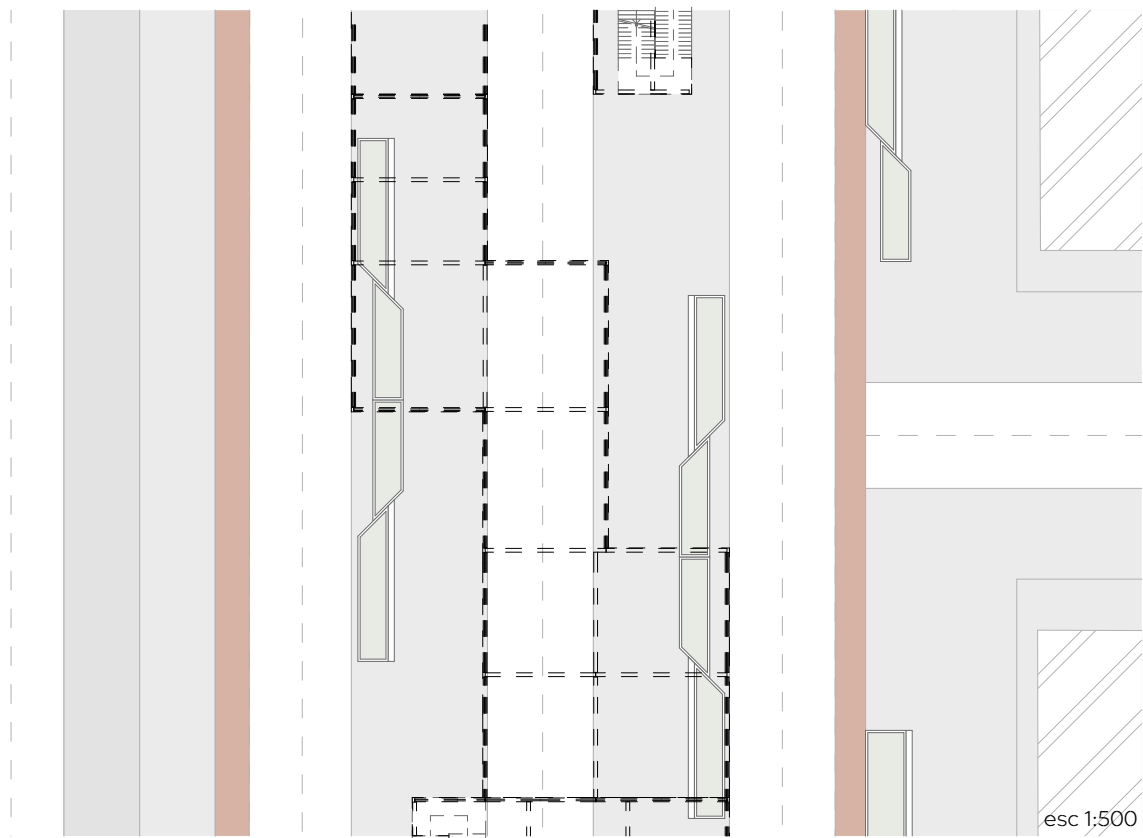
TRECHO 03 - 1 PAVIMENTO



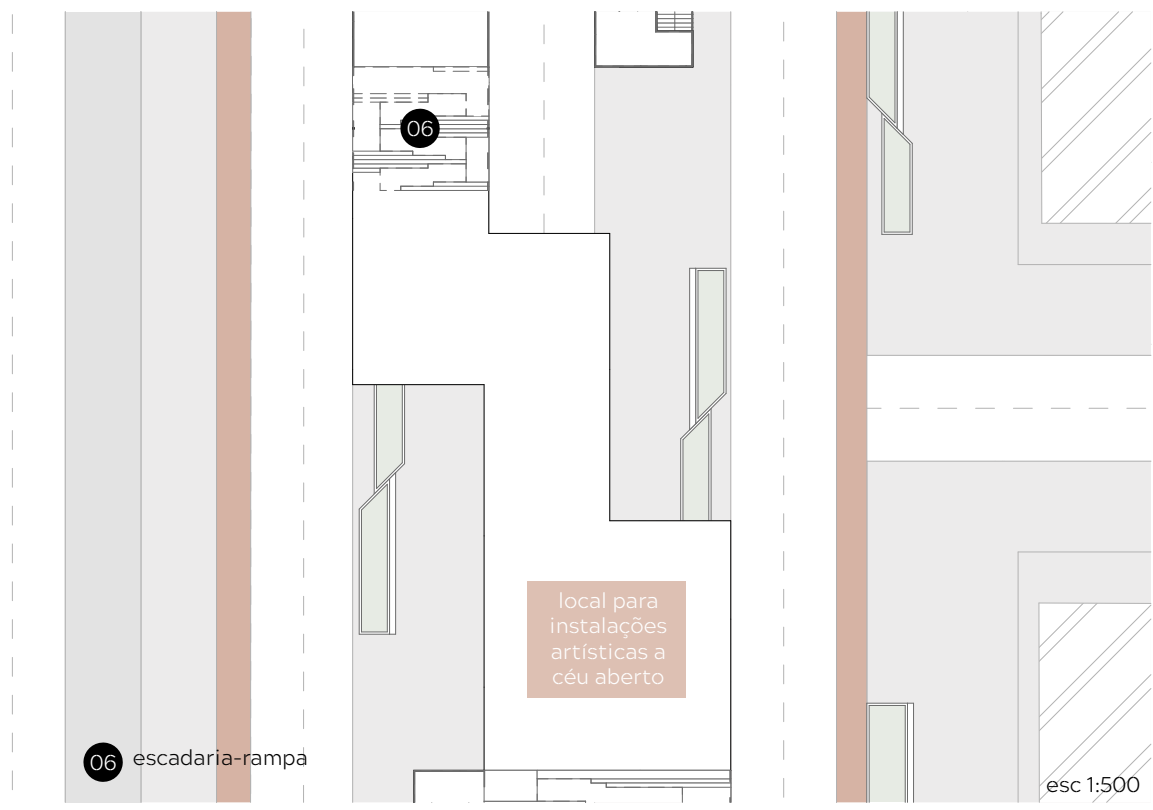
legenda de situação do trecho



TRECHO 04 - NÍVEL TÉRREO



TRECHO 04 - 1 PAVIMENTO



06 escadaria-rampa

local para instalações artísticas a céu aberto

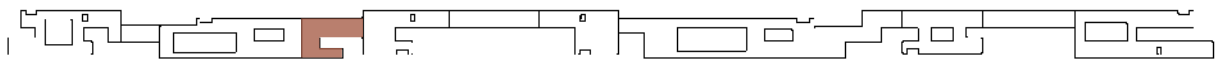
esc 1:500



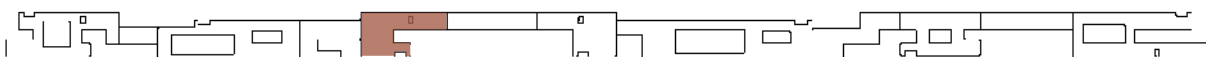
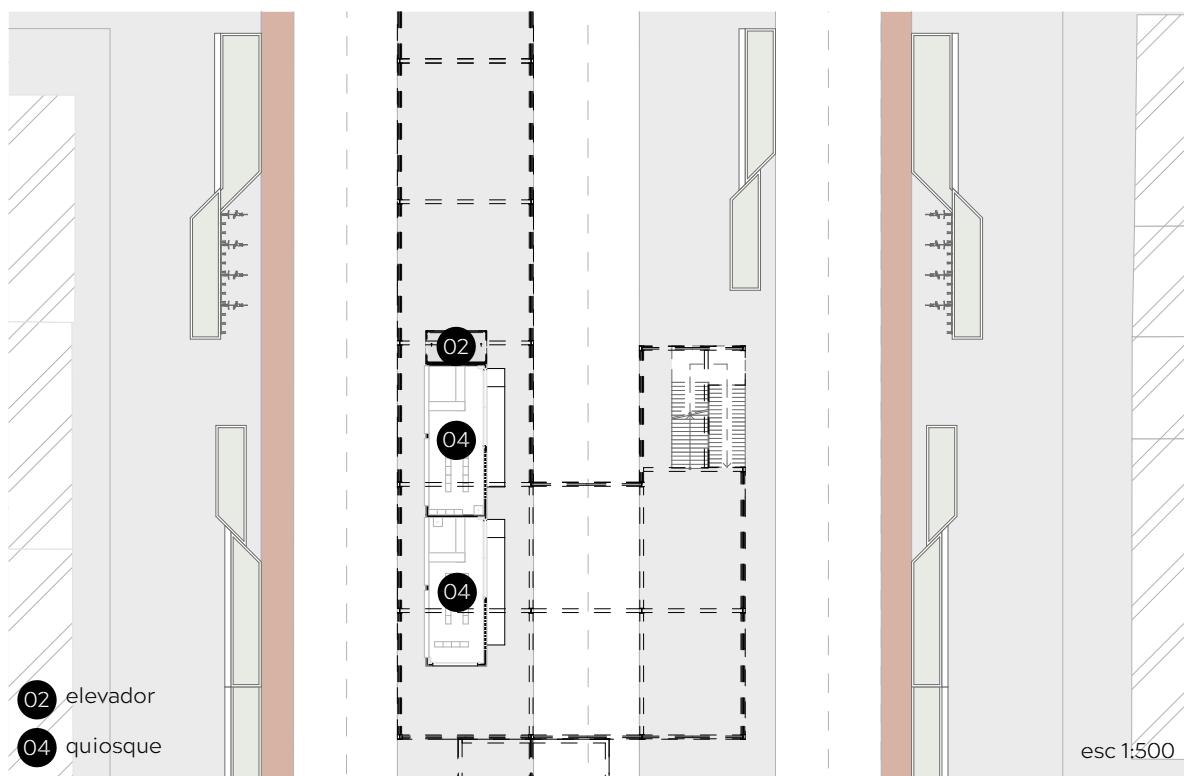
CORTE

esc 1:500

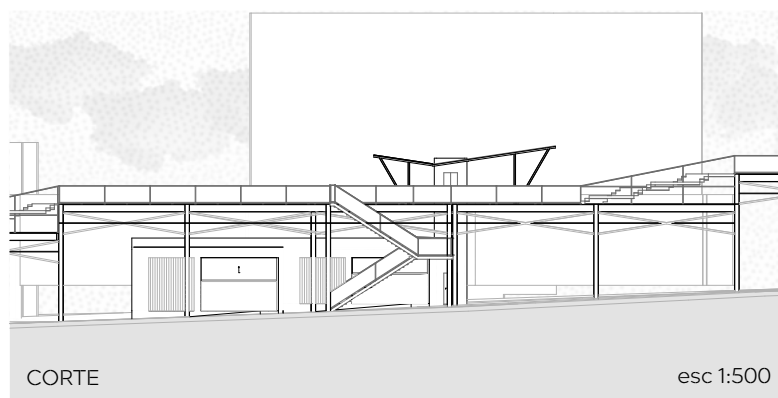
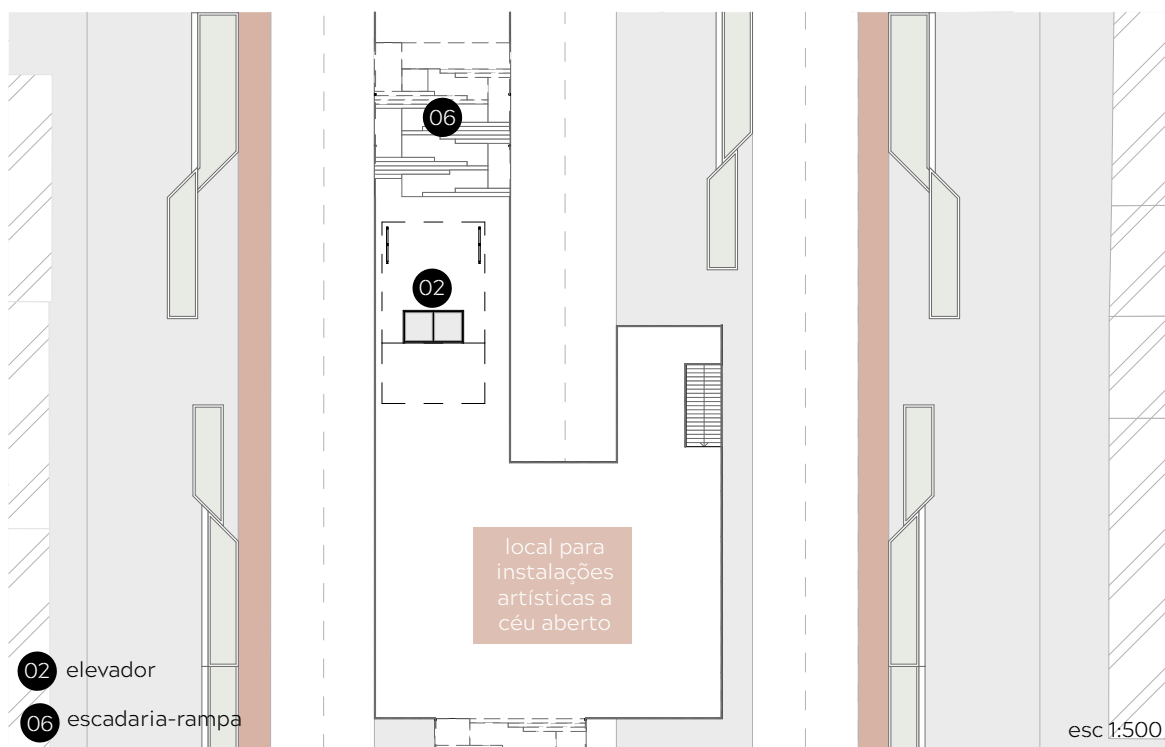
legenda de situação do trecho



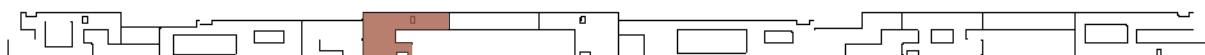
TRECHO 05 - NÍVEL TÉRREO



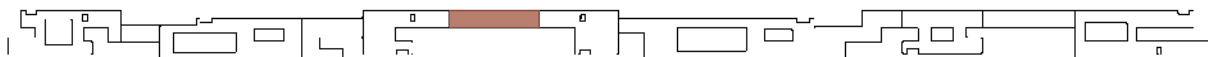
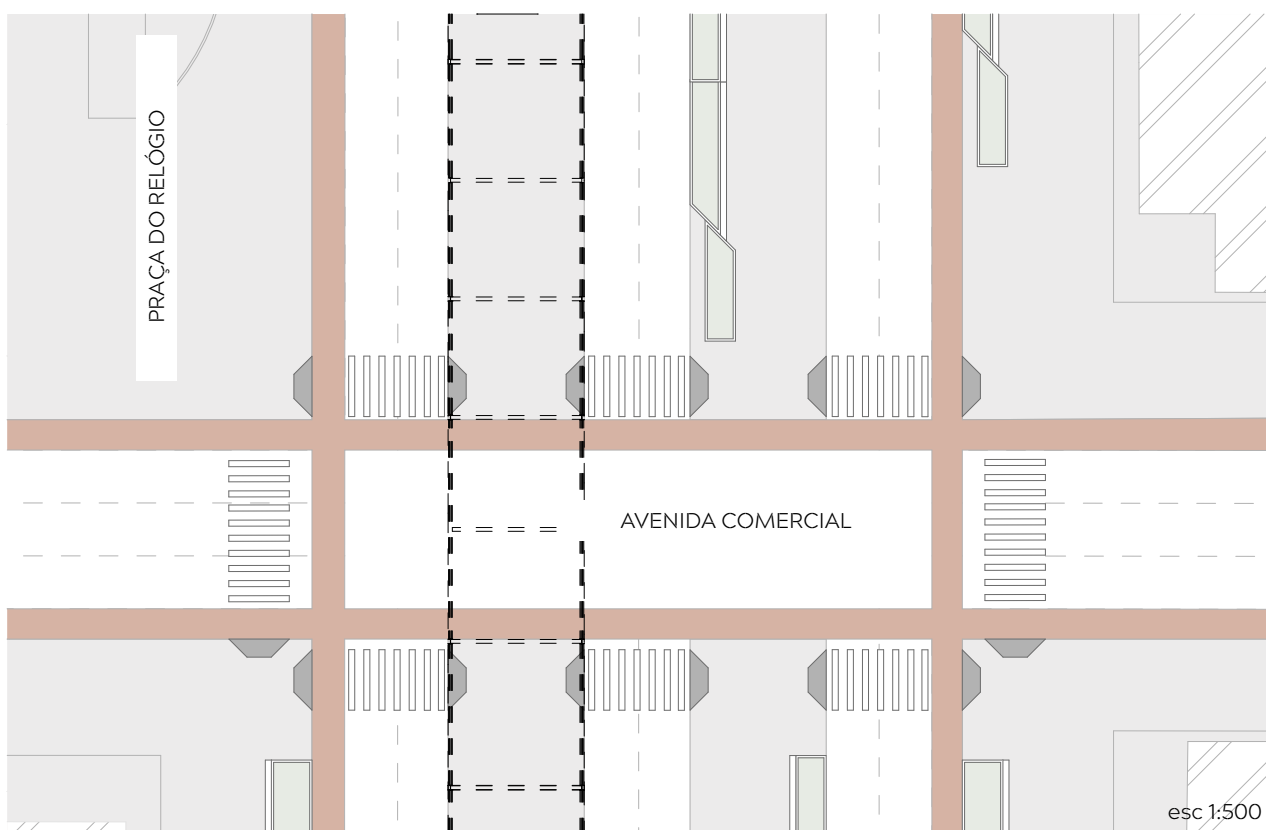
TRECHO 05 - 1 PAVIMENTO



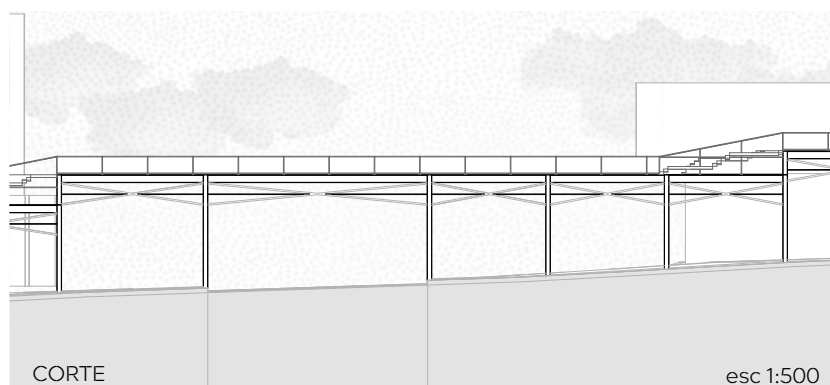
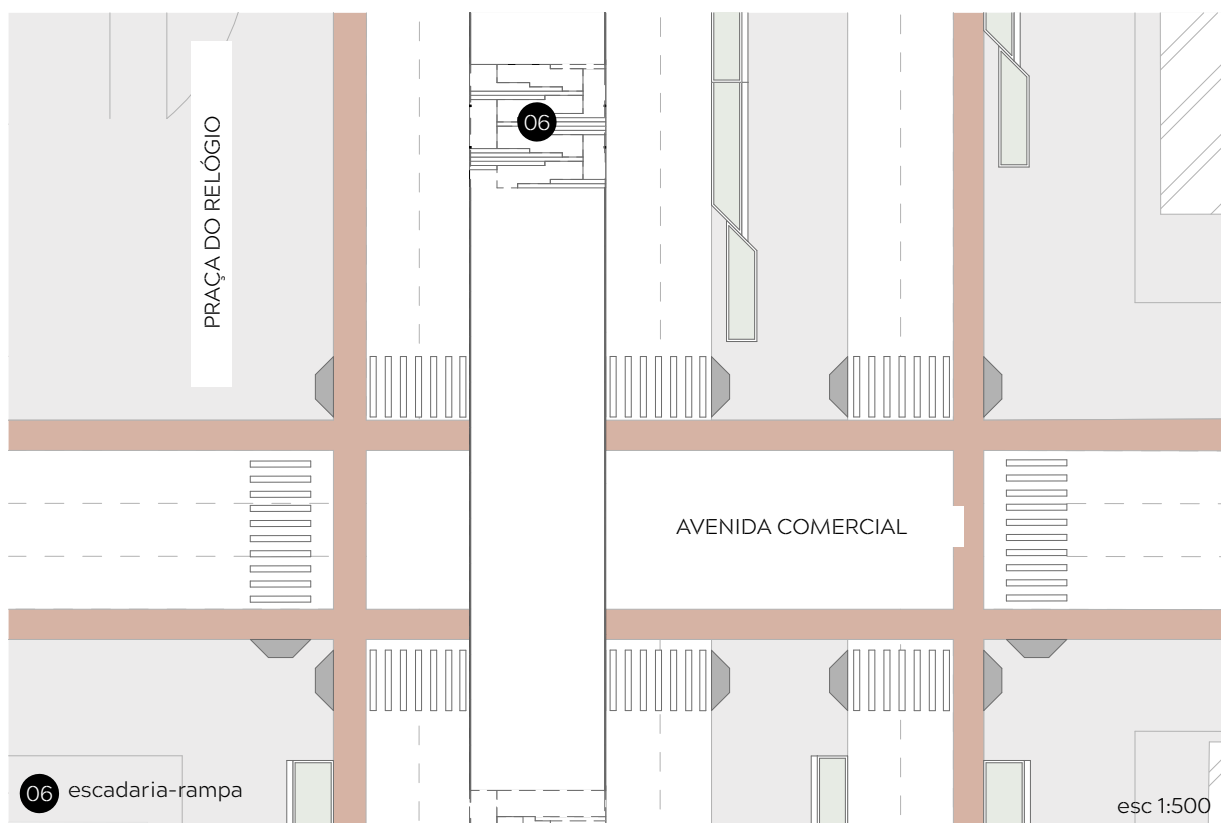
legenda de situação do trecho



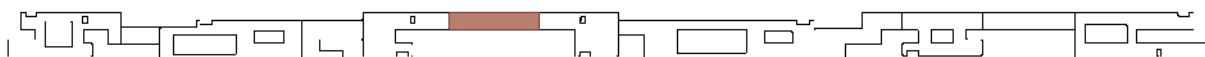
TRECHO 06 - NÍVEL TÉRREO



TRECHO 06 - 1 PAVIMENTO

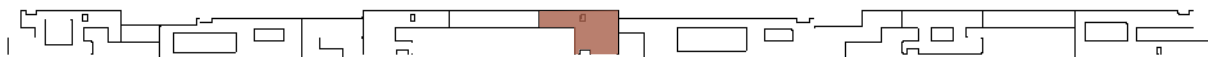
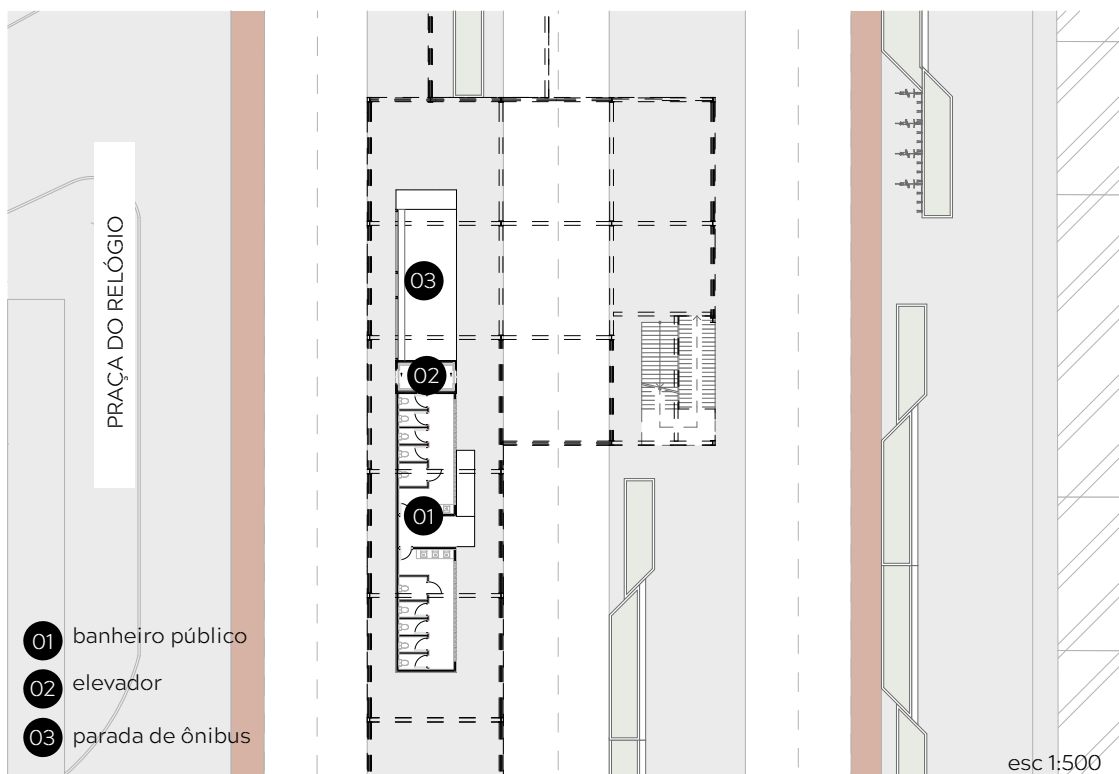


legenda de situação do trecho

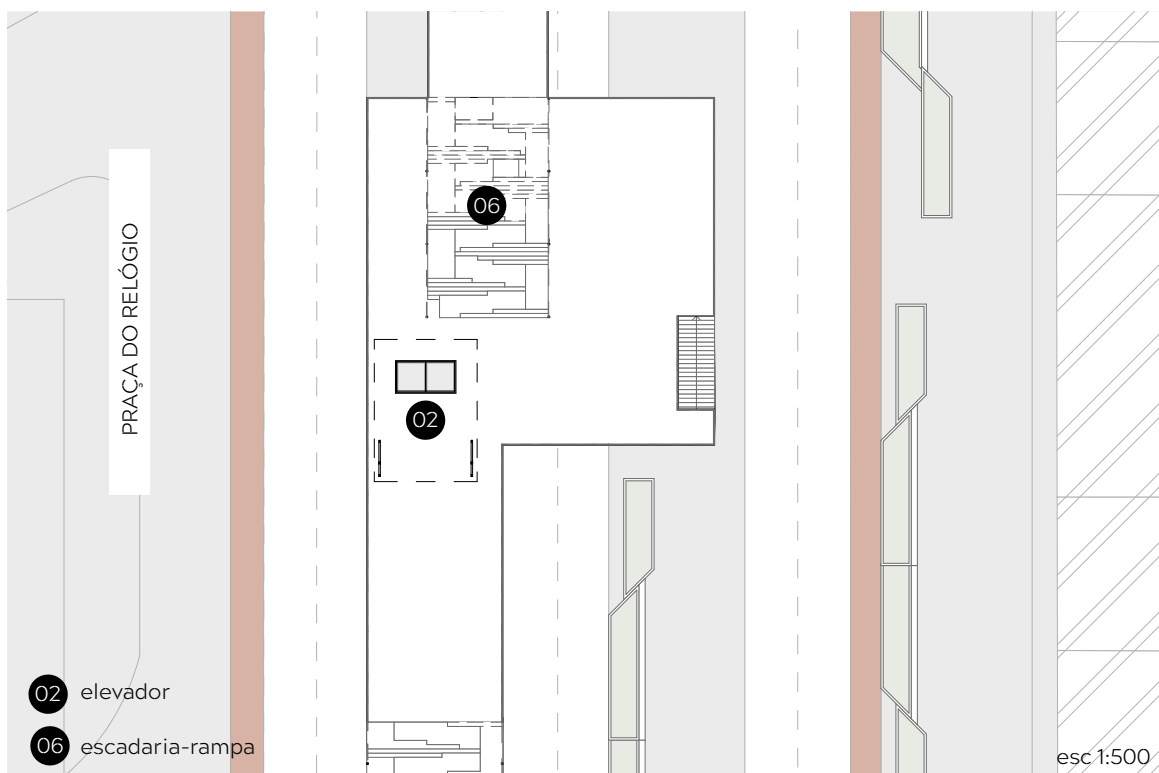




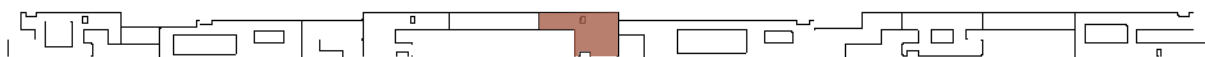
TRECHO 07 - NÍVEL TÉRREO



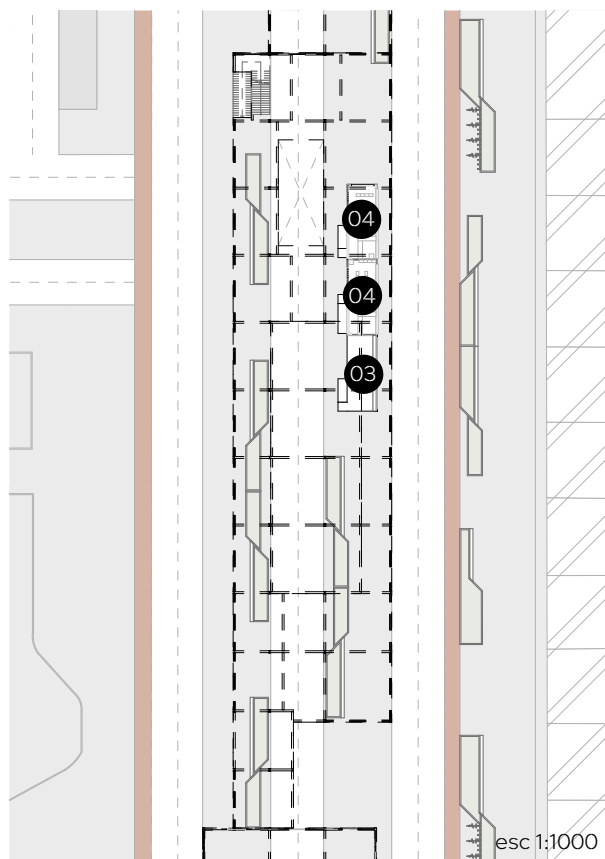
TRECHO 07 - 1 PAVIMENTO



legenda de situação do trecho



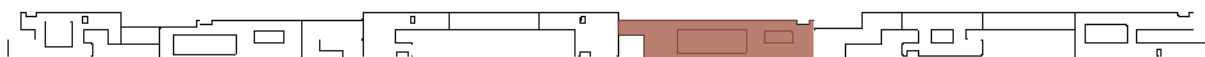
TRECHO 08 - NÍVEL TÉRREO



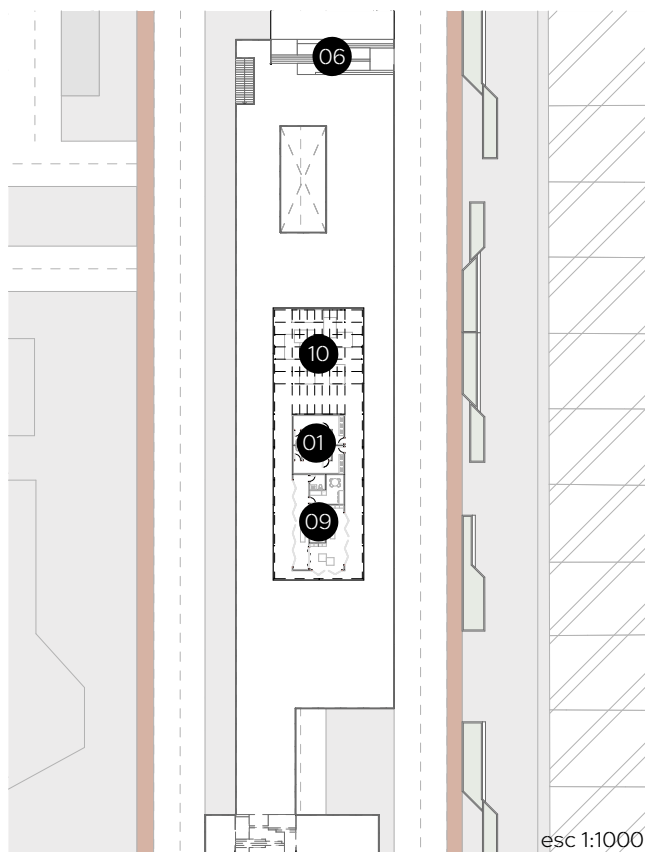
03 parada de ônibus

04 quiosque

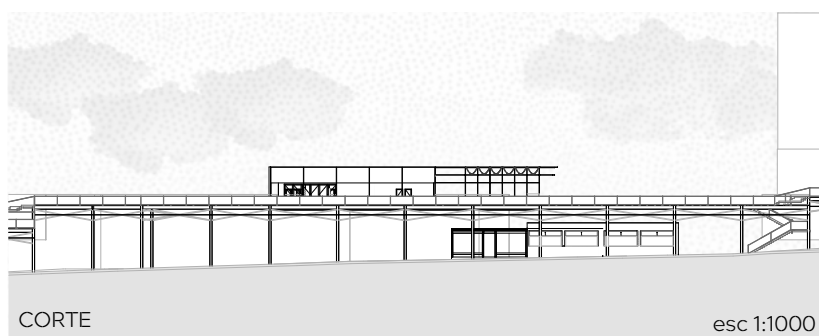
legenda de situação do trecho



TRECHO 08 - 1 PAVIMENTO



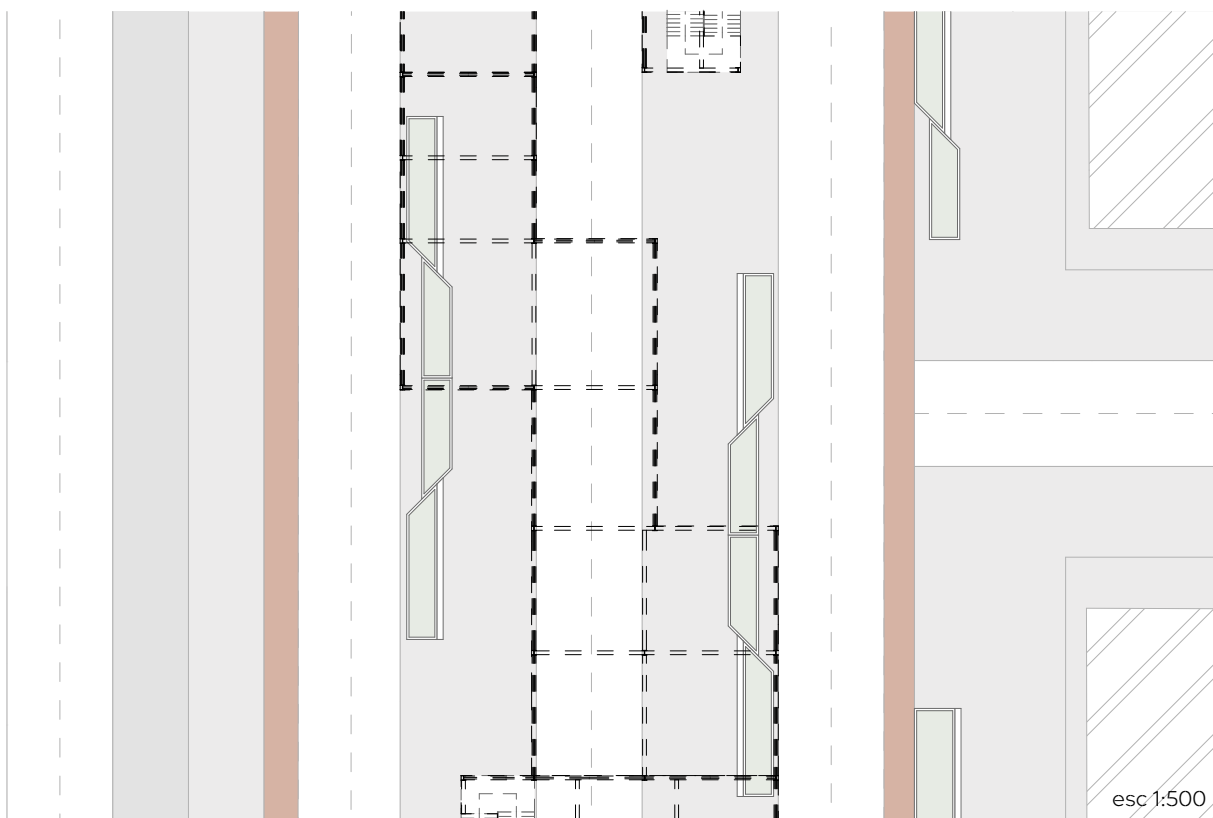
- 01 banheiro público
- 06 escadaria-rampa
- 09 ponto de cultura do IPHAN
- 10 cinema urbano



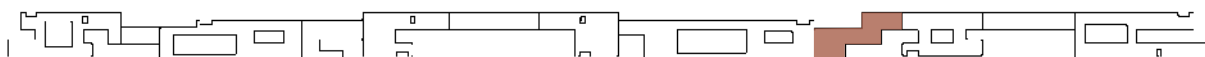
legenda de situação do trecho



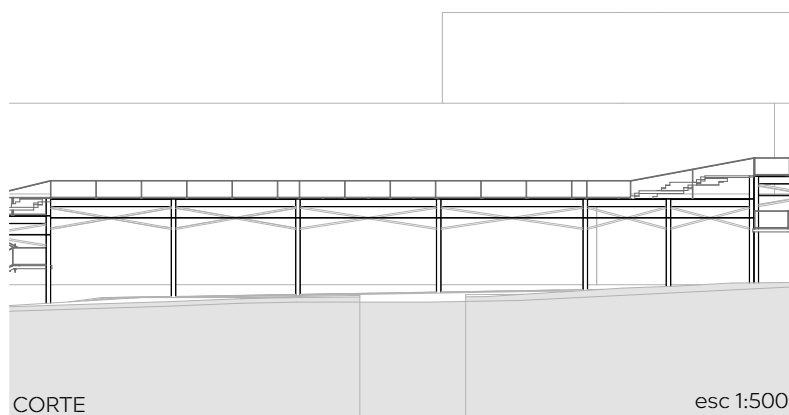
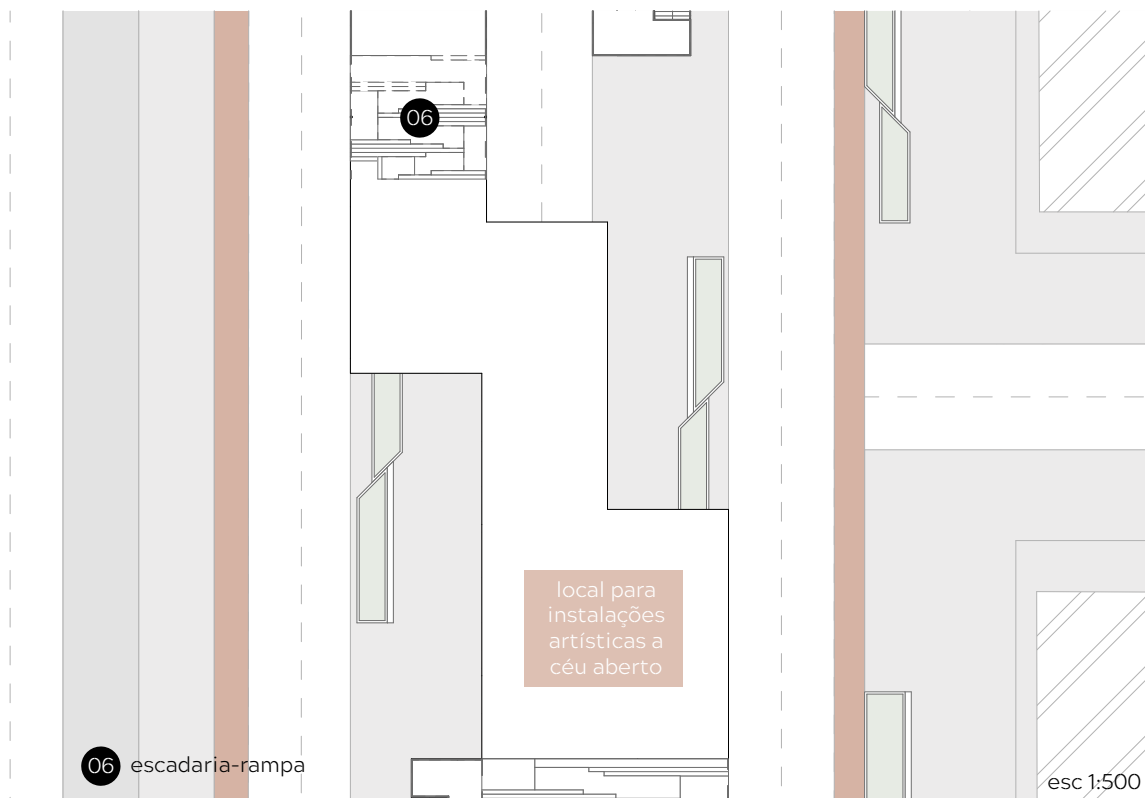
TRECHO 09 - NÍVEL TÉRREO



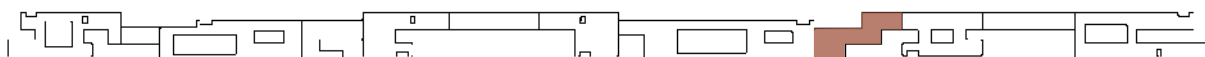
legenda de situação do trecho



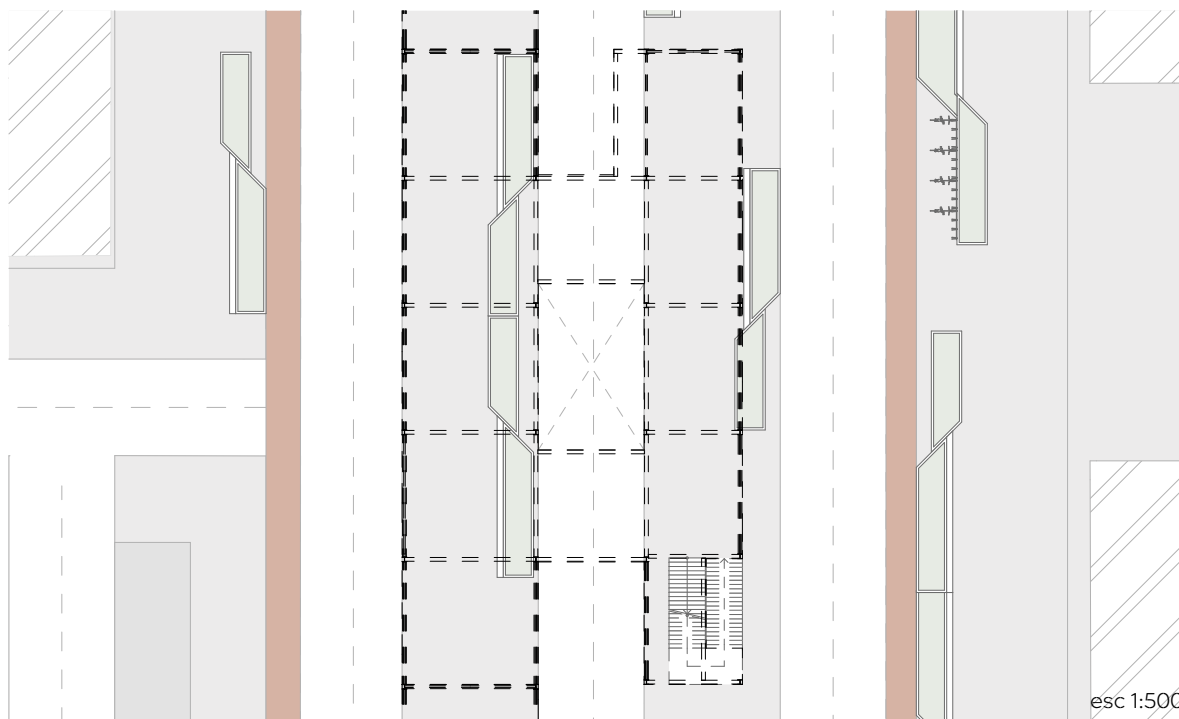
TRECHO 09 - 1 PAVIMENTO



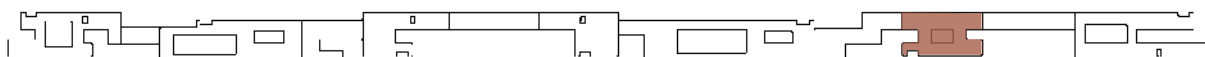
legenda de situação do trecho



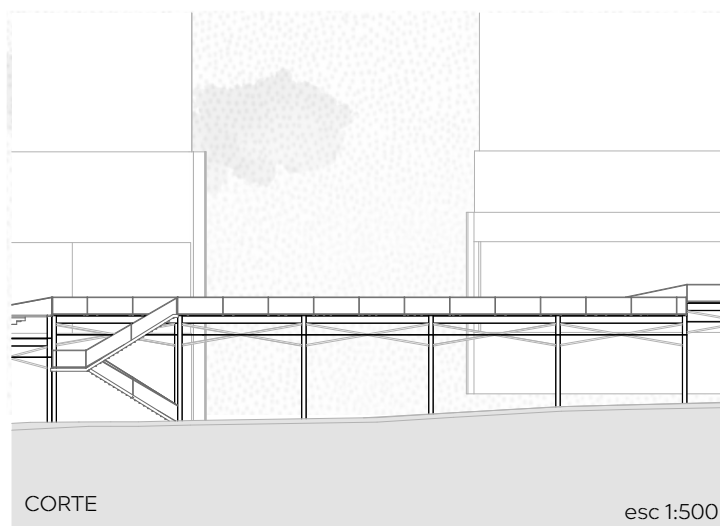
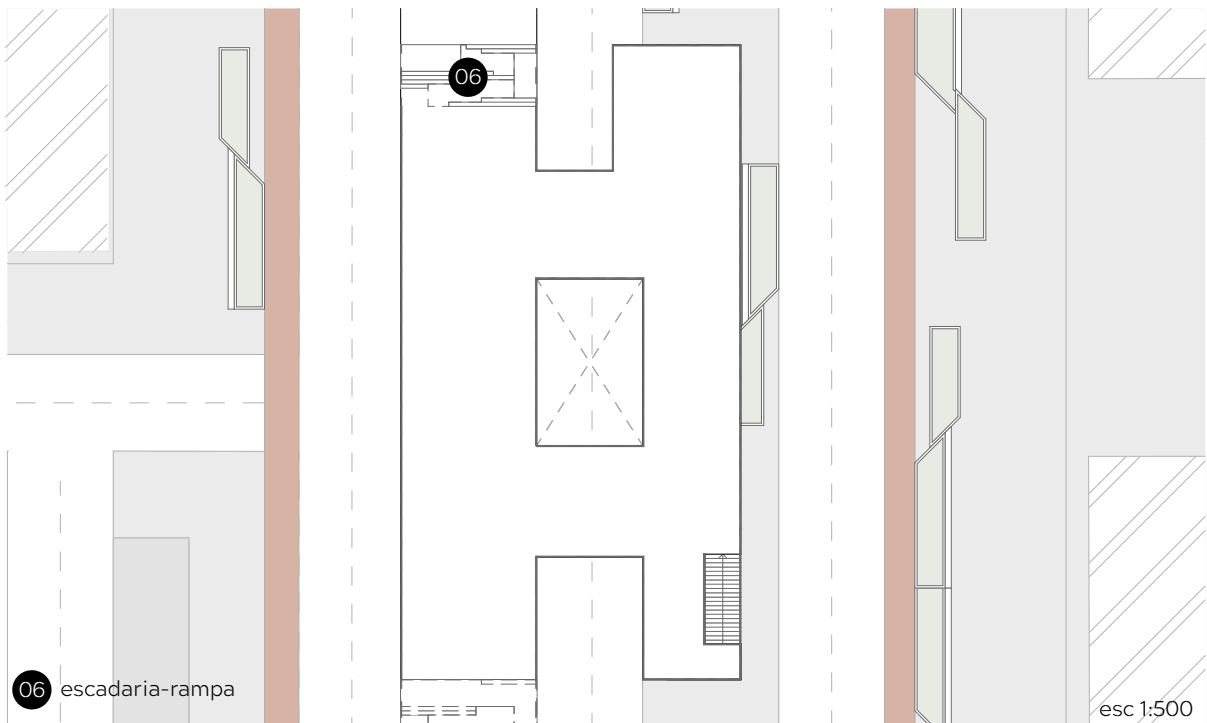
TRECHO 10 - NÍVEL TÉRREO



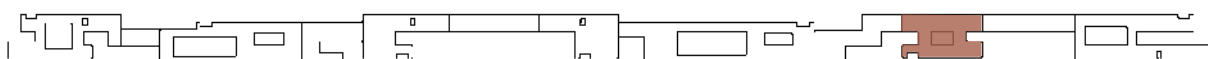
legenda de situação do trecho



TRECHO 10 - 1 PAVIMENTO

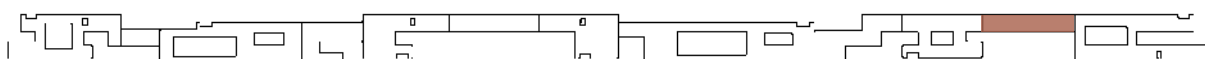
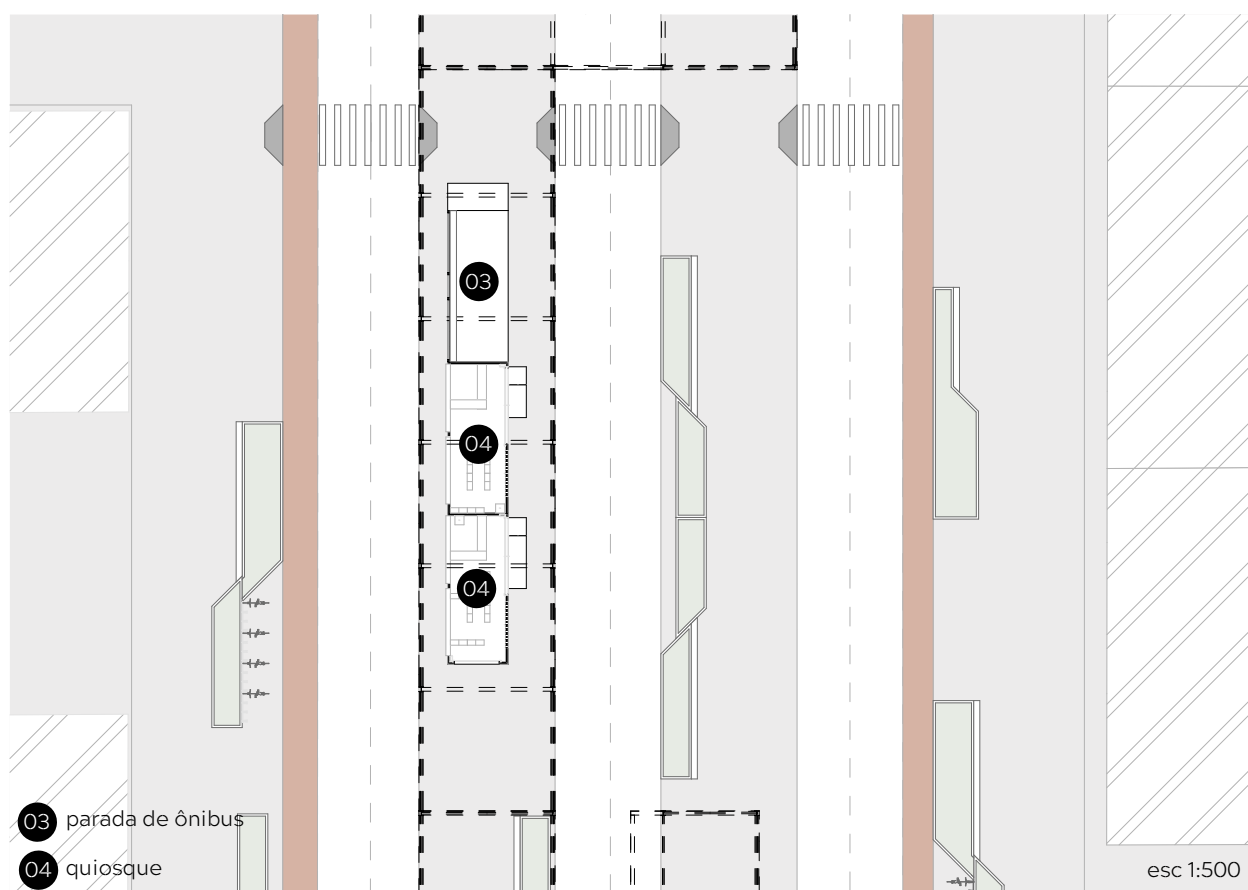


legenda de situação do trecho

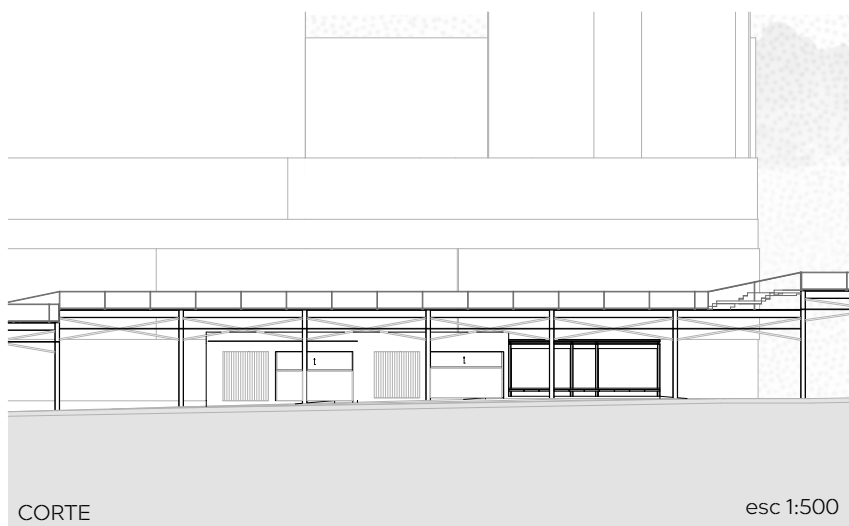
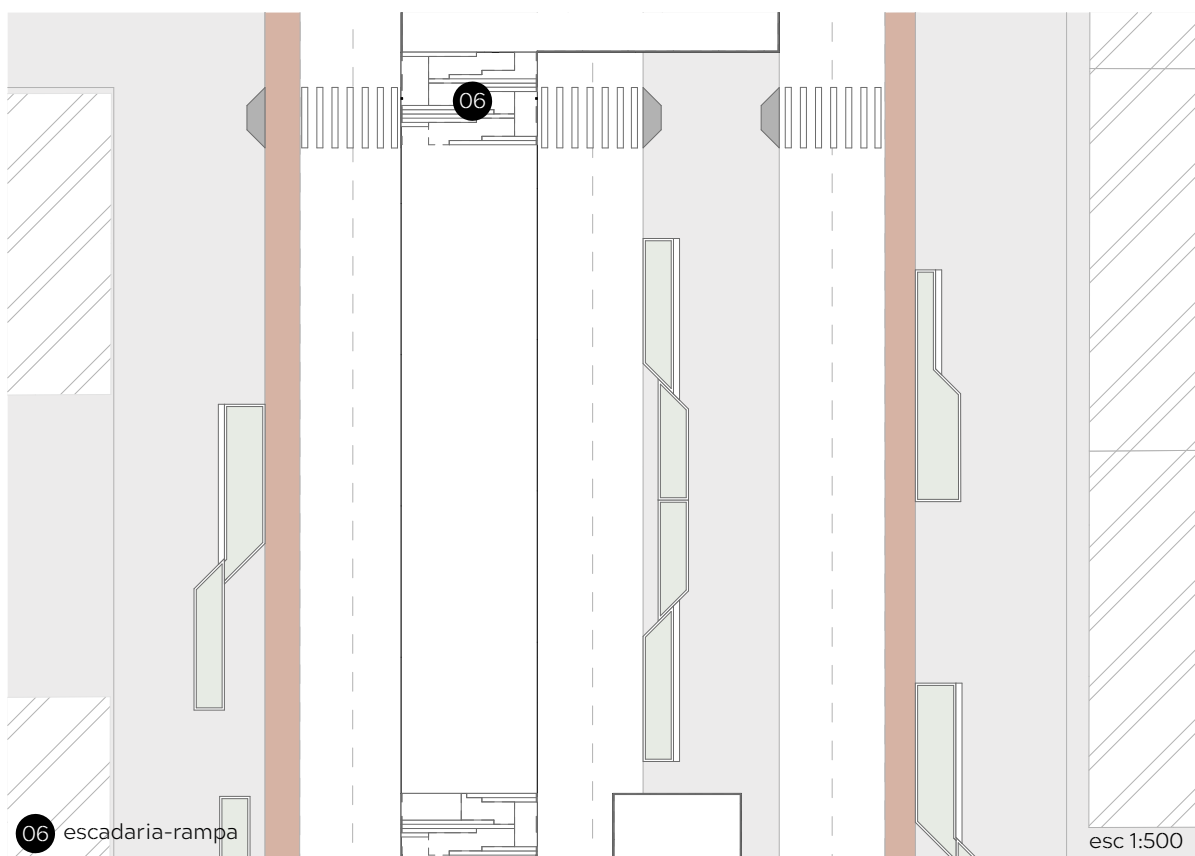




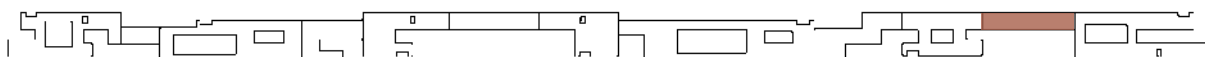
TRECHO 11 - NÍVEL TÉRREO



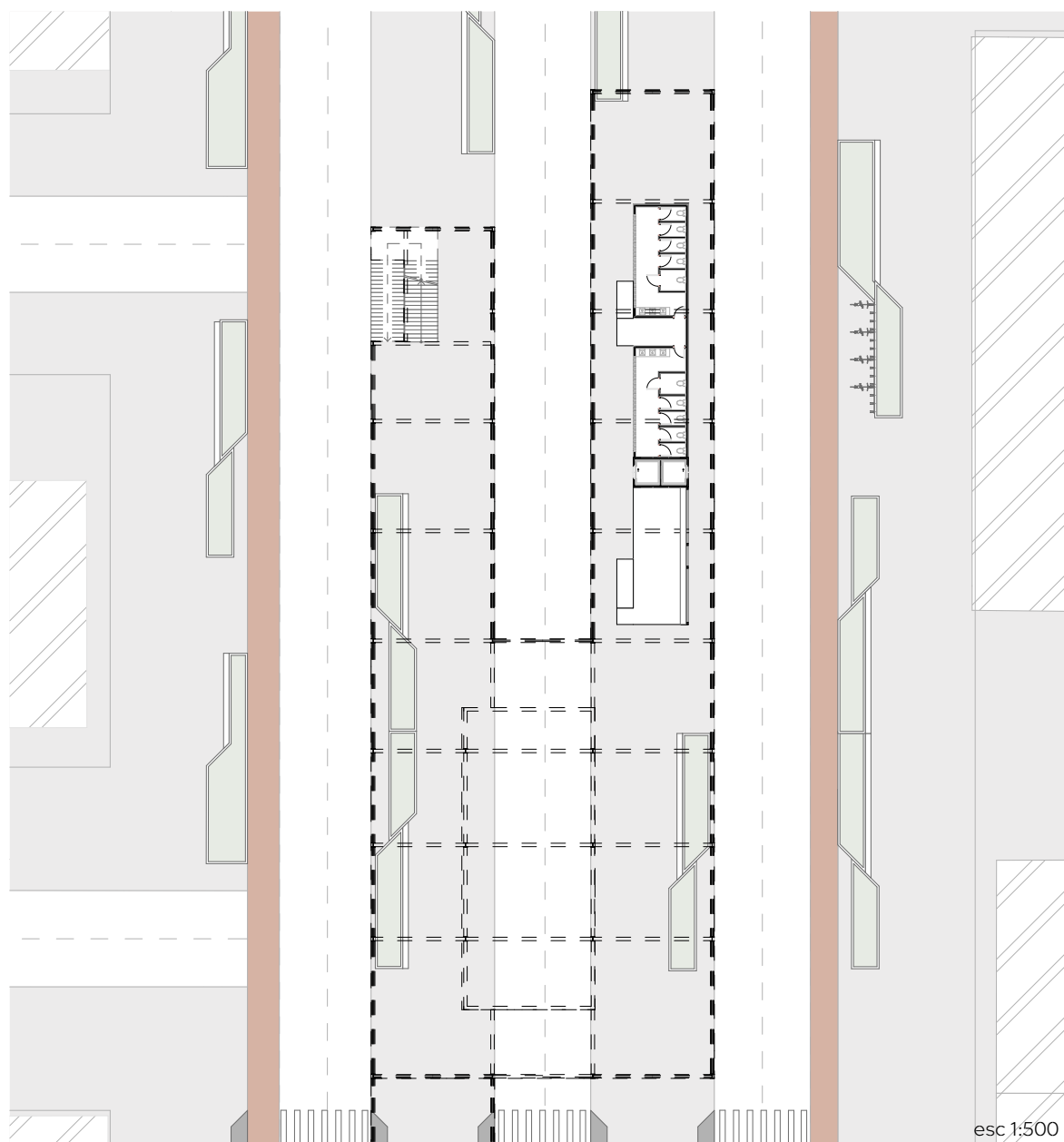
TRECHO 11 - 1 PAVIMENTO



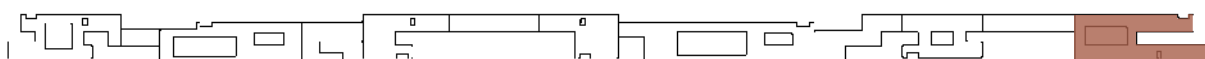
legenda de situação do trecho



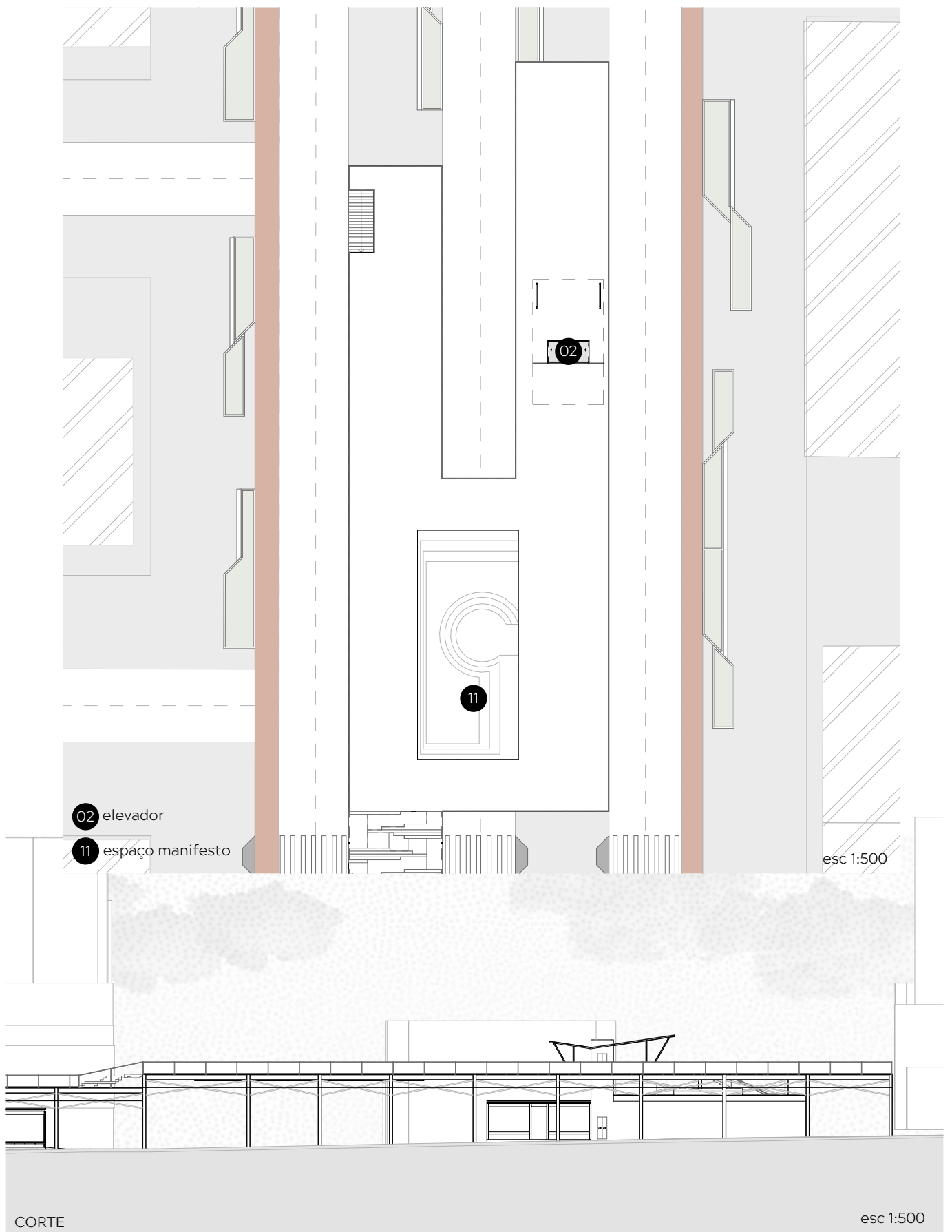
TRECHO 12 - NÍVEL TÉRREO



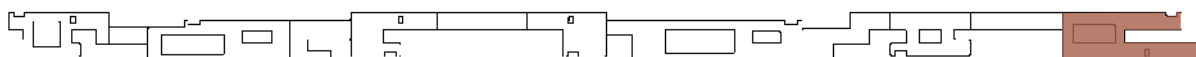
legenda de situação do trecho



TRECHO 12 - 1 PAVIMENTO



legenda de situação do trecho



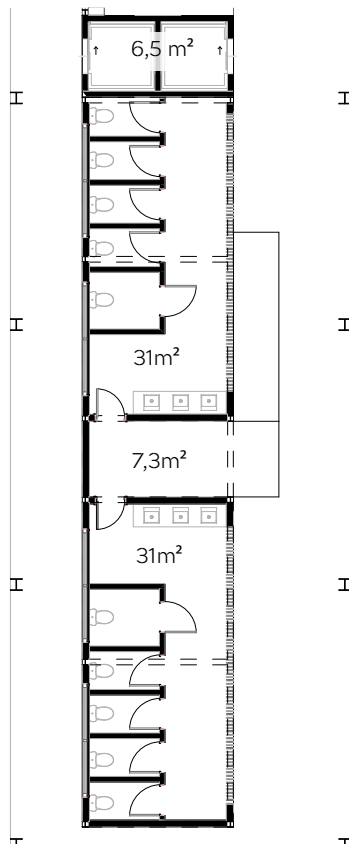


nível térreo

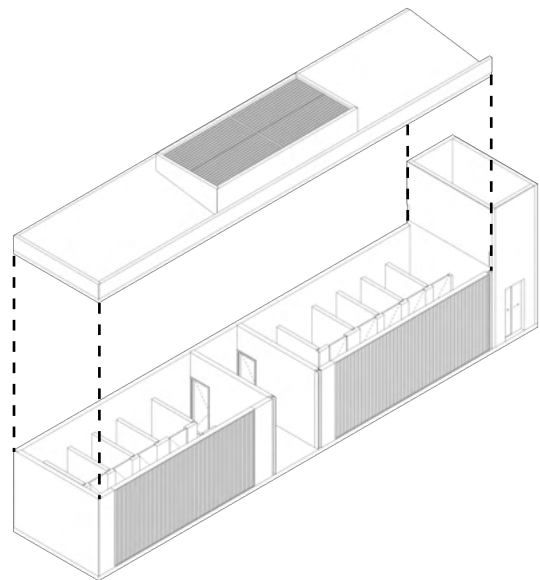
# PEQUENA ESCALA

## PONTOS DE PERMANÊNCIA

01 banheiro público + 02 elevador

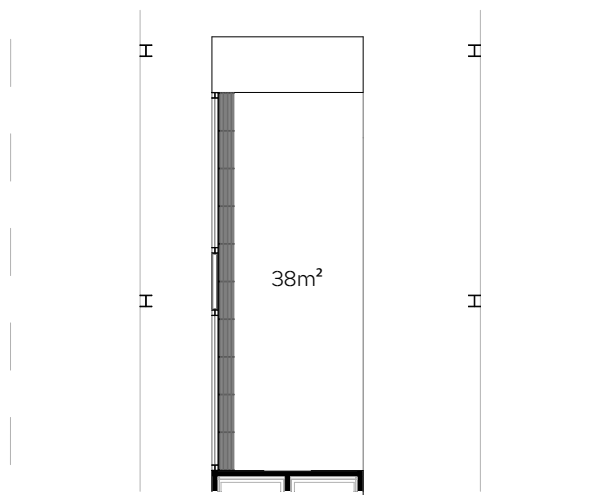


esc 1:200

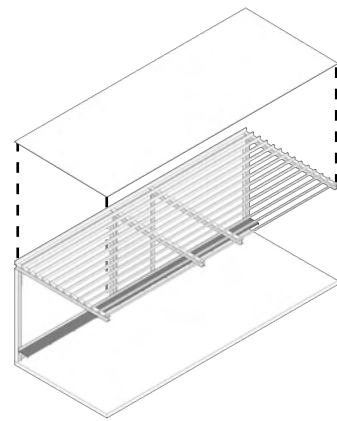


0 2 4m

03 parada de ônibus

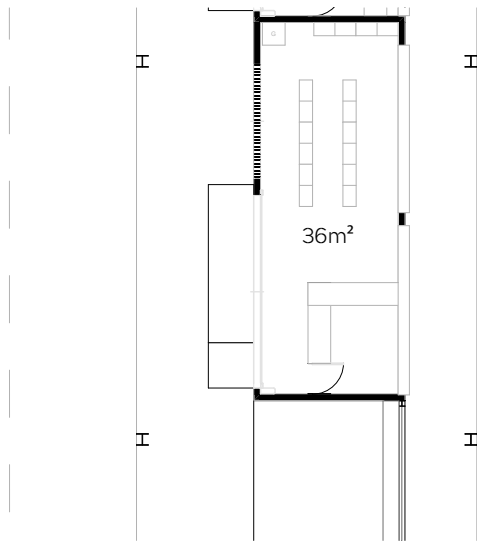


esc 1:200

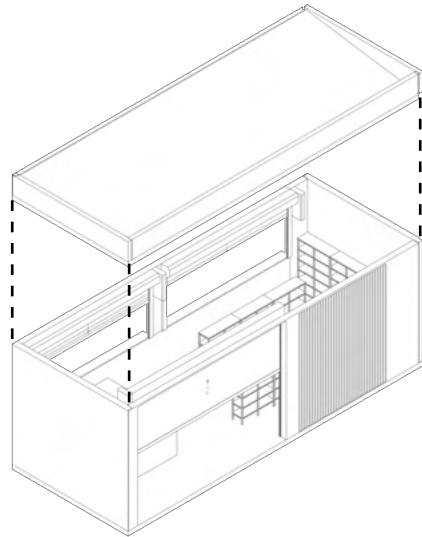


0 2 4m

04 quiosque



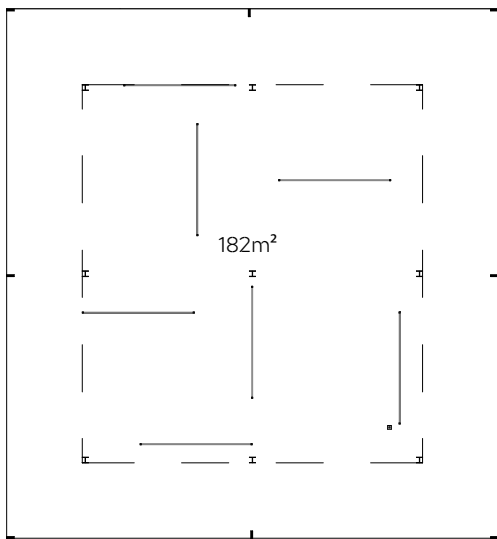
esc 1:200



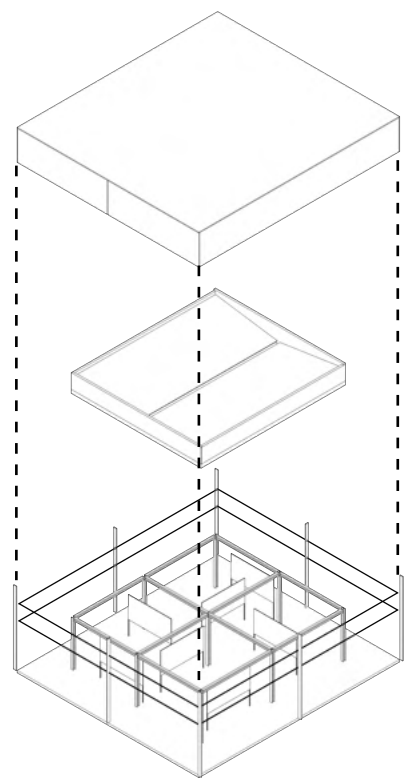
0 2 4m



05 espaço de exposição 1

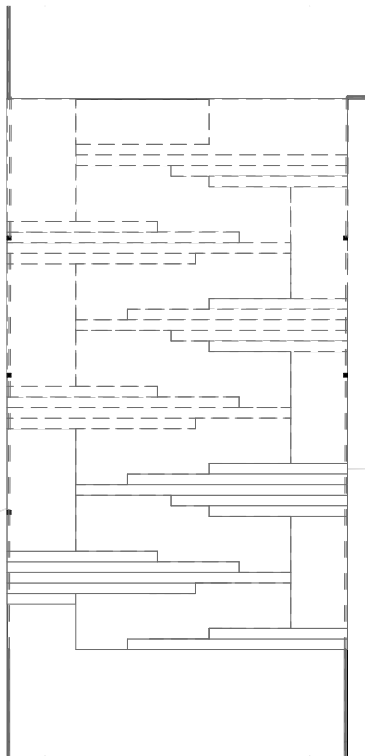


esc 1:200

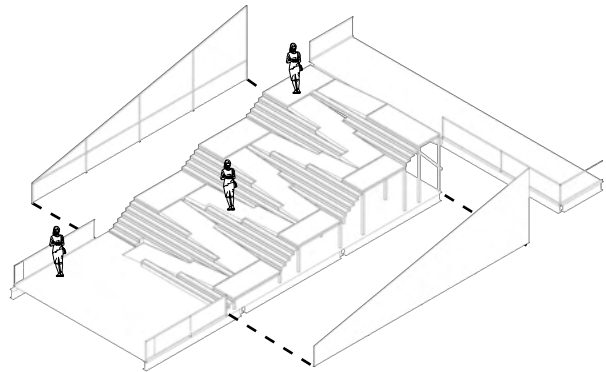


0 2 4m

06 escadaria-rampa

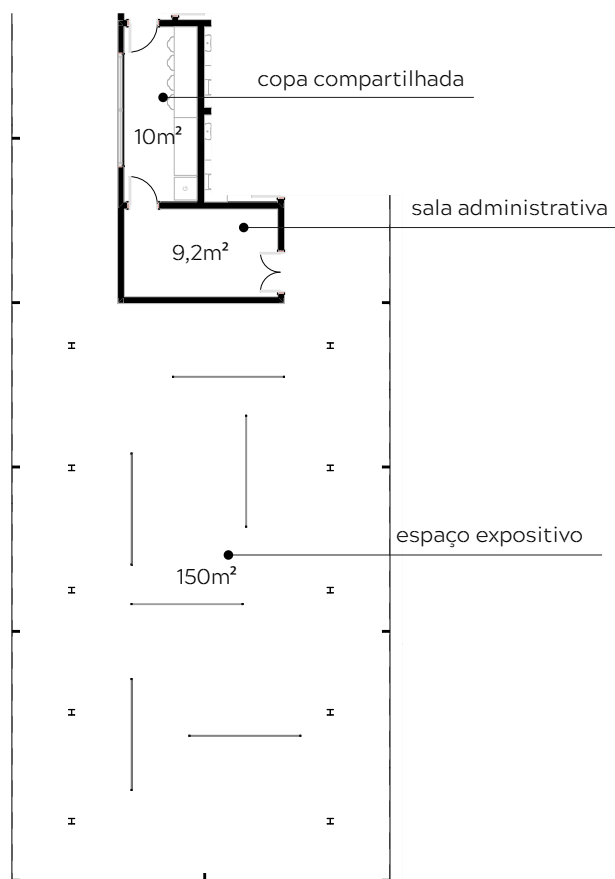


esc 1:200

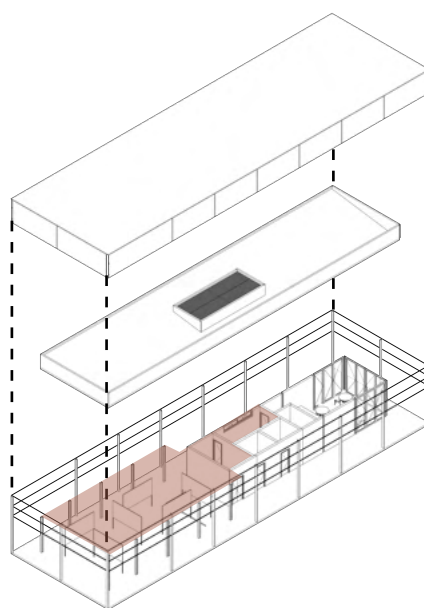


0 2 4m

07 espaço de exposição 2

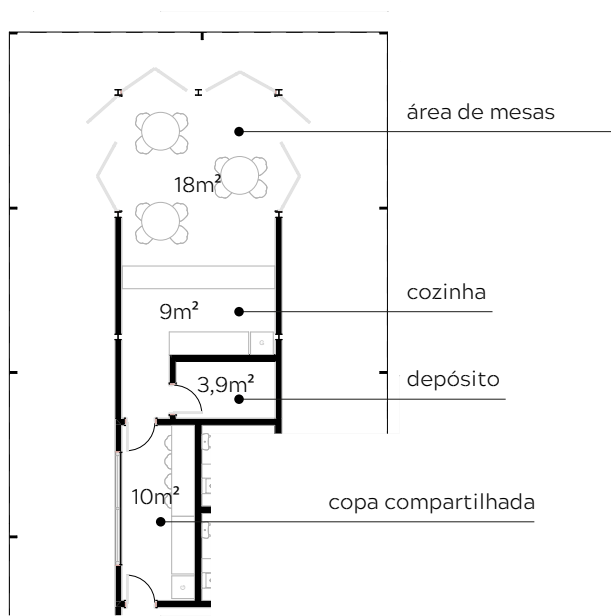


esc 1:200

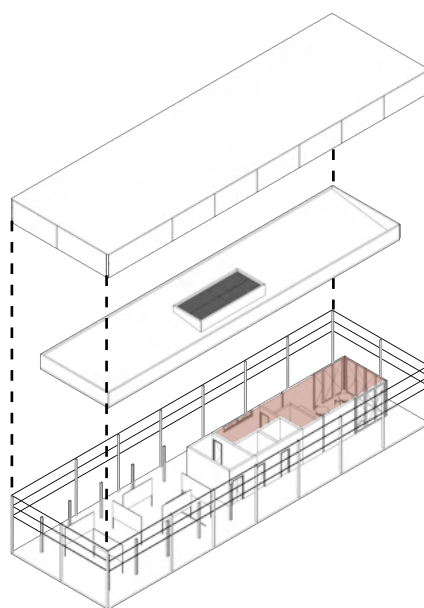


0 2 4m

08 café

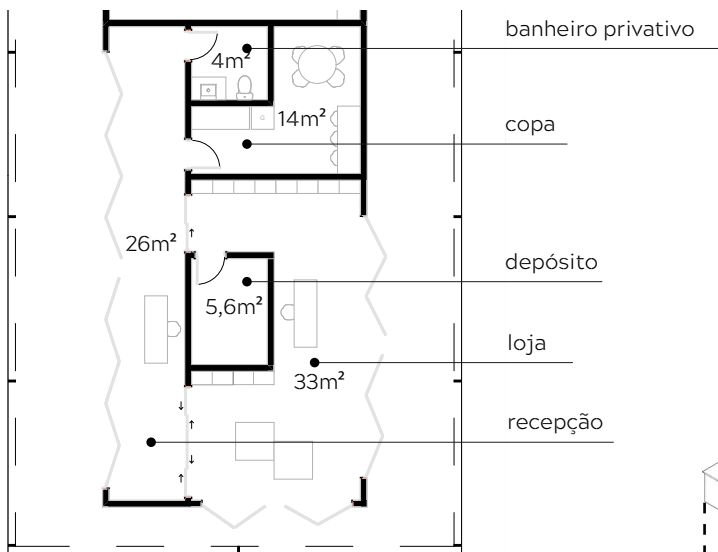


esc 1:200

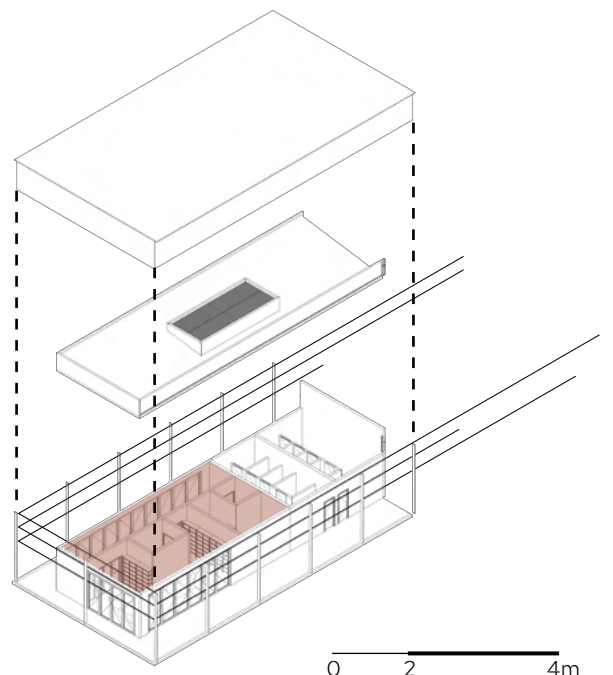


0 2 4m

09 ponto de cultura do IPHAN

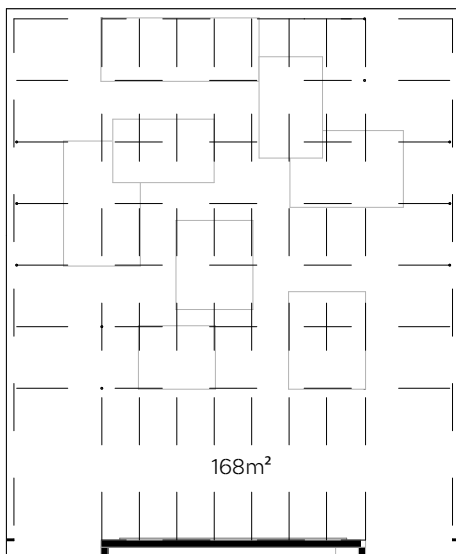


esc 1:200

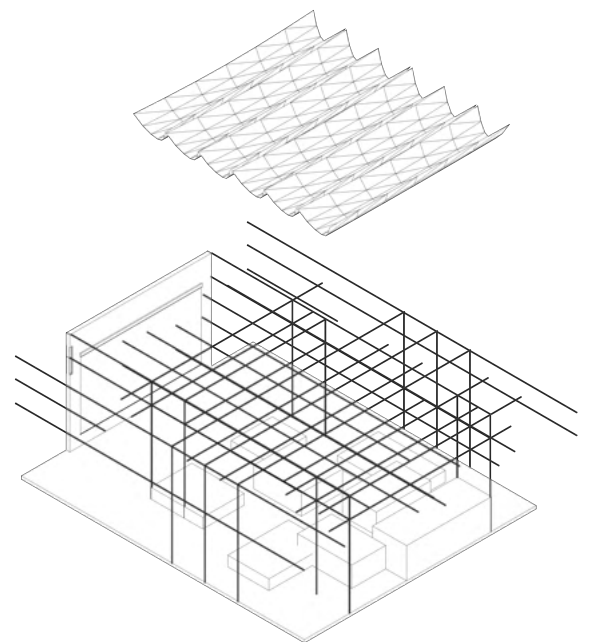


0 2 4m

10 cinema urbano

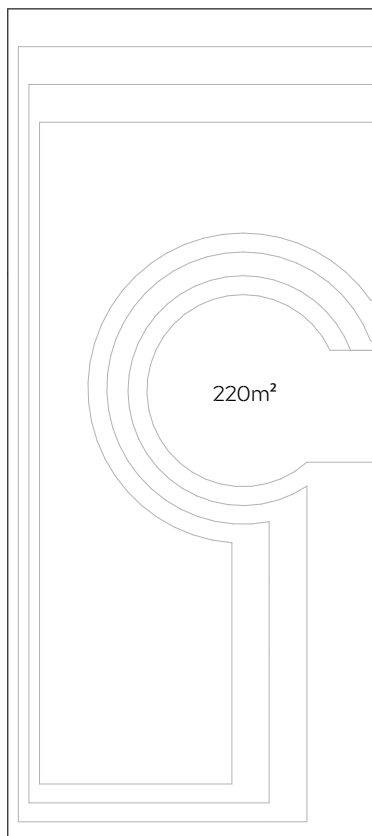


esc 1:200

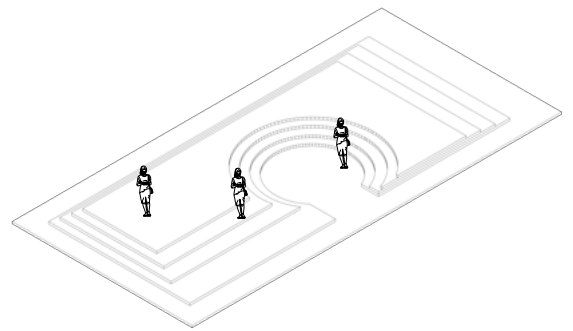


0 2 4m

11 espaço manifesto



esc 1:200



0 2 4m



escadaria-rampa





cinema urbano

- ARCHDAILY. **High Line New York: são reveladas as imagens da terceira e última seção.** Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/01-38223/high-line-new-york-sao-reveladas-as-imagens-da-terceira-e-ultima-secao/>. Acesso em 15 de outubro de 2021.
- AMIZO, Isadora Banducci. **Taguatinga: crescimento, transformações e permanências (1958-2018).** Projeto de qualificação de Doutorado, Brasília, 2021.
- ARQUIVO PUBLICO DO DISTRITO FEDERAL. **Histórico da Cidade.** Número da caixa: 001, Dossiê: 01. Brasília, 1976.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 2002.
- CODEPLAN. **Relatório do Plano Piloto.** Brasília, 1991.
- COSTA, Fernando Rodrigo Silva. **Revitalização de espaços públicos: os casos do High Line Park em Nova York e do Minhocão em São Paulo.** Paraíba, 2020.
- DERNTL, M. F. **O Plano Piloto e os planos regionais para Brasília entre fins da década de 1940 e início dos anos 60.** Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, V.21, N.2. São Paulo, 2019.
- GDF. **Plano Diretor de Transporte Urbano e Mobilidade do Distrito Federal e Entorno - PDTU - 2010.** Brasília, 2010.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004.
- HOLANDA, F. R. B. de. **Brasília: da Carta de Atenas à cidade de muros.** V Seminário Nacional Docomomo Brasil, EESC USP. São Carlos, 2003.
- HOLANDA, F. de. **Brasília: utopia ou segregação à brasileira.** Le Monde Diplomatique, acervo online, 2016.
- HOLSTON, J. **A Cidade Modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia/** James Holston; Tradução Marcelo Coelho. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- LEFEBVRE, Henri. **The production of space.** Oxford, UK & Cambridge, 1993.
- LEMOS, Maria Fernanda Rodrigues Campos. **Revitalização de espaços urbanos ociosos como estratégia para a sustentabilidade ambiental: o caso do High Line Park no contexto o PLANYC.** Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, 2013.
- LUIZ, Edson Beú. **Os filhos dos candangos: exclusão e identidades.** 2007.
- MAGALHÃES, Nancy Aléssio. **Narradores: vozes e poderes de diferentes pensadores.** In: COSTA, Cléria Botelho da & MAGALHÃES, Nancy Aléssio (orgs.). **Contar história, fazer História.** Brasília: Paralelo 15, 2001.
- MAGALHÃES, Nancy Aléssio; MATSUMOTO, Roberta K.; NUNES, José Walter. **Memória e História Oral: esquecimento e lembrança no movimento de identidades.** In: Oralidade e Outras Linguagens. Cadernos do Ceam/Núcleo de Estudos da Cultura, Oralidade, Imagem e Memória. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.
- MORAES, Luis Edmundo de Souza. **O negacionismo e as disputas de memória: Reflexões sobre intelectuais de extrema-direita e a negação do holocausto.** XIII Encontro de História Anpuh - RIO, Identidade. Rio de Janeiro, 2008.
- OLIVEIRA, Juscelino Kubitschek. **Por que Construí Brasília.** Brasília: Senado Federal, 2000.
- PAVIANI, A. **Brasília, a metrópole em crise: ensaios sobre urbanização.** Brasília: Ed. UnB, 2010.
- PAVIANI, A. **Patrimônio urbano de Brasília: urbanização com desigualdade socioespacial.** Brasília, 2011.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** In: Estudos Históricos, v. 5, n. 10. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1992.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. **A Construção de Identidades e a Política de Representação.** In: Ferreira, Lúcia M. A. & Orrico, Evelyn G.D. (orgs.), Linguagem, Identidade e Memória Social. Rio de Janeiro: DPCA, 2002.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença.** Petrópolis: Vozes, 2000.
- THE HIGH LINE. **High Line.** Disponível em <https://www.thehighline.org/>. Acesso em 15 de outubro de 2021.
- THOMPSON, Paul. **A transmissão cultural entre gerações dentro das famílias: uma abordagem centrada em histórias de vida.** In: DINIZ, Eli; LOPES, José; PRANDI, Reginaldo (Orgs.). Ciências sociais hoje. São Paulo: Hucitec, 1993.
- WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In: Identidade e diferença. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis: Vozes, 2000.

